

**ZÉ DA VELHA
& SILVÉRIO PONTES**

30 ANOS

**A MENOR
BIG BAND
DO MUNDO**

**ZÉ DA VELHA
& SILVÉRIO PONTES
30 ANOS**

ANDRÉ DINIZ E DIOGO CUNHA

**A MENOR
BIG BAND
DO MUNDO**

Al-Fārābi
EDITORIAL

Rio de Janeiro
Al-Farabi Editorial
2016

Copyright@ 2016 André Diniz
Todos os direitos desta edição reservados
a Narwal Projetos Editoriais

Edição

Carlos Alves

Revisão de originais

Evelyn Chaves

Capa e editoração

REC Design

Revisão

Renato Deitos

Foto da capa

Marília Figueiredo

Catálogo na Publicação (CIP)

Diniz, André 1 970-e Cunha, Diogo,
Zé da Velha e Silvério Pontes – 30 anos. Prefácio de
Henrique Cazes.
– Rio de Janeiro: Al-Farabi Editorial, 201 5

XXX p.

ISBN: 978-85-69869-01-6

1 .Biografia. Música brasileira. 2.Diversos.

I.Título.

CDU 394.25(81)

CDD B869.4

Para Isis, com amor

André Diniz

À Ana, minha casa.

Diogo Cunha



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Toco y me voy, um-dois.....9

PREFÁCIO

Tocar que nem garçom, servindo o outro13

CAPÍTULO 1

Zé da Velha oua velha do Zé17

CAPÍTULO 2

Maxixe de família31

CAPÍTULO 3

No ninho de cobras.....45

CAPÍTULO 4

Ô Silvério, meu irmão!57

CAPÍTULO 5

Velhas pontes.....73

CAPÍTULO 6

Ele & Eu.....97

DISCOGRAFIA121

BIBLIOGRAFIA.....145

AGRADECIMENTOS.....153

APRESENTAÇÃO

TOCO Y ME VOY, UM-DOIS

A parceria entre Zé da Velha e Silvério Pontes não podia dar outra coisa, porque são dois gênios.¹

Beth Carvalho

Elementar, meus caros leitores e leitoras! Nunca se deve desprezar o trivial. Não é isso que Sherlock Holmes diria ao seu auxiliar Watson e Hercule Poirot ao Capitão Hastings? Seguindo as pistas dessas duas duplas inseparáveis, podemos afirmar, sem comprometer a cena do crime, que dupla não é apenas sertaneja.

Quantas vezes fomos coercitivamente grampeados por Zé da Velha e Silvério Pontes; Erasmo e Roberto; Tom e Vinicius; Nei Lopes e Wilson Moreira; Cidinho e Doca; Pixinguinha e Benedito Lacerda; Michael Sullivan e Paulo Massadas? *Que maçada, que maçada!*

Zé da Velha e Silvério Pontes são mais do que almas afins, regional metido a besta ou a *Menor Big Band do Mundo*. São “dois gênios”² e a “janta garantida”.³ É pensão completa com acepipes e bebidas capazes de encher a pança de mais três duplas como Oliver Hardy, Obelix e Sancho Pança – parceiros de Stan Laurel, Asterix e Dom Quixote, respectivamente.

Mas qual é a receita de 30 anos de parceria entre Zé da Velha e Silvério Pontes? Quantos casamentos chegam a tanto? “Bodas de pérolas” é cafona, mas não é moleza! Para “sebastianopolitanos” como o jornalista Sergio Cabral, trinta anos é pinto: “Como

1 Entrevista de Beth Carvalho aos autores em 29 de junho de 2016.

2 *Ibidem*.

3 Entrevista de Renato Piau aos autores em 20 de janeiro de 2016.

um apaixonado pela nossa música e pela nossa cidade, acho Zé e Silvério fantásticos. Eles são músicos ‘cariocas’. São pessoas de quem eu falo com grande encantamento. Com amor mesmo. Com admiração. Quero que eles sobrevivam por séculos.”⁴ O também jornalista Tárík de Souza compartilha essa admiração: “Além de formarem uma rara dupla de trombone e trompete, eles trafegam do choro (salve Pixinguinha!) à gafieira (“Paraquedista”) e encaíram do samba-enredo (“Homenagem a Tiradentes”) à “Valsa de uma cidade”; do sambalço (“Menina moça”) à “Bossa no.1”; do ancestral e centenário ‘Pelo telefone’ ao novelístico ‘Pecado capital’, do mestre moderno Paulinho da Viola. Tal ecletismo e versatilidade e o estudo permanente de novas formas de recriar grandes clássicos, além das composições próprias (como a de título bem-humorado “Velhas Pontes”), explicam como e por que Zé & Silvério, durante todo esse tempo – 30 anos não são 30 dias! –, não deixaram a peteca cair. A referida não consegue ficar parada ante uma dupla com tanto suíngue nas veias.”⁵

Pelé e Garrincha, por exemplo, não jogaram 30 anos juntos pela seleção brasileira, mas fizeram 33 partidas (1958-1966) com a amarelinha (e a azul). Resultado: vencemos 29 e empatamos apenas quatro (Ivan Soter⁶ sempre certo em seus dados). Nunca perdemos uma com Pelé e Garrincha na cancha.

Porém, o esquema de Zé da Velha e Silvério Pontes é outro, é tático. Essa *big* parceria joga nas onze. Além de garçons magníficos – entregando a música de bandeja, um para o outro – são também dois centroavantes com cheiro de gol, natos, matadores.

O texto deste livro traz um pouco da receita dos 30 anos de baião, samba, choro, valsa de dois... da *Menor Big Band* do Mundo. Temperado num galão de gasolina, como num samba de Nei Lopes, em sua receita vão duas pitadas de Suvaco de Cobra, trinta choros da cana Marimbondo, rodela de maxixe, alguns ingredientes secretos e uma cozinha de primeira água nos bares da

4 Entrevista de Sergio Cabral aos autores em 8 de setembro de 2016.

5 Entrevista de Tárík de Souza aos autores em 7 de outubro de 2016.

6 O site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) indica 40 partidas da dupla, com 36 vitórias e quatro empates. Qualquer dúvida, disponível em: http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-masculina/selecao-brasileira-jamais-perdeu-com-garrincha-e-pele#.V3t9k_krLIU. Mas, quando o assunto é futebol, confiamos mais na pena e no escalte de Ivan Soter e sua Enciclopédia da Seleção. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

cidade. Depois, refogamos tudo em uma boa panela de barro de Olaria. Mas tome cuidado para não queimar as pestanas. Desse modo, a sugestão do *chef* não é um contraponto: siga à risca o livro ouvindo na vitrola uma bolacha de Zé e Silvério.

Bom apetite, boa leitura e Saravá!

André Diniz e Diogo Cunha

Cosme Velho-Rodoviária (via Praça Mauá), troncal 8, Rio, 2016.

PREFÁCIO

TOCAR QUE NEM GARÇOM, SERVINDO O OUTRO

Henrique Cazes⁷

Na primeira vez em que ouvi a dupla, entendi na hora que a receita se completava e que ali se iniciava uma trajetória que só tinha tido similar nos duetos de Pixinguinha com Benedito Lacerda dos anos 1940.

Vários aspectos musicais fazem com que Zé da Velha e Silvério Pontes deem tão certo juntos. A começar pela atitude interpretativa, voltada para o compartilhamento, ou, como diz o Zé, “tocar que nem garçom, servindo o outro”. Outro ponto comum é a fluência constante, nunca sacrificada por andamentos ligeiros ou demonstrações inócuas de virtuosismo, tão comuns aos jovens chorões do século XXI. A natural afinidade entre os timbres dos metais, por vezes enobrecida pelo som morno do *flugelhorn*, ajuda ainda mais na identidade sonora inconfundível da dupla. Mas o ponto que mais me instigou desde o início foi: como é possível dois músicos improvisarem simultaneamente sem se esbarrarem, cada um se movimentando livremente e ao mesmo tempo evidenciando o que o outro está tocando? Tudo isso sem partituras escritas, sem arranjos formais.

Aqui cabe introduzir uma terminologia musical mais técnica para aprofundar e esclarecer. Na música tonal, como é o caso de 100% do choro e do samba, o improviso pode explorar basicamente dois planos. A horizontalidade, quando se exploram variações

⁷ Henrique Cazes é maestro, compositor e instrumentista. É autor do livro clássico *Choro: do quintal ao Municipal*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

da melodia e criação de novas melodias sobre uma harmonia dada, e a verticalidade, quando o improviso tem um caráter estruturante, explorando os diferentes graus da harmonia. E tudo funciona perfeitamente com nossa dupla, pois cada um explora um plano. Enquanto Silvério passeia pelas melodias e cria suas variações, Zé trabalha na estrutura harmônica, fornecendo sempre a informação necessária ao acompanhador, mesmo que esse não conheça a música que está sendo tocada. É por esse motivo que, mesmo quando viajam sem o grupo com que estão acostumados a tocar, a dupla flui do mesmo jeito. Tudo isso em tempo real e com um balanço irresistível.

O resultado dessa feliz combinação eu pude acompanhar ao longo dos anos, sempre enriquecido por um entrosamento cada vez maior dos solistas e por um grupo de apoio que se aprimorou fortemente com a fixação do trio Charles no violão, Alessandro no cavaquinho e Netinho no pandeiro.

Mas ainda falta um detalhe. E quando as posições se invertem e o Zé vai para o improviso melódico? Ai se dá um momento de pura magia, que outro dia me fez pensar na seguinte comparação: Zé da Velha na improvisação melódica é como o Garrincha no futebol: usa o mesmo drible o tempo todo, mas sempre funciona, sempre acaba em gol.

TROMBONE E PISTOM

Nei Lopes – Everson Pessoa

*É tempo de curtir e relembrar
Nas velhas gafieiras
Candinho e Bonfiglio,
Norato e Maurílio,
Trombone e piston (filé mignon com champignon)
O choro em sua forma bem jazzística
De arte moderna,
De música eterna
sem rolo ou baderna
Em fino e bom som (a meia luz, em meio tom).
Silvério e Zé da Velha estão aí
Mantendo acesa achama
Bocais e campanas
brilhando bacanas
Trombone e piston (é condição sine-qua-non).
Sente no cheiro
Este tempero brasileiro
Super-carioca (Raul de Barros com Pedraca).
Olha o sovaco desta cobra
Como dobra
Da Penha ao Leblon.
(Roupa de chita ou de rayon).
E tome “Dorsey”!
Erre, James, pode errar
Que no final dá certo
(Pergunta só pro John Gilberto).
O Zé da Velha
É um caso sério
E com Silvério
É tudo de bom.
(Salve o Maestro Carioca e a Orquestra do Fonfon)pela deferência.*



O nosso Zé, que ainda não era da Velha, no último degrau na extrema esquerda, com o trombone na mão na "bandinha" do IAPC de Olaria. Na extrema direita, único careca de terno na imagem é o maestro Alcides Fernandes, 1956.
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes)

CAPÍTULO 1

ZÉ DA VELHA OU A VELHA DO ZÉ

Um sujeito que se chama Zé da Velha só pode ser bom sujeito. O Zé é um patrimônio da cidade.⁸

Sergio Cabral, pesquisador

Manhã de domingo. Lila Lea arrasta orgulhosa o pequeno coroinha – liturgicamente vestido com túnica vermelha e sobrepeliz branca – à Igreja Nossa Senhora da Piedade. Depois da missa, religiosamente, a banda V de Novembro, dos marmanjos da cidade, esperava a saída dos fiéis e atacava um repertório dos diabos: dobrados, polcas, mazurcas, choros e xotes.

Na praça Padre Martins, em frente à igreja, depois da missa, o pequeno coroinha exercia outra função: era camisa dez do escrite do Padre Joaquim. E só dava um fresco na pelada quando saía para brincar de pique no rio Muriaé.

O filho de Hélio Fonseca Pontes e Lila Lea não era o que podemos chamar de um papa-hóstias. Gostava das missas, mas também adorava sair de casa todo emperiquitado e, como um santo, ficar ouvindo, sentado na bancada dos trompetes, seu pai ensaiar na banda V de Novembro. Depois dos ensaios, pai e filho batiam ponto no bar de Hélio de Sá e Dona Laurides, onde Helio Pontes bebia cervejas com os amigos, comia deliciosos tira-gostos e o pequeno saboreava alguns picolés. Na vitrola de madeira, na entrada do estabelecimento, rolavam as bolachas de Paulo Moura, Pixinguinha, Abel Ferreira, Severino Araújo e outros nomes do choro. Certo domingo, o menino ouviu (e pelo visto nunca mais esqueceu) o pai cantar a seguinte pedra:

⁸ Entrevista de Sergio Cabral aos autores em 8 de setembro de 2016.

– Escuta, Véio, olha como é bom! Escuta... Esse é um grupo de choro lá do Rio. Olha o trombonista como toca bonito, cheio de contraponto.⁹

O grupo “lá do Rio” tinha apenas dois cariocas “autênticos”: um do Santo Cristo e o outro da Penha Circular. Além deles, tinha um mineiro, dois da Terra da Garoa, dois nordestinos, um paraibano de Princesa Isabel e por fim, o “trombonista que toca bonito”, o aracajuano José Alberto Rodrigues Matos. Esse chegou ao Rio no final dos anos 40 e encontraria, mais de 30 anos depois, o menino atento aos seus contrapontos apresentados pelo pai.

Fala, Olaria

*Casas sem cor
Ruas de pó, cidade
Que não se pinta
Que é sem vaidade...
Subúrbio, Chico Buarque*

Em 13 de agosto de 1949, o *Correio de Aracaju* denunciou algumas “façanhas” da administração do então governador de Sergipe: “O governador José Rollemberg Leite está fazendo uma administração que vai deixar seu nome nos anais da política de Sergipe. Alega por falta de recursos não poder matar a fome dos funcionários, enquanto vive empanzinado com os proventos da dotação gorda de palácio. Diariamente da sua usina de portarias saem nomeações, até de oficial administrativo contratado. As repartições são viveiros de diaristas e mensalistas que não têm onde se sentar, tal o número deles que vai numa alarmante progressão. Por outro lado, os soldados da polícia caem de fraqueza, exânimes, famintos, na via pública. Sr. José Rollemberg quer ser agora o nosso Bismark de cartão postal e transformar o nosso Sergipe numa Prússia de presépio.”¹⁰

Com esse Deus nos acuda na segurança pública sergipana, não

9 Contraponto é a melodia secundária que dialoga com a principal.

10 Belezas da administração do Sr. Governador. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 13 de agosto de 1949. p. 1.

deu outra. No dia seguinte à matéria do Correio de Aracaju, em 14 de agosto de 1949, Humberto Vieira Matos e Maria Rodrigues Matos tiveram sua alfaiataria assaltada. Desgostosos, e com um grande prejuízo nas mãos, resolveram arrumar as malas e partir para a então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Não que a cidade do Rio fosse mais segura que Aracaju. Longe disso. Mas no Rio os Matos também não chegariam com uma mão na frente e a outra atrás, já que Maria Rodrigues tinha uma irmã que morava no subúrbio carioca de Olaria. Mesmo com essa guarida, não deixava de ser uma mudança e tanto. Para se ter uma ideia, a cidade de Aracaju tinha uma população de 78 mil habitantes, enquanto o Rio, mais de 2 milhões.

O filho único do casal, José Alberto Rodrigues Matos, tinha sete anos quando embarcou para o Rio. Na realidade, oito. José Alberto é o que chamamos no mundo do futebol de “gato”. Ele veio ao mundo no dia 1 de junho de 1941, mas foi registrado dez meses depois, em 4 de abril de 1942. Com a certidão de nascimento na mão, o casal Matos colocou o pequeno nos braços e partiu...

A Cruzeiro do Sul agradece a preferência e deseja a todos uma boa viagem

A viagem não foi de pau-de-arara ou em algum pequeno Ita. A família embarcou num Douglas DC-3, uma espécie de avião “parador”, da companhia Cruzeiro do Sul, que aterrissou no Rio sete horas depois de levantar voo. Hoje, sem sustos, o tempo de viagem é de duas horas e meia. Mas o DC-3 era um trambolho. Pesava quase dez toneladas e tinha 19,7m de comprimento. O publicitário e cronista Joca de Souza fez a mesma viagem da família Matos e conta: “Fui ao Rio pela primeira vez num DC-3 da Cruzeiro do Sul. Escalas em Maceió, Aracaju, Salvador e Vitória. Saímos daqui do aeroporto do Ibura de manhã cedo e chegamos ao Santos Dumont quase à noite. O DC-3 era um bimotor a hélice, voava baixo e devagar. Demorava, mas a gente chegava. E na hora mais ou menos prevista.”¹¹

Ao desembarcar, os Matos foram para a rua Antônio Rego, 1179, esquina com a rua Paranhos, em Olaria. Uma casa pequena

11 LEÃO, Joca de Souza. *Crônicas*. Recife: Cepe, 2013, p. 55.

com sala, cozinha, banheiro e um quarto. Eram seis pessoas morando debaixo do mesmo teto. Além de José, Humberto e Maria, a avó materna de José, uma tia e o marido. José, Maria, Humberto e a avó dormiram na sala por uns quatro anos; depois seus tios se mudaram e os Matos ficaram na casa. Assim que chegou, Humberto foi trabalhar em uma alfaiataria no Centro do Rio e montou uma birosca no bairro onde moravam.

São os do Norte que vêm

Nos anos 50, milhares de nordestinos chegavam ao Rio de Janeiro, fugindo da seca e sonhando com dias melhores no Sul Maravilha – nesse período, 20 mil migrantes eram oriundos de Sergipe. Boa parte deles trabalhava na construção civil e nas fábricas. Suas mãos, seus braços e pés construíram o gigantismo das principais cidades do Sudeste. Entretanto, continuavam viajando igual a sardinha em lata, em bondes, trens e coletivos lotados, e morando em favelas e bairros suburbanos.

Mas engana-se redondamente quem pensa que o bairro de Olaria era uma terra de ninguém. Pelo contrário. Área que outrora fez parte da freguesia de Irajá e depois da freguesia de Inhaúma, em Olaria havia vários estabelecimentos agrícolas, como a fazenda Engenho de Pedra. O lote olariense passou pelas mãos das famílias Souto Mayor, Ferreira, Roma e Rego.

Um dos principais mandachuvas do local era Custódio Nunes, doador dos terrenos da Igreja São Geraldo (padroeiro do bairro) e do Olaria Atlético Clube. O nome do bairro está associado às antigas fábricas de tijolos e utensílios de barro, matéria-prima que existia em abundância na elevação hoje conhecida como Morro do Alemão. O morro pertencia, nos anos 20, ao espólio do polonês Leonard Kaczmarkiewicz. A área ficou conhecida pela alcunha popular do proprietário polaco – *Alemão*.

Em 1886, o bairro ganhou a Parada de Olaria, recebendo oficialmente o *status* de estação ferroviária em 1917. Treze anos depois, em 1930, a estação foi rebatizada com o nome do prefeito do Rio de Janeiro Pedro Ernesto, primeiro alcaide carioca a patrocinar, em 1935, o fuzuê das escolas de samba do Rio de Janeiro. Foi

grande brasileiro, mas como nome de estação não cabalou os votos dos moradores da região. A estação voltou à denominação original e o prefeito passou a emprestar o seu nome a hospitais, escolas, praças, ruas etc. Outro dado importante é a presença de imigrantes de origem judaica no bairro. Na década de 50, um grupo de judeus oriundos principalmente da Polônia (olha os poloneses do Morro do Alemão aí de novo), Rússia e Bessarábia, fundou a belíssima sinagoga Ahavat Shalom. Ela ainda permanece de pé e realiza as cerimônias do Shabat, além de outras festividades religiosas.

Levando a vida na gaita

Já em casa, devidamente alojados no bairro, Maria Rodrigues Matos apresentou seu filho de dez anos com uma gaita comprada em Madureira. Em toda festinha em Olaria José metia a boca na gaita. O menino, com bom ouvido, pegou rapidamente as músicas “Saudades do Matão” (Antenógenes Silva), “Asa Branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) e “Brasileirinho” (Waldir Azevedo). Apesar da facilidade na gaita, o pai queria que o filho estudasse saxofone. Vivia dizendo ao menino para aprender o instrumento. Alfaiate de profissão e músico amador, Humberto tocava saxofone alto e um pouco de clarinete. Foi ele que deu as primeiras aulas de música para o filho, ensinando teoria e solfejo. Já as aulas de trombone de pisto e saxofone não duraram muito tempo. Humberto ficava com a régua marcando o compasso e quando Zé errava... Reguada no aluno! Como “santo de casa não faz milagre”, o menino quase desistiu do aprendizado.¹² Ainda assim, Humberto no saxofone e o filho no trombone pisto tocavam no Conjunto Musical do Vitorino – uma pequena orquestra, segundo José –, composta por dois saxofones, bateria, trombone, pandeiro, violão, trompete e sanfona. As apresentações aconteciam em clubes pelo subúrbio e no repertório não faltavam boleros, sambas, choros, chá-chá-chás e rumbas.

Nessa mesma época, em 1952, São Geraldo, o padroeiro do bairro de Olaria, acabou operando um “pequeno milagre” para a

¹² Entrevista de Zé da Velha aos autores em 4 de novembro de 2015.

família Matos: “Às 12 horas de ontem (17 de agosto de 1952) o operário Luiz Alves, com domicílio na rua João Rego, 71 em Olaria, aproveitando a folga dominical apossou-se do caminhão chapa 60-67-02, que estava estacionado próximo à sua residência e saiu para dar um passeio. Todavia, não levou muito longe o seu intento, pois ao passar pelo prédio 145 o veículo desgovernou-se, indo espatifar-se contra o muro do referido prédio, destruindo parte do mesmo e colhendo em sua trajetória a Humberto Vieira de Matos, alfaiate, residente na rua Constantino Rego, 1179, que sofreu fraturas na perna direita e escoriações, e a menor Maria de Lurdes Campos, estudante, filha de Arthur Vieira Campos. As duas vítimas foram internadas no hospital Getúlio Vargas, inspirando cuidados o estado da menor. O criminoso foi preso em flagrante pelo soldado de polícia 4.502 e conduzido ao 21º distrito policial, onde foi autuado.”¹³

Entre mortos e feridos, salvaram-se todos!

A bandinha do IAPC de Olaria

Durante o carnaval de 1956, o milagre operado foi outro. Vendo a banda estudantil do IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes) passar na rua Dr. Alfredo Barcelos, em Olaria, José sentiu que estava na hora de voltar a estudar trombone. Na quarta-feira de cinzas, pediu ao maestro da banda, Alcides Fernandes, para entrar na fileira da agremiação. A banda ensaiava perto da sua casa, no conjunto residencial do IAPC de Olaria, uma nova referência de moradia popular na cidade.

A cidade-jardim dos Comerciantes de Olaria teve seus traços projetados pelo engenheiro Ulysses Hellmeister. A obra, iniciada em 1944, acabou em março de 1946. Nesse período, o IAPC chegou a ter seiscentos mil associados e foram entregues no bairro de Olaria 484 unidades, cada uma com dois quartos, banheiro, cozinha e pequena área de serviço. O conjunto era cheio de aparatos sociais para os moradores: creche, berçário, escola, ambulatório, cursos em horário extraclasse (corte e costura, tricô e bordado),

¹³ Informações retiradas do *Diário da Noite*, de 18 de agosto de 1952, p. 2.

discoteca e biblioteca. Segundo o engenheiro Ulysses Hellmeister, o objetivo dos IAPCs “era integrar o trabalhador à sociedade urbana, transmitindo valores morais”¹⁴. No Rio, existem IAPCs¹⁵ em Coelho Neto (com cinema e igreja), Irajá, Del Castilho, Ramos, Campo Grande, Leblon, Realengo e Grajaú.

Pois bem. A “bandinha” do IAPC de Olaria foi fundada em março de 1955. Reunia jovens estudantes do conjunto residencial e da região. Dedicava-se, sobretudo, às reuniões sócio-recreativas dos moradores. Ao todo a banda tinha 30 componentes. Na comemoração do seu primeiro aniversário, o jornal *Correio da Manhã* trouxe a seguinte reportagem: “Daí o apelo que se faz para que outros moradores emprestem o apoio que merece uma iniciativa como essa, de sentido altamente benéfico para seus filhos, já que, além de consagrá-los em ambiente da mais sadia camaradagem, aprimora-lhes a cultura, despertando em cada um mais interesse pela música.”¹⁶

O programa de aniversário da banda era de tirar o fôlego: conglomerava um despertar com salvas de fogos de artifício, hasteamento da bandeira nacional, homenagens aos associados, números musicais no teatro do IAPC e apresentação da rainha da bandinha ao quadro social (bela pra chuchu, mas recatada e do lar...). Um dia inteiro de festas. A banda do IAPC era, rigorosamente, pau para toda obra: tocava nos congressos da Frente Nacionalista Leopoldinense, em igrejas (como Nossa Senhora da Conceição, Santa Rita – em Ramos –, São Geraldo, São Sebastião – em Olaria – e São Roque – em Paqueta), no Dia da Bandeira, no Dia da Pátria e em muitos carnavais.

Em pouco tempo, Zé ocupou o quarto trombone de piston da banda. Tocava também um pouco de bombardino, mas sua ideia fixa era o trombone de vara. Até que, certo dia, pintou a chance de trabalhar no baile de carnaval do Éden Clube, na rua Uranos,

14 BONDUKIE, Nabil; KOURY, Ana Paula. *Os pioneiros da habitação social*. Vol. 3. São Paulo: Editora Unesp: Edições SESC São Paulo, 2014, p. 109.

15 Perfil geográfico da Cidade-jardim dos comerciantes de Olaria: a lavanderia coletiva, a cozinha reduzida, a ausência de área de serviço individual e um quintal minúsculo causaram desconforto. A escola marcava o eixo da via principal, e os equipamentos de recreação operária, mercado, salão de baile e posto de assistência médica definiam os limites da praça. Só na via principal (mais larga) podia passar carro, as demais, que davam acesso às unidades, eram caminhos destinados exclusivamente para pedestres.

16 *Correio da Manhã*, em 18 de março de 1956, p. 11.

em Olaria. Zé tocou os quatro dias de Carnaval. Na quarta-feira de cinzas, com um dinheirinho no bolso, comprou um trombone de vara, da marca Super-Moura, na Casa Clarin, localizada na rua Larga, 27 (atual Av. Marechal Floriano).

Metendo a boca no trombone

A partir daí, Zé começou a estudar com afinco. Saiu da bandinha e entrou para a Escola Nacional de Música¹⁷. Aliás, ele teve alguns outros professores de música além do pai e do maestro Alcides Fernandes, da banda do IAPC. Encabeçavam essa lista Manoel Antônio da Silva, que dava aulas na Mesbla do Passeio Público, e mais os trombonistas Vittor, Norato e Sérgio de Jesus. O gosto pelo trombone o jovem trazia desde os tempos de Aracaju. À época, o músico Ediberto, muito conhecido no pedaço, encantou o menino de sete para oito anos.¹⁸ Podemos, de certa forma, nos gabar pelo fato de o Brasil ter uma formidável escola de trombone: Irineu Batina, Candinho Trombone (também morador de Olaria), Raul de Barros, Astor Silva, Gilberto Gagliardi, Lineu Fernandes Pedrotti, Norato, Nelsinho do Trombone, Raul de Souza, Roberto Marques, Zeca do Trombone, Vittor Santos e o nosso personagem, é claro.

O trombone saiu das bandas de música para as rodas de choro e depois para as gafieiras. Instrumento de contracanto, onde nas rodas de choro os solistas eram a flauta e o cavaquinho, com o tempo o trombone virou instrumento solista. Segundo Zé, “o trombone é um instrumento de cálculo. A escala dele é como a do violino, a marcação é sutil e bem complexa. Eu uso o bocal Vincent Back 12 C. Ele é ideal porque alcança as notas que eu quero. Mas a escolha do bocal varia em relação à pessoa, dependendo muito da arcada dentária. O trombone se resume ao bocal, ele é a alma do instrumento”.¹⁹

As primeiras gravações fonográficas no Brasil, feitas pela Casa Edson, foram fundamentais para a popularização do trombone no choro. O grupo Choro Carioca, por exemplo, tinha o maestro Cândido Pereira da Silva, o Candinho do Trombone, como prin-

¹⁷ *O Globo*, 8 de setembro 1985, p. 6.

¹⁸ Entrevista de Zé da Velha aos autores em 4 de novembro de 2015.

¹⁹ Entrevista de Zé da Velha aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

cial solista, acompanhado pelo cavaquinista Nelson Alves e por Artur de Souza Nascimento, o Tute, no violão de sete cordas. Outro trombonista histórico é Irineu de Almeida. Apesar de Irineu ser mais conhecido por tocar oficleide e bombardino, segundo Alexandre Gonçalves Pinto, o “Animal” (chorão e autor do clássico *O choro: reminiscência dos chorões antigos*, um testemunho coloquial e precioso do choro e seus músicos nas primeiras décadas do século XX), Irineu de Almeida é o fundador da escola do “trombone no choro”, visto que a linguagem do instrumento é oriunda da forma como os antigos chorões tocavam o oficleide e o bombardino: “O seu instrumento preferido era o oficleide no choro, porém nas companhias líricas ele era um trombonista disputado por todos os maestros estrangeiros. Como componente da banda do Corpo de Bombeiros, era um exímio executor de bombardino, estimado e admirado pelo inesquecível Anacleto, que tinha por ele muita veneração, pois Irineu era um artista de muito valor.”²⁰

Um pouco mais à frente, em 1919, Esmerino Cardoso²¹ destacou-se como trombonista no grupo Oito Batutas, liderado por Pixinguinha e Donga. O efeito *glissando*²² produzido pelo trombone criou uma sonoridade galhofeira de gargalhadas e choros nas melodias. E sucessos nas “vozes” de trombonistas, como “Chorinho de Gafieira”, de Astor Silva, “À Vontade Mesmo”, de Raul de Souza, e “Na Glória”, de Raul de Barros e Ari Santos, se destacaram nas gravações durante o século XX:

Estou me sentindo assim, na glória!

Cantando sempre assim, na glória!...

20 PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro: reminiscência dos chorões antigos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978, p. 78.

21 *Ibid.*

22 *Glissando*, no trombone de vara, é um efeito trazido do jazz, que se produz com uma rápida passagem pela escala.

Seu Vittor, um boa praça

Mas voltemos a Olaria. Com a intenção de aprender a escala do trombone de vara recém-adquirido, o Zé caminhava uns dez minutos pela rua Uranos e batia na porta do vizinho Vittor, músico que morava na rua Gomensoro. Zé tinha 16 para 17 anos, e “Seu” Vittor, um “boa praça”, ensinou a ele a escala do trombone de vara. A caminhada até a rua Gomensoro valia a pena, mas o tempo dedicado ao instrumento não era mais o mesmo. As aulas com Vittor aconteciam aos sábados, já que Zé trabalhava de *office boy* na companhia aérea Cruzeiro do Sul, na rua Sete de Setembro, no centro do Rio; na estação de rádio Cruzeiro do Sul, no bairro de Santa Teresa; e na Varig do aeroporto Santos Dumont. Ufa! Na rádio da companhia aérea Cruzeiro do Sul, pegou de ouvido a profissão de teletipista (tipo de comunicação usada antes da telegrafia). Mais tarde, virou radiotelegrafista.

Porém, num domingo de 1958, enquanto estava de folga e disputava com vizinhos uma partida de bola de gude, entre um “marraio!” e “feridô sou rei”, Zé ouviu um “Ô, de casa!”. À porta estava o professor Vittor:

– Zé, você pode me quebrar um galho, rapaz? Estou tocando com um conjunto no Bola Preta e apareceu um probleminha para resolver. Você pode fazer no meu lugar?

Zé gaguejou:

– Mas, tocar no seu lugar, professor?

– Lá é mole pra você, rapaz... Eles tocam choro e samba, justamente o que você gosta!

Aceito o convite, Zé passou na casa da namorada (e futura esposa Lurdes) e avisou que não poderiam ir ao cinema. Eles nem imaginavam que a sessão no Cordão do Bola Preta seria tão longa...

Eu vou pro Bola, meu bem!

No final dos anos 50, o Cordão da Bola Preta era uma agremiação da maior responsabilidade no Rio de Janeiro. O Bola foi encabeçado, em 1918, pelos foliões Álvaro Gomes de Oliveira, o Caveirinha, Francisco Brício Filho, o Chico Brício, Eugênio Fer-

reira, João Torres e os três irmãos Oliveira Roxo: Jair, Joel e Arquimedes. Tudo leva a crer que a alcunha surgiu por causa de uma moça lindíssima que brincava o carnaval, vestida de branco e bolas pretas, no Largo da Glória. Quem conta essa é Chico Brício, quase 40 carnavais depois do episódio: “Isso foi em 1918. ‘Caverinha’ brincava ali pela Glória, quando surgiu uma garota infernal ali num *pierrot* com bola preta. Brincaram. Depois a pequena sumiu sem se identificar. ‘Caverinha’ auxiliado por um primo começou a buscá-la entre os foliões. Como explicação dizia a seu primo: ‘É um *pierrot* de bola preta’. E foi daí, concluiu Brício, que se tirou o nome Bola Preta para o nosso cordão.”²³

Durante muitos anos o cordão viveu a duras penas, até conseguir, em 1949, o terceiro andar do Edifício Municipal na avenida Treze de Maio, 13. E para lá rumou Zé, com seu trombone novo, devidamente atrasado.

Será que esse *porrinha* toca mesmo?

O baile começou às três da tarde, e o novato chegou quase às quatro. Ao entrar no salão, José procurou o músico Bide da Flauta, que respondeu mais ou menos assim ao calouro:

- É você que vem fazer no lugar do Vittor? Mas ele não disse que o baile começava às 15 horas, menino, e você só chega agora?

Zé improvisou um discurso:

- Desculpe, Seu Bide, tive um problema no lotação.

Aroldo, que tocava surdo no grupo, mandou lá da cozinha:

- Será que esse *porrinha* toca mesmo? O Vittor não vem e ainda por cima manda um “atrasildo”!

Zé tirou o trombone do saco e executou o choro “Espinha de Bacalhau”, do maestro Severino Araújo. Quando terminou a primeira parte, Aroldo comentou a queima-roupa:

- Não é que esse *porrinha* toca?!

Botando a boca no trombone, Zé estreou com o pé direito com o Grupo da Velha Guarda, outrora denominado *Guarda Velha*. O Guarda Velha era uma nova versão de Os Batutas (lendário con-

²³ Carnaval de Ontem e de hoje: na palavra de veterano folião carioca. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1956. p.12.

junto formado em 1919 por Donga, Pixinguinha, João da Baiana e companhia). Foi com o Guarda Velha que Pixinguinha (sax e flauta), Plínio de Abreu (flauta), Francisco Sena (vocal), Donga (cavaquinho e banjo), João da Baiana (prato), Tio Faustino (ome-lê), Augusto Soares (ganzá), Cicero Diaz (agogô), Adolfo (cabaça), Francelino (pandeiro) e Bide (cuíca) tocaram no carnaval de 1932, iniciando uma trajetória exitosa na música popular.

Em 1946, a Velha Guarda (a partir daí o nome mudou) deu nome a um programa na rádio Tupi (“O Pessoal da Velha Guarda”), dirigido e apresentado por Almirante, com a participação de Pixinguinha e do flautista Benedito Lacerda. A coisa de re-memorar o passado, de construir discursos de valorização de períodos musicais pegou tão bem que em 1954 e 1955 aconteceram dois festivais da Velha Guarda, promovidos pela rádio Record de São Paulo.

Três anos depois do último festival, em 1958, a formação do Grupo da Velha Guarda era a seguinte: Bide da Flauta (flauta), Tininho (trompete), Severino (seis cordas), Sicílio (sete cordas), Pintacuda (cavaquinho), Milton (pandeiro), Aroldo (surdo) e João da Baiana (prato e faca).

A estreia rendeu frutos, e Zé passou a tocar com o Grupo da Velha Guarda todos os domingos na matinê do Bola Preta e, à noite, no Clube dos Democráticos, na Lapa. A temporada começava no dia 15 de novembro e ia até um domingo antes do carnaval.

Carnaval de 1959: o negócio é perguntar pela Maria!

Em 1958, a entrada de Zé no Grupo da Velha Guarda não virou um carnaval, mas o boato de que a carne de boi estaria contaminada por hormônios femininos virou sucesso carnavalesco. Foi um Deus-nos-acuda entre os machões brasileiros – pararam de comer carne com medo de requebrar, desmunhecar, falar fino... O consumo de carne de boi, vejam vocês, caiu quase 80%. Obviamente, o tema virou assunto para o carnaval de 1959. A marchinha “Eu, hein, Boi!” (Arnô Provenzano, Otolino Lopes e Fausto Guimarães) fez sucesso na voz de Ângela Maria:

*Boi, boi, boi
 Eu não quero nem de quebra
 Quem come a sua carne
 Fala fino e se requebra.
 Eu, hein, boi
 Vou comendo bacalhau
 Depois conto como foi.*

No mesmo carnaval, para levantar o astral do povo, o F. C. Galitos do Engenho Novo organizou o evento esportivo-carnavalesco futebol a fantasia, na quadra de basquete do IAPC de Olaria. O préstito, com a bateria do bloco carnavalesco “Come e Dorme”, se encerrou num animado banho de mar à fantasia na Praia de Ramos. O furdunço, por sua vez, findou ao som de outro sucesso carnavalesco do ano, a marchinha “O Negócio É Perguntar pela Maria”, composição do ilustre morador de Olaria, o ator Zé Trindade – criador de jargões engraçadíssimos, como “É lamentável...” e “O negócio é mulher!”. Com seu bigodinho fino e a fala cheia de trejeitos, o comediante encarnou como ninguém o típico malandro-baiano-carioca:

*Quem é que não conhece uma Maria por aí?
 Olha o que eu descobri!
 Em Copacabana, Madureira e Olaria,
 O negócio é perguntar pela Maria...*

Em outra praia, no Cordão da Bola Preta, o carnaval era saudado com espocar de foguetes após a chegada da Rainha Moma, S. M. Frederica Augusta, a “Coração de Leoa”. E não era só a rainha que vinha “pro Bola com alegria infernal”.

Com pouco tempo de casa, o jovem Zé virou Zé da Velha Guarda. É o próprio músico que revela outra origem do apelido: “Quando eu parava de tocar, uma senhora sentada na mesa em frente ao palco do Bola Preta pegava o copo de cerveja e oferecia um brinde. O João da Baiana observou o fato e comentou: ‘Sei não, meu sobrinho, mas essa velha está querendo alguma coisa com você’. Quando a velha não ia, o povo do Velha Guarda dizia: ‘A velha do Zé não veio hoje’.”²⁴

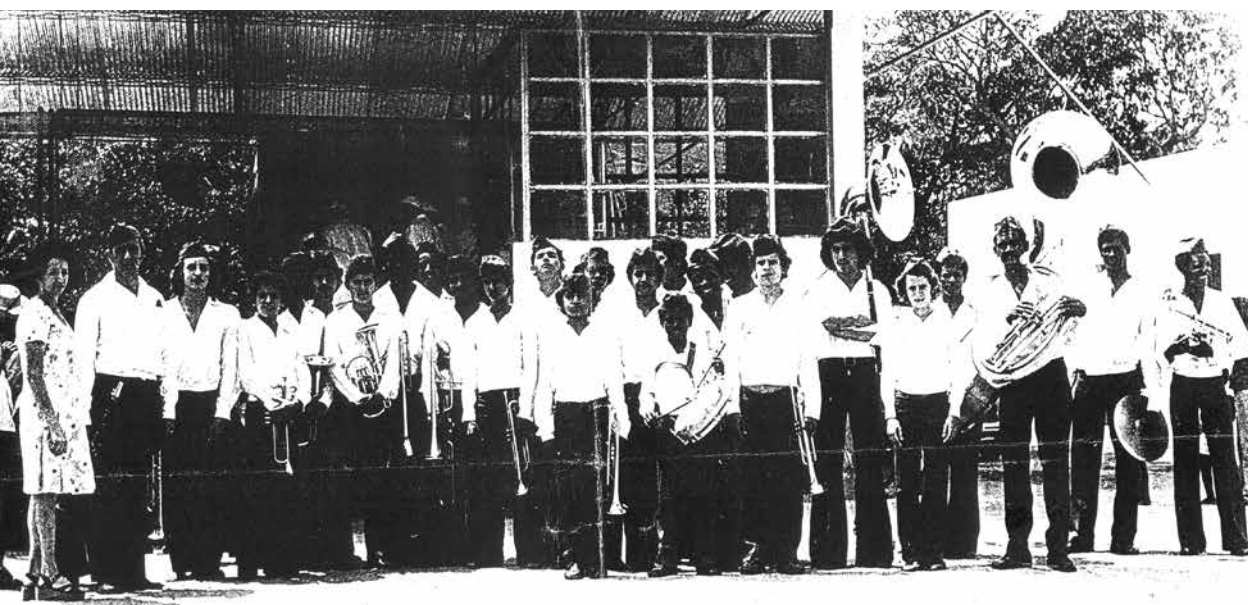
A partir daí, com 18 anos, Zé da Velha Guarda perdeu a Guarda e ganhou, definitivamente, a alcunha de Zé da Velha. Enquanto isso, em outra freguesia, veremos um menino – que cedo também virou “Véio” – mostrar quem tinha mais garrafa vazia para vender.

CAPÍTULO 2

MAXIXE DE FAMÍLIA

Laje é uma cidade pequena, que tinha duas bandas de música. Então, era muito forte esse movimento musical. Quem acaba com as bandas são os prefeitos. De lá saíram vários músicos para bandas militares. O único rebelde mesmo fui eu, que saí para tocar música popular.²⁵

Silvério Pontes



Silvério Pontes (quarto da esquerda para direita) segurando o trombone com a banda Lira da Esperança, anos 1970.

(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes)

25 Entrevista de Silvério Pontes aos autores no dia 20 de janeiro de 2016.

As garrafadas de Laje do Muriaé

Certamente as garrafas no bar do “Seu” Hélio de Sá e Dona Laurides eram muito apreciadas no município de Laje do Muriaé, no extremo noroeste do Estado do Rio. Por meio delas, os músicos da Sociedade V de Novembro “enchiam a caveira” no estabelecimento. Foi lá que Silvério Pontes escutou: “o trombonista que toca bonito, cheio de contraponto”, a respeito de Zé da Velha, lembra? Porém, houve uma passagem mais inusitada envolvendo garrafas lajenses. Nunca na história da Monarquia – quase República – choveu tanto casco como no episódio “As garrafadas de Laje do Muriaé”.

Em 16 de abril de 1889, Nilo Peçanha, futuro presidente da República, dava uma conferência republicana na freguesia de Laje. Nesse momento, o prédio foi atacado pela Força Pública, por ordem do tenente Gatto e sua tropa, formada por soldados e escravos libertos. O movimento gritava palavras de ordem como “Viva a monarquia, viva a polícia, viva a rainha, morra Dr. Nilo!”. O tenente Gatto e “Seus Blue Caps” cuspiam abelhas africanas e jogavam tudo que estava ao alcance das mãos: pedras, pedaços de pau e, principalmente, garrafas.

O Vigário Lobato, distinto e imparcial sacerdote da freguesia, da janela da Igreja Nossa Senhora da Piedade pedia paz ao bando, que ameaçava matar o grupo republicano e atear fogo ao prédio. Todavia, os revoltosos não deram ouvidos ao “conto do vigário” e invadiram o banquete político para duzentos talheres. Aí a jiripoca piou de vez! Muitas senhoras desmaiaram, houve gente gritando, correndo... Nilo Peçanha e outros republicanos foram levemente feridos. Quem se deu mal foi o republicano Pereira Azevedo. Lá pelas tantas, ele levou chumbo de garrucha pelo corpo e, cambaleando, debilitado, foi amarrado pelos monarquistas e pendurado no tronco em praça pública. Para fugir do cerco, Nilo Peçanha deu no pé fantasiado: “Disfarcei-me de trabalhador da roça e caminhei a pé até a estação da estrada de ferro Carangola.”²⁶ Mas seu biógrafo Brigido Tinoco, talvez na esperança de atribuir maior galhardia ao seu biografado, afir-

26 Grande Conflict. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1889, p. 1.

mou: “O Dr. Nilo Peçanha escapou a cavalo e foi curar os ferimentos em Arrozal de Santana.”²⁷

Barba, cabelo e bigode

A pé, a cavalo ou de trem, a República chegou quase *sem querer querendo*, meses depois do episódio das “Garrafadas de Laje do Muriaé”. Para comemorar a proclamação da República, a banda Lira Lajense, regida pelo maestro José Velho, tocou a “Marselhesa” pelas ruas de Laje. A nova República “Velha”, denominada na historiografia como Primeira República, vejam vocês, não possuía uma trilha sonora, e o hino francês de Claude Joseph Rouget de Lisle embalou muitos corações republicanos por aqui.²⁸ Reza a lenda que “em uma sessão espírita no Rio, o espírito de Rouget de Lisle chegou a ditar uma Marselhesa brasileira, letra e música:

Livre ser!
Livre feito
Clame nosso peito!
Clame nosso peito!
Como um trovão desfeito!
Vivam, vivam, vivam os marciais,
Fortes, leais
*Vivam, vivam os marciais!”*²⁹

Porém, dessa vez, a festa republicana tupiniquim em Laje do Muriaé teve música, tiros de garrucha para o alto e garrafas de cerveja e cachaça a rodo. A ressaca monarquista não foi mole!

A Lira Lajense e outra banda local, a Lira de Ouro, eram oriundas das fazendas de Laje do Muriaé. Elas são filhas de grupos musicais que desde o século XVIII ficaram conhecidos como barbeiros – em referência à atividade principal da maioria dos seus músicos, os chamados escravos-barbeiros. O pitoresco

27 TINOCO, Brígido. *A vida de Nilo Peçanha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 29.

28 HENRIQUES, Porphirio. *A Terra da Promissão: história de Itaperuna*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., 1956, p. 322.

29 CARVALHO, Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 124.

Beco dos Barbeiros, no Centro do Rio, guarda no nome a memória desse tipo colonial, que em geral atendia os clientes nas ruas, a céu aberto.

Os barbeiros se apresentavam em festas religiosas, profanas e oficiais. Tocavam dobrados, fandangos e quadrilhas. A propósito, conta o sociólogo Gilberto Freyre: “Os pretos foram os músicos da época colonial e do Império. Os moleques, meninos de coro de igreja. Várias capelas de engenho tiveram coros negros; várias casas-grandes, conservando a tradição *Mangue la Bote*, mantiveram, para deleite dos brancos, bandas de músicas de escravos africanos (...) Muito menino brasileiro deve ter tido como seu primeiro herói não nenhum médico, oficial de marinha ou bacharel branco, mas um escravo acrobata que viu executando piruetas difíceis dos circos e bumbas-meu-boi de engenho; ou um negro tocador de piston ou flauta.”³⁰ Também era comum encontrar nos jornais notas ressaltando a qualidade musical de escravos postos à venda. O pintor Debret, em seu livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, oferece um retrato precioso dos barbeiros: “Dono de mil talentos, ele [o barbeiro] tanto é capaz de consertar a malha escapada de uma meia de seda como de executar, no violão ou na clarineta, valsas e contradanças francesas, em verdade arrançadas ao seu jeito.”³¹

Ouvindo a banda passar

Com o tempo, a “música de barbeiro” foi perdendo espaço para agremiações com diferentes perfis musicais, sobretudo outros tipos de bandas de música. Estas, como as conhecemos atualmente, são decorrência da chegada de D. João e de sua Corte em 1808. A partir do último quartel do século XIX, ocupando o lugar dos barbeiros, essas bandas começaram a participar de fuzuês como: festas populares, leilões, rifas, bailes, eventos esportivos, circos, campanhas políticas e promocionais, saudações de personagens, enterros, festas cívicas, procissões, Carnaval e o escambau.

Intimamente ligadas à história da nossa música popular, as

30 FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2004, p. 505.

31 DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, V. I, 1949, p. 151.

bandas contribuíram para o abrasileiramento das composições europeias, como a polca, a valsa, o *Schottis*, a mazurca e a quadrilha. Suas apresentações eram uma das poucas oportunidades da população ouvir música instrumental de qualquer estilo. No final do século XIX e início do XX, as bandas caíram de vez no gosto popular, sobretudo quando executavam dobrados, marchas, maxixes, sambas e marchinhas carnavalescas.

Os dois filhos de Anacleto de Medeiros

Um maestro em especial se destacou na composição das bandas na cidade do Rio, por sua capacidade de regente, instrumentista e compositor: Anacleto de Medeiros³². Nascido em Paquetá, criou, em 1896, a renomada Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, que durante anos recrutou para o seu corpo músicos chorões da cidade e se transformou no principal grupo instrumental no começo da Casa Edison, pioneira fonográfica brasileira. O maestro dedicou parte considerável do seu tempo à formação de bandas, como a Sociedade Recreio Musical Paquetaense, a de Magé, a da Tipografia Nacional (como aprendiz de tipógrafo, fundou por lá o Clube Musical Gutenberg) e a das Fábricas de Paracambi e Bangu. Neste bairro da Zona Oeste carioca Anacleto de Medeiros marcou outros golaços, no início do século XX: “No Bangu Athletic Club com bastante concorrência, realizou-se no domingo mais uma festa esportiva neste *novel club*, no seu campo em Bangu. Era garrido o aspecto do local vendo-se por toda parte arcos, galhardetes, coretos, bandeiras das várias nações, e sobressaindo no meio de tudo as cores variadas dos vestuários das senhoras e senhoritas, os uniformes dos sócios - branco e encarnado -, os uniformes dos sócios do Football & Athletic Club que assistiam - vermelho, verde e branco. Reinou uma alegria franca e expansiva. Tocou durante a festa a banda de música pertencente à Sociedade Musical Progresso de Bangu, sob a regência do maestro Anacleto de Medeiros”.³³ O maestro Anacleto de Medeiros é

32 DINIZ, André. *O Rio musical de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

33 Bangu. Net. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/noticias/jogos/1904/19041016.php>. Acesso em: 7 de abril de 2016.

também o “pai” da charanga do Bangu Atlético Clube, orquestra que comanda o furdunço no estádio de Moça Bonita com clássicos como “Superfantástico”, “Turma da Xuxa”, “Cachaça não é água” e “Maria Sapatão”:

Maria Sapatão
Sapatão, Sapatão
De dia é Maria
De noite é João...

Os filhos e netos de Anacleto de Medeiros ainda tocam o repertório do “maestro das bandas do Rio de Janeiro”. Palco montado, em 2003, mais de duas mil pessoas numa praça no interior de São Paulo. Zé e Silvério a postos. Silvério pega o microfone e manda de prima: “Vamos tocar uma música de um compositor de banda do Rio de Janeiro que nasceu em Paquetá. Um mestre do choro, nascido no século passado: Anacleto de Medeiros. Em homenagem a todos aqui que não bebem:

– Zé da Velha, vamos atacar de “O Boêmio.”³⁴

Não é mera coincidência que Zé da Velha e Silvério Pontes tenham começado sua relação com a música através das bandas:³⁵ “Minha grande influência é de banda de música, na década de 60. Vários músicos vieram de bandas, como Anacleto de Medeiros, Candinho do Trombone, Bonfiglio de Oliveira [...] na minha cidade, em Laje do Muriaé, eu me lembro que todo domingo, quando acabava a missa, a banda tocava no coreto”,³⁶ diz Silvério Pontes.

Por falar em coreto, ele era o espaço público primordial para a exibição dos músicos e a popularização do repertório popular (até hoje, em cidades pequenas, ele cumpre esse papel). Cada praça ostentava um coreto. E era chique tê-lo. Coreto é diminutivo de coro. Refere-se também a uma parte ou ao todo das capelas

34 Entrevista aos autores de Zé da Velha e Silvério Pontes nos dias 2 e 4 de novembro de 2015.

35 Músicos conhecidos, como Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, o flautista Altamiro Carrilho e o clarinetista Paulo Moura encontraram no seio das bandas o fortalecimento dos seus gostos musicais.

36 Programa Memória Musical. Rádio PUC Rio, em 22 de janeiro de 2013. Entrevista de Zé da Velha e Silvério Pontes. Entrevistadores: Célio Campos e Maria Júlia Sperle; Edição: Maria Júlia Sperle; Locução: Maria Júlia Sperle; Produção: Maria Júlia Sperle e Carollina Medeiros. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Audio/Programas/Memoria-Musical/Ze-da-Velha-e-Sil-verio-Pontes-sao-os-convidados-do-Memoria-17891.html#.V1cdEfkrLIU>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

laterais das igrejas. O coreto, instalado na frente ou em um dos lados da matriz, adotou a forma circular e abriu-se para bandas, orquestras, grupos de dança. Fora da igreja, todos podiam usá-lo, por isso foi um valioso elemento de estímulo ao gosto musical e à integração social.

Tomem bênção, seus...

Mas antes de pintar, bordar e tocar no coreto, Silvério Pontes foi coroinha da Igreja Nossa Senhora da Piedade. Lilia Lea, mãe de Silvério, ia muito à igreja e colocou seu filho no altar na esperança de que ele ficasse mais calmo, menos bagunceiro, aceitasse os conselhos do padre.

O acólito Silvério ajudava o padre Joaquim (e depois o padre Antônio) a celebrar as missas e outras cerimônias religiosas, muito respeitoso a todas as liturgias católicas. E o pequeno cumpria à risca alguns mandamentos: participar das reuniões e missas; ser pontual; andar sempre arrumado (com calçados limpos, roupas bem passadas e cabelo penteado); e talvez o mais difícil para uma criança: ficar quieto, sem brincadeiras, durante os atos litúrgicos.

Mesmo com tanta disciplina, Silvério gostava da função. Apreciava ainda mais as viagens que fazia pelos distritos de Laje do Muriaé: Vai e Volta, Salgada, Cinco Barras. O padre Joaquim celebrava a Santa Missa nas capelas das fazendas e os coroinhas estavam lá para ajudar. Mas, antes do Padre Joaquim, quem comandava a paróquia era o padre Brandão. Segundo consta, era o padre mais bravo de Laje. O padre Brandão ficava na porta da Igreja Nossa Senhora da Piedade,³⁷ construída no ponto mais alto da cidade, observando de esquelha a molecada, que passava lá embaixo, na rua. O padre Brandão mandava o seu “dó de peito”: “Tomem bênção, seus filhos das putas!”. Já o padre Joaquim era mais tranquilo e menos desbocado. Montou até um time de futebol dos coroinhas para acalmar a garotada.³⁸ Graças a Nossa Senhora da Piedade...

37 A Igreja Nossa Senhora da Piedade Matriz foi erguida no dia 21 de novembro de 1861. E o lote foi cedido pelos três Josés: José Ferreira César, José Bastos Pinto e José Garcia Pereira.

38 Entrevista de Silvério Pontes aos autores no dia 20 de janeiro de 2016.

Hoje tem marmelada?!

Mas a rotina de Silvério não era de casa para a igreja ou da igreja para casa. Quando ele tinha uns cinco para seis anos, morava na rua Pindoba. Depois, seu pai construiu uma casa na rua do cinema. Silvério ajudava a varrer o cinema, montar os filmes e ainda vendia, volta e meia, caramelo para os frequentadores. Tudo para curtir as estreias no cinema. Se Silvério não desenvolveu sua veia artística nas telas, saiu-se muito bem em outras bandas. Outra moradora da cidade, a atriz Nídia de Paula Marinho, abiscoitou cartaz na telona. Uma das musas da pornochanchada dos anos 1970, ela estrelou filmes como: “Nos Tempos da Vaselina”, “Costinha e o King Mong”, “Ainda Agarro Esta Vizinha” e “Os Mansos” (episódio: “O Homem dos Quatro Chifres”) entre outros. Infelizmente, não consta que nenhuma dessas fitas tenha passado no cinema da cidade.

Depois do cinema, Silvério gostava também de passar a mão nas frutas no quintal dos outros e tomar os deliciosos banhos de rio, a grande onda da molecada de Laje. Os pequenos se divertiam nas águas diáfanas do Rio Muriaé, mesmo com medo do Caboclinho-d’água. Como diziam os mais velhos, geralmente tias machadianas, o Caboclinho-d’água “afogava quem tomava banho de rio escondido”. Informação assinada embaixo pelo folclorista Câmara Cascudo: “O Caboclo-d’água persegue ferozmente os pescadores e barraqueiros com quem antipatiza, virando canoas, erguendo ondas, erguendo as barreiras, afugentando pescarias. Baixo, grosso, musculoso, cor de cobre, rápido nos movimentos e sempre enfezado. Crendices negras, indígenas, europeias sobrevivem no Caboclo-d’água, interdependentes e equilibradas”.³⁹

Sem água nos ouvidos, o respeitável público de Laje ouvia e via coisas do arco da velha, como o som da Folia de Reis (tradicionalíssimo até hoje na cidade), as touradas e o circo. Pelos palcos e picadeiros circenses passavam peças de teatro, bichos selvagens, mulher barbada, contorcionistas, trapezistas, homem bala e palhaços. Esses saíam pelas ruas de Laje coalhados de crianças para promover o espetáculo:

39 CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001, p. 89.

- *Hoje tem marmelada!?*
- *Tem, sim senhor! - Respondia em coro a meninada.*
- *Hoje tem forrobodó!?*
- *Tem, sim senhor!*
- *O nariz da sua vovó!?*
- *Tem, sim senhor!*⁴⁰

E o palhaço, o que é?

As lembranças do banho de rio e do circo fizeram Silvério Pontes compor dois choros: “Choro do Rio Muriaé” e “Hoje Tem Marmelada”, esta última gravada no seu último trabalho, lançado em 2016 pela Des Arts. Mas nem sempre o circo acaba em forrobodó em Laje. Às vezes, em quiproquó. Amplio e ilustro. O caso aconteceu com o pequeno João Honorato da Silva, o Timbuca, na altura de 11 anos, isso por volta de 1960. No intuito de faturar um qualquer, o pequeno aproveitou a chegada do circo-tourada em Laje para vender uns pirulitos na entrada circo. Acontece que a comitiva circense, no momento em que estava arriada a lona, vejam vocês, raptou o menino e ganhou o mundo. Em breve, e sem escapatória, Timbuca passaria a viver no circo e trabalhar como palhaço e toureiro. Nos anos 70, voltou a Laje do Muriaé “e, numa linda apresentação toureando vários animais considerados imbatíveis, dedicou essa apresentação à sua mãe que estava na plateia assistindo o espetáculo, a qual ficou emocionada, pois há mais de 10 anos não o via”. Atualmente, a Tourada realiza apresentações em várias cidades e distritos da região Fluminense.⁴¹

Saindo de banda

Circo, tourada, banho de rio, cinema, folia de reis... Mas do que Silvério mais gostava era a banda. Em qualquer evento ela tocava. Chegada do circo, chegada da tourada: “Eu ouvia muito a Rá-

40 Entrevista de Silvério Pontes aos autores em 20 de janeiro de 2016.

41 ALVES, Silvan. *Hoje O Bicho Vai Pegar*. Disponível em: <http://silvanalves.com.br/site/02/2015/hoje-o-bicho-vai-pegar-anuncia-timbuca-que-ha-mais-de-40-anos-mantem-a-tradicao-das-touradas-na-regiao/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

dio Globo. Tinha uma madrinha que morava em uma casa ao lado. E o avô dela, ‘Seu’ Cacá, ouvia Rádio Globo, naqueles rádios antigos, volume muito alto. Naquela época, tocava muito Nelson Gonçalves. Mas o que eu gostava de ouvir mesmo era banda. Achava lindo a banda tocar de uniforme. Antigamente, tinha um uniforme cáqui, um quepe bonito, espetacular. Ouvia muitos dobrados, valsa, maxixes, dos ensaios da banda V de Novembro.”⁴²

Era no coreto em frente à Igreja Nossa Senhora da Piedade que a Sociedade Musical V de Novembro botava seu bloco na rua. A banda recebeu esse nome em homenagem à data natalícia do Padre João Batista dos Reis. Porém, não se sabe por que cargas d’água, na manhã de 25 de outubro de 1953 baixou um Nero em Laje. Ocorreu um incêndio na sede da banda. O fogo lambeu o prédio, mas, graças à ajuda do povo, ele foi reconstituído posteriormente.

Dezessete anos depois do incêndio, no dia 20 de abril de 1970, brotou outra Sociedade Musical em Laje. A Lira da Esperança surgiu a partir da ideia do casal Antonieta Olivier Pinto e Itagiba Duarte Pinto. Seria nessa banda que Silvério Pontes, nascido em 4 de setembro de 1960, iniciaria seu aprendizado musical.

A composição da nova agremiação, que saiu da costela da Banda V de Novembro, se deu com um pequeno arranca-rabo. O golpe foi o seguinte: o maestro Lalá, tio do nosso Silvério Pontes, era quem dava as cartas na V de Novembro. Agremiação que, como vimos nas linhas anteriores, era composta por músicos veteranos de Laje do Muriaé. Acontece que o Dr. Itagiba, dentista profissional e músico amador, também integrante da V de Novembro, tinha a ideia fixa de criar uma escolinha de música, a princípio para os filhos dos músicos da V de Novembro, para, aos poucos, os pequenos irem substituindo o plantel veterano da banda. Aí o caldo entornou... Como Lalá morava longe do quartel-general da banda e não poderia comparecer com frequência aos ensaios, foi contra a renovação proposta pelo dentista-músico. Sem alternativa e desejoso de levar seu projeto à frente, Itagiba saiu da V de Novembro para criar a Lira da Esperança. E deu o maior caldo!

Aos poucos Itagiba foi adquirindo instrumentos usados de bandas das cidades vizinhas; como tinha grande habilidade com

42 Entrevista de Silvério Pontes aos autores no dia 20 de janeiro de 2016.

as mãos, ele mesmo os reformava e entregava para as crianças. Não foram poucas as vezes que o dentista-maestro exerceu as duas profissões ao mesmo tempo. Não raro, segundo Silvério Pontes, o dentista Itagiba largava o paciente de boca aberta no consultório, ralhava com a molecada da Lira da Esperança – “Leia esse trecho direito, menino. Tá tudo errado. Tá tocando de ouvido!” –, e só então voltava ao consultório.⁴³

Mas o esforço de Itagiba valeu a pena. O músico David Tygel, que nos anos 70 passou por Laje, conta o encontro com a Lira: “A banda Lira da Esperança, formada por crianças de até 17 anos, nos prestou uma homenagem tocando diante do hotel onde estávamos hospedados (...) Foi incrível a nossa emoção de ver toda aquela gente cantando o ‘Mineiro Pau’, improvisando quadrilha, dançando junto.”⁴⁴

Retreta de família

Ainda de calça curta, Silvério pegava o trompete do pai, escondido, para tirar algumas notas. Não demorou muito para se apresentar em público. O contraste do menino pequeno com o instrumento era tal que foi necessária uma autorização formal de sua mãe para que pudesse tocar nos bailes. Quase todos os Rocha e Pontes tocavam algum instrumento musical. Hélio Pontes aproveitava o pouco tempo vago da atribulada vida de caminhoneiro para tocar trompete com os amigos, nas rodas de choro e na banda V de Novembro. Isso sem falar nas irmãs de Silvério, Simone Pontes Nogueira, que também toca trompete, e Simara Pontes Nacarati, que gostava de cantar como Dona Lila Leia, membro do coral da Igreja Nossa Senhora da Piedade. A família tem mais dois trompetistas: tio Filinho, irmão do pai de Silvério, e o primogênito dos Pontes, Fernando Cesar Rocha Pontes. O escrete dos Rocha ainda contava com os tios Batista (violão), Purcino (sanfona), Arlênio (trombone) e Quequete (trompete). A família é quase uma banda sinfônica...

43 Entrevista de Silvério Pontes aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

44 “Norte Fluminense aprova o pacote cultural.” *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de março de 1976. 1º caderno, p. 7.

Foi nesse ambiente musical que Silvério Pontes cresceu. Na fazenda do tio Lalá, por exemplo, todo ano tinha um verdadeiro rega-bofe, com banda de música, barraquinhas, missa, fogos... Parecia, segundo Silvério Pontes, “aqueles lugares da Itália que a gente vê nos filmes, onde todo mundo dançava. Não tinha televisão na minha cidade. Então era obrigatório a gente curtir as coisas ao vivo, música ao vivo, retretas, alvoradas”⁴⁵.

Ah, meu bom juiz

Em 1971, Silvério não havia completado um ano na Lira da Esperança e mesmo assim meteu uma camisa listrada e saiu por aí. Explico. Durante o carnaval daquele ano, Hélio Pontes foi convidado pelo maestro Zé Luiz Vargas para tocar com a sua turma no carnaval do Muriaé Tênis Clube, na cidade de Muriaé, em Minas Gerais. O maestro Zé Luiz Vargas virou-se para Hélio e disse: ‘Helinho, leva seu menino para tocar no carnaval com a gente. Esse menino toca bonito, ele vai ser a atração da orquestra’⁴⁶.

Enquanto no salão apinhado de gente do Muriaé Tênis Clube desfilavam fantasias de *pierrot* apaixonado, pirata da perna de pau, colombina, índio botocudo, bailarina russa, odaliscas de umbigo de fora e outros bichos, no palco, por sua vez, a banda executava os sucessos carnavalescos do ano: “Festa para um rei negro”, “A Lapa em três tempos”, “Eu te amo meu Brasil” (Dom) e “A Bruxa vem aí” (Manoel Ferreira e Ruth Amaral). A última música foi interpretada no disco “Carnaval 71”, da Odeon, por ninguém menos que o apresentador Sílvio Santos:

*Ai, a bruxa vem aí
E não vem sozinha,
Vem na base do saci...*

45 Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

46 *Ibid.*

Na matinê o nosso Silvério passou no teste. Mas no baile noturno o bicho pegou! Não pela sua competência musical, e sim pela pouca idade que tinha. O juiz de Muriaé entrou rodando a baiana no salão do Muriaé Tênis Clube: “Esse menino que tá aí não pode tocar na banda. Ele é menor de idade”. O meritíssimo, é bom que se diga, mandava mais na cidade do que o prefeito, o padre e o diabo. E mesmo com a presença de Helinho no baile, o juiz parecia de maus bofes: “Não interessa. O pai dele tem que assinar um documento e apresentar com antecedência ao juizado”. O maestro Zé Luiz, com a devida vênia, deu o veredito final: “Esse menino é a atração da orquestra. Ele é o nosso mascote, doutor. Se ele não tocar hoje, a orquestra também não toca”. O juiz fez pose de hino nacional, mas quando se viu pressionado pelos foliões da cidade, pigarreou a sentença: “Tudo bem, por hoje passa, mas amanhã... eu quero o documento!”.⁴⁷

Viva Vivaldo!

Foi depois desse carnaval que Silvério comprou o seu primeiro trompete, na fábrica da Vivaldo, no bairro da Penha. Coincidência ou não, Zé da Velha também comprou seu primeiro trombone de vara depois de uma pequena temporada carnavalesca, lembra? Quando Silvério viu o trompete pela primeira vez, caiu das nuvens: “Eu me lembro como se fosse hoje. Quando o instrumento chegou foi emocionante. Imagina, eu, um menino pobre de roça, olhando aquele instrumento lindo, novinho, na caixa, da marca Vivaldo”.⁴⁸ Infelizmente outra coisa também “caiu das nuvens”: Silvério tocava o instrumento debaixo de uma mangueira, no terreno de casa, quando, de repente... uma pesada manga caiu na campana do trompete novinho em folha, amassando o metal. O menino, sem cerimônia, abriu o berreiro. O remédio? O doutor Itagiba foi lá com um martelinho e deu um jeito. Saravá!

⁴⁷ Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

⁴⁸ *Ibid.*

Em 1977...

Na meiuca dos anos 70, Silvério não precisava mais de autorização para tocar ou frequentar bailes das cidades vizinhas de Miracema, Itaperuna, Natividade e Santo Antônio de Pádua. Nessa última, que é a terra do flautista Altamiro Carrilho, um trombonista chamou sua atenção, o Bidica. Silvério ia para os bailes vê-lo tocar. Às vezes, nem dançava, nem paquerava as moças. Apenas admirava os solos bonitos do músico, que tocava como um “monstro”. Esse foi o seu primeiro contato com um trompetista “de fora” da família (mais tarde, Silvério virou fã de carteirinha do trompetista Márcio Montarroyos).

Assim, em 1977, com o instrumento debaixo do braço, o Véio (como Silvério Pontes era chamado na infância), atravessaria quase 300 km para tocar em outra estação. Queria ser doutor, ter canudo. Não doutor de dente como “Seu” Itagiba, nem doutor-maestro como Zé Luiz Vargas e muito menos doutor-juiz. Queria ser doutor engenheiro. Mas o compasso foi outro...

CAPÍTULO 3

NO NINHO DE COBRAS

Zé da Velha faz dormir qualquer criança, tamanha a suavidade com que toca.

Joyr Nascimento, chorão ⁴⁹



Zé da Velha (trombone) com Pixinguinha (saxofone) e o pessoal da Velha Guarda, anos 1960. (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

49 HELENA, Ana. Na Penha Circular: os chorões se divertem antes, durante e depois do carnaval. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1977. Matutino, Cultura, p. 43.

– Ô, meu sobrinho, tem um senhor que quer te conhecer. Ele vai fazer um almoço na casa dele lá em Ramos. Vamos?

Assim surgiu o convite de Bide da Flauta para Zé da Velha ir à casa de Pixinguinha. Era uma festa daquelas, regada a álcool, tira-gostos da maior responsabilidade e muita música. Quando Zé chegou no pedaço, o anfitrião mandou a letra:

– Garoto, você gosta do que eu gosto. Você toca o que quiser. Fica à vontade, meu sobrinho!

O dono da casa gostou tanto do jovem instrumentista que passou a chamá-lo, como Bide da Flauta e o percussionista João da Baiana, afetivamente de “meu sobrinho”. Era um tal de “meu sobrinho” pra lá, “meu sobrinho” pra cá, que eu vou te contar... Esse tipo peculiar de tratamento, nada cerimonioso, era comum. O próprio João da Baiana, por exemplo, chamava o jornalista Sergio Cabral pelo carinhoso “meu neto”.⁵⁰ A partir desse dia, Zé passou a fazer parte do regional de Pixinguinha, composto por Arthur (violão de 7), Cecílio (violão de 6), Waldemar (cavaquinho), Salvador (pandeiro), Paulistinha (flauta) e Orlando Silva Leite (trombone pisto).

Geralmente, Zé da Velha revezava nas apresentações com Orlando Silva Leite.

Quando a grana era um pouco melhor, os dois tocavam juntos. Porém, Orlando sofreu um acidente e ficou impossibilitado de tocar. Com isso, Zé passou a ser o titular do trombone. Quando se conheceram, Pixinguinha tinha 62 anos, e Zé da Velha apenas 18 ou 19. Moravam no mesmo bairro e conviveram por praticamente 15 anos.⁵¹ Esse convívio, quase no quintal de casa, como era de esperar, influenciou a trajetória musical do nosso personagem: “Tenho um conhecimento muito profundo de choro, pois minha origem, quando moço, foi com a Santíssima Trindade: Pixinguinha, João da Baiana e Donga. Mas como Pixinguinha não tinha igual, e não tem igual até hoje”.⁵²

50 Entrevista de Sergio Cabral aos autores em 8 de setembro de 2016.

51 Entrevista aos autores no dia 2 de novembro de 2015.

52 JUNIOR, Carlos Bozzo. “Tudo Dança” no trombone de Zé da Velha. *Folha de São Paulo*, 29 de maio de 2000. Ilustrada, p. 6.

Ô, meu sobrinho...

Em 30 maio de 1956, Pixinguinha virou o “dono” da rua onde morava. A proposição foi do edil Odilon Braga, que sugeriu a troca do nome da rua Belarmino Barreto para rua Pixinguinha. O alcaide carioca Francisco Negrão de Lima canetou a mudança e marcou um gol de placa. A festa, segundo testemunhas, foi uma porranca memorável.

Tirando o empoeirado Guia Rex da estante notamos que Pixinguinha morava no impreciso limite entre os bairros de Ramos e Olaria. Como a rua Pixinguinha fica em Olaria, o mestre Pixingga, para não ficar de mal com ninguém, e porque era também um grande boa praça, compôs, em parceria com Alberto de Lima, o “Hino de Ramos”:

*És capital suburbana da Leopoldina
Estação
Ramos, Ramos, Ramos, Ramos,
Muito amor, beleza e tradição.*

Doutor Bide da Flauta

Num dia de semana, Pixinguinha chamou Zé da Velha para tocar em um churrasco, no bairro do Leblon, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Por força maior, Zé faltou ao trabalho na rádio Cruzeiro do Sul. Caxias que era, estava preocupado. Mas o “doutor” Bide tratou de resolver o assunto durante o caminho até o Leblon:

— Ô, meu sobrinho, deixa comigo essa encrenca. No churrasco tem um doutor da Clínica Luna Medeiros, de Copacabana. Nós falamos com ele e resolvemos o assunto.

Durante a festa, o doutor estava num porre de felicidade. Bide se aproximou dele e começou a consulta:

— Doutor, aquele garoto ali do trombone está muito doente.

Estranhando a saúde juvenil que o músico demonstrara na execução do trombone, o doutor inquiriu:

— Não era ele que estava tocando com vocês? Mas ele parece ótimo...

– É por isso mesmo, doutor – respondeu Bide. – Ele está doente porque faltou ao serviço.

O médico, percebendo a gravidade da situação, se aproximou de Zé e clinicou:

– Quantos dias você precisa, meu filho?

Respondeu um “moribundo” Zé da Velha:

– Só um. Vou faltar só hoje.

Então o doutor aumentou a dose:

– Eu vou te dar cinco dias. Tá bom?

No dia seguinte, com o atestado em mãos, Zé da Velha chegou à rádio Cruzeiro do Sul. O presidente da companhia foi direto falar com o convalescente:

– Você não era o rapaz do trombone na festa no Leblon?

Sentindo o cartão vermelho já na mão do patrão, Zé admitiu, acusando o golpe:

– Sim, senhor!

O presidente rasgou o atestado e saiu-se com essa:

– A falta está abonada. Precisa de mais alguns dias, meu filho?⁵³

Minha Mangueira, a sala de recepção

Em 1969, o bandolinista Joel Nascimento fez um convite irrecusável a Zé da Velha: tocar no Morro de Mangueira no aniversário de Cartola. O mestre mangueirense, fundador da escola, pai das cores verde e rosa da agremiação, à época morava no bairro de Bento Ribeiro. Mas Cartola queria um fuzuê no morro indissociável de sua obra. E assim foi.

Era um sábado. Zé saiu do trabalho na Cruzeiro do Sul e foi bater cartão em Mangueira. Ao chegar no recinto, a casa estava lotada. Quando conseguiu um espaço para tocar, o som do seu trombone agradou o clarinetista Abel Ferreira. Abel gostou tanto do que ouviu que convidou o trombonista para, no dia seguinte, dar uma canja com o pessoal do grupo Suvaco de Cobra no bar Santa Terezinha, no bairro da Penha Circular. A canja foi longa: Zé tocou

53 Entrevista aos autores no dia 2 de novembro de 2015.

com Abel Ferreira por quase dez anos, e atribui ao clarinetista a abertura de uma página fundamental em sua história: “A partir daí minha carreira decolou como profissional. O Suvaco de Cobra representou uma época áurea do choro e da música popular brasileira. Ali surgiram excepcionais valores musicais.”⁵⁴

Butantan musical

A turma do Suvaco de Cobra escovava os dentes com cerveja, uma vez que a domingueira começava às 9 horas da manhã e terminava às 14 horas. Tudo leva a crer que, no final da década de 60, o bar Santa Terezinha, plantado à rua Francisco Ênes, 124, no subúrbio carioca da Penha Circular, tornou-se um ponto obrigatório no mapa do choro. O movimento foi encabeçado pelos “sócios” do estabelecimento, os irmãos Joyr Nascimento (violão sete cordas) e Joel Nascimento (bandolinista que à época tocava cavaquinho).

Foi por volta de 1968 ou 1969 que a birosca de duas portas, do “patrício” Manoel Português, também conhecido como Zé da Garfanha, abiscoitou a alcunha de Suvaco de Cobra. O nome de guerra foi proposto por José Gomes, O Zé Bode, comedido funcionário do Ministério da Fazenda. Numa manhã tipicamente suvaquiana, Zé Bode, sabiamente, levantou uma questão de cunho ecumênico: “A gente fica fazendo farra nesse bar com nome de santa; isso não tá certo. Pois então, de agora em diante, vamos chamar esse lugar de Suvaco de Cobra”⁵⁵. Na realidade, o bar continuou com seu nome de batismo: Santa Terezinha. Suvaco de Cobra era o nome do grupo que tocava na casa. Mas os populares, os jornalistas e a turma do copo passaram a chamar tudo que tinha no bar de Suvaco de Cobra. E assim ficou.

Na obra *Memória Afetiva do Botequim Carioca*, os autores José Octavio Sebadelhe e Pedro Paulo Thiago de Mello desentocam o bar Santa Terezinha: “O bar possuía três metros de frente por cinco de fundura. No seu reduzido interior acomodavam-se três

54 Zé da Velha, abafando com o trombone. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 junho de 1989. Matutina, Jornais de Bairro, p. 29.

55 CAZES, Henrique. *Choro do quintal ao Municipal*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 112.

pequenas mesas fundidas em ferro e de espesso tampo de mármore, acompanhada de tradicionais cadeiras de madeira. O piso era constituído por pequenas pastinhas de cor branca, enquanto que suas paredes prevalecia a estética da época, com azulejos azuis e brancos. Em sua fachada, duas portas de acesso com esteiras metálicas. Ao fundo, um balcão de madeira e por detrás deste, um armário com prateleiras, junto com um frigorífico de madeira utilizado para o armazenamento de bebidas.”⁵⁶

Além dos irmãos Nascimento, muita gente boa puxou a fila desse Butantan musical: Zé da Velha, Rubinho do Piston, Abel Ferreira, Dino 7 Cordas, Índio do Cavaquinho, Jorginho do Pandeiro, Paulo Moura, Toco Preto, Walter, Valdir, Motinha do Bandolim e grande elenco. Um dos entusiastas do Suvaco era o compositor Nelson Cavaquinho: “É de lugares como esse que a gente precisa para ver nascer gente nova. O bacana aqui é que garotos de 15, 16 anos têm chance de mostrar o que estão fazendo, não ficam por aí ouvindo iê-iê-iê. Vou passar a frequentar esse lugar. Já sabia através da Beth Carvalho que era um lugar autêntico e, agora, ainda mais, depois de ter ouvido toda essa gente.”⁵⁷

Alô, Joel do Bandolim! Alô, Suvaco de Cobra!

Nos anos 70, quando Joel Nascimento começou a gravar com o cantor e compositor João Nogueira, o Suvaco de Cobra rompeu os limites da Penha Circular. João estava badalado na praça e Joel passou a levar alguns músicos e amigos de copo para aquela área. Ganhou, ainda, uma força do produtor e radialista Adelson Alves, que citava o grupo no seu programa *Amigo da Madrugada*, da Rádio Globo: “Alô, Joel do Bandolim! Alô, Suvaco de Cobra!”. Não deu outra. O bar passou, num pulo, de ponto do mapa do choro a ponto turístico. E ocorreu, como é de costume, uma romaria de jornalistas e fãs de ocasião ao local. O reduto etílico-musical ganhou até ares de camarote global, como lembra Zé da Velha o encontro com a atriz Sonia Braga: “Zé, vim te ver e trouxe um garoto para ouvir

56 SEBADELHE, José Octavio e MELLO, Pedro Paulo Thiago de. *Memória Afetiva do Botequim Carioca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015, p. 106.

57 HELENA, Ana. Na Penha Circular: os chorões se divertem antes, durante e depois do carnaval. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1977. Matutina, Cultura, p. 43.

você”. O garoto era o músico Raphael Rabello, que, segundo Zé da Velha, “já tocava um violão de sete cordas que era brincadeira”.⁵⁸

Em 1975, o repórter Juarez Barroso, do *Jornal do Brasil*, deu o clima, segundo ele, do “pitoresco Suvaco de Cobra”: “O balcão lotado, mesas na calçada, aglomerando na rua suburbana, e destaque para os assistentes Zé Fumaça, Algodão, Dutra (grisalho bem penteado, discreta imponência e atento a sutilezas instrumentistas), Buda, Oswaldo Tã Queimado, Betinho Zorro, Bico Doce (clarinetista famoso pelos ataques de tosse), Bellini (dono de um Fusca que tinha capacidade de uma Kombi), Waldir Caciporé, mais conhecido como O Porco que Ri, e Weber, cortador de defunto do Instituto Oswaldo Cruz e outras profissões menos nobres.”⁵⁹

Juarez escreveu a chegada, naquela manhã de domingo, 21 de dezembro de 1975, de Zé da Velha ao bar: “No Suvaco, o choro come e a roda aumenta. De repente, eufóricas exclamações na calçada: ‘ô, Zé da Velha’, grita um. ‘Chegou quem faltava’, grita outro! A cabeça brilhantinada e o bigode aparado a capricho, desce o nutrido Zé da Velha com seu trombone, acompanhado de Rubinho do Piston. O trombone de Zé da Velha abrandando-se e acompanha a suavidade do bandolim de Joel, o valor está na segurança do sopro, na bossa, na criação”.⁶⁰

O barbeiro da Penha e outros trocados

— Seu José, um limão da casa. Dá pra sair?

Um dos “cantores” mais afinados do Suvaco de Cobra era o barbeiro, que passou para a história com a alcunha de Paciência. Pelo que consta, o barbeiro do Subúrbio da Leopoldina não era nenhum barítono, nenhum Barbeiro de Sevilha, nenhum Fígaro de Rossini. Era, isso sim, *expert* em aparar o telhado da rapaziada no próprio bar. Só precisava de um espelho na parede, uma cadeira e suas ferramentas de trabalho. Mesmo com sua barbearia demolida, Paciência manteve a clientela fiel. Durante a semana,

58 Entrevista aos autores no dia 2 de novembro de 2015.

59 BARROSO, Juarez. O Choro vem da Penha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1975. Caderno B, p. 5.

60 *Ibid.*

fazia atendimento *delivery* - o popular de porta em porta -, mas aos domingos ele fazia barba, cabelo e bigode no bar Santa Terezinha. Seria o nosso Paciência o pai das “barbearias-conceito” de hoje em dia? Digo, barbearias repaginadas que juram de pés juntos proporcionar ao homem moderno um ambiente refinado, *retrô cool* - sem falar no atendimento diferenciado (palavra da moda), que inclui: lâmina afiada, toalha quente, cerveja gelada e *happy hour* sem culpa.... Certamente não. O bar Santa Terezinha estava longe dos 400 rótulos de cerveja e da *mise-en-scène* de menu variado, ao gosto de ervas orientais, refrescadas com um vento leve primaveril. O modelo de negócio do pessoal do Suvaço era na base da Brahma gelada, mocotó e choro. Corta!

Paciência também era considerado o maior barbeiro de defuntos do subúrbio da Leopoldina. Com a carícia de sua lâmina, qualquer falecido adquiria, segundo testemunhos, dignidade mortuária. Até que, certa vez, o barbeiro andava a esmo pela Penha Circular e, por causa de suas ferramentas de trabalho, foi perseguido e grampeado por um policial. Paciência foi encarcerado por porte ilegal de arma. Para salvar a pele do barbeiro, uma comitiva rumou do bar Santa Terezinha à delegacia, e, sem muito custo, conseguiu liberar o barbeiro e sua navalha. O comissário, compreendendo a gravidade da ação do subordinado, e a fim de reparar o dano, foi por muito tempo um dos maiores incentivadores do Bloco das Piranhas, entidade etílico-carnavalesca que saía todos os anos do bar Santa Terezinha.⁶¹ Henrique Landrini, um dos “sócios” da casa, descreve a folia do Suvaço: “Durante o carnaval formamos o Bloco das Piranhas, inspirado no Bloco das Piranhas de Madureira, mas o nosso é outra coisa. Nos fantasiávamos de Piranhas Famílias, Piranhas Enfermeiras, Piranhas Ecléticas...”⁶² Os suvaquianos cantavam pelas ruas:

Abram alas, minha gente
Que vamos passar
Esse é o Bloco das Piranhas
Da Penha Circular

61 BARROSO, Juarez. O Choro vem da Penha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1975. Caderno B, p. 5.

62 HELENA, Ana. Na Penha Circular: os chorões se divertem antes, durante e depois do carnaval. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1977. Matutina, Cultura, p. 43.

DP da Penha Circular

Outra ocorrência “suvaquiana” aconteceu com Zé da Velha. Por volta dos anos 70, Zé teve um trombone roubado de dentro de seu carro no centro da cidade — em um local conhecido como o “ponto dos músicos” —, na Praça Tiradentes. Zé comentou o ocorrido ao pessoal do Suvaco de Cobra, mais precisamente com o Oswaldo (que trabalhava na censura, mas no Suvaco não apitava nada - vivíamos em período nebuloso de ditadura) e com o Capitão Albano. Onze meses depois de uma longa “investigação”, o capitão descobriu que o trombone fora vendido em Porciúncula (município do noroeste fluminense). Zé procurou o camarada e disse que o instrumento era dele. Para comprovar, deu o número de registro gravado na vara. O número bateu certinho. O porciunculense jurou de pés juntos que ganhou o instrumento de uma pessoa para quem tinha feito um serviço. Como recompensa, Zé da Velha deu um “faz-me rir” para o sujeito, resgatou o trombone e o caso foi encerrado, sem B.O.

Chorando pelos dedos

Em 1976, Zé pôde registrar, pela primeira vez, o som do seu trombone em disco. Foi no LP *Meu Mundo Melhor*, de Beth Carvalho. A cantora conheceu o músico no bar Santa Terezinha: “Fiquei encantada com ele e logo convidei para gravar a faixa ‘Quero Alegria’ [Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito]. Ele entrou no estúdio da RCA muito nervoso. Mas deu tudo certo, pois a sonoridade de Zé da Velha e seu trombone é um casamento perfeito”.⁶³ No mesmo ano, Zé gravou no seminal disco de Joel Nascimento, *Chorando pelos Dedos*.

Durante a gravação do disco do Joel, o bar Santa Terezinha era o escritório para os músicos relaxarem. Com o fim das gravações, foi organizada uma grande festa para comemorar o álbum. Henrique Landrini, uma espécie de relações-públicas do pessoal do Suvaco, comentou sobre os preparativos: “Somos contra até mesmo a escolha de um presidente. Mas fomos obrigados a ter um chefe simbólico, uma espécie de patrono. O Betinho é quem

63 Entrevista de Beth Carvalho aos autores dia 29 de junho de 2016.

coordena os encontros, quando é necessário. A organização é espontânea, mas, quando acontece um evento maior, não pode deixar faltar o essencial, a 'braminha honesta'".⁶⁴ Segundo o jornalista Sérgio Cabral, à festa em homenagem ao LP de Joel Nascimento, ele só vira igual uma vez na vida: a oferecida ao cantor Orlando Silva. E bota tempo nisso... O próprio Sergio Cabral contou sobre os fuzuês no Bar Santa Terezinha e como conheceu o nosso Zé da Velha: "Isso eu lembro desde menino. Que o choro era o som do subúrbio no domingo de manhã. E sabe o que mais me chamou atenção no Suvaco de Cobra? É que era uma coisa muito carioca. Eu fiquei orgulhoso daquilo. Esse tempo do Suvaco de Cobra, para nós, amantes da música brasileira, foi uma fase muito rica para cidade. Do Suvaco saíram dois gênios como o Joel do Bandolim e o Zé da Velha. Foi também no Suvaco de Cobra que eu Conheci o Zé da Velha."⁶⁵

Mas falávamos do disco do Joel do Bandolim. Voltemos a ele. O LP *Chorando pelos Dedos* foi produzido pelo cantor João Nogueira e contou com uma rapaziada de primeira água: Paulo Moura (sopro), Dino 7 Cordas, Canhoto do Cavaquinho, Jorginho do Pandeiro, Abel Ferreira (sopro), Zé da Velha e grande elenco. A ideia de João Nogueira era mudar o nome do disco, mas Joel sustentou sua escolha: "O João queria outro nome, Ecos, que é o título de um choro meu. Mas eu gostei mais de *Chorando pelos Dedos*, e insisti. Porque é uma canção que o João fez pra mim. Achei que era uma homenagem também a ele."⁶⁶

A música que dá nome ao disco de Joel é uma parceria de João Nogueira e Cláudio Jorge. A composição foi gravada no disco *Vem Quem Tem*, do próprio João Nogueira:

*Olhe o homem como ele está chorando
Chorando pelos dedos lágrimas do som de um bandolim
Chore homem para espantar seus medos
Que lá vem um tempo bom de ir
Ir a caminhar sobre o luar de violões...*

64 HELENA, Ana. Na Penha Circular: os chorões se divertem antes, durante e depois do carnaval. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1977. Matutino, Cultura, p. 43.

65 Entrevista de Sergio Cabral aos autores em 8 de setembro de 2016.

66 FRIAS, Lena. Joel: um bandolim faz com choro a nova festa da Penha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 de janeiro, 1977. Caderno B, p. 4.

A bolacha de Joel Nascimento, infelizmente, não tem ficha técnica. Uma pena! Não dá para matar com precisão quem toca em qual faixa. Se é possível destacar alguma música nesse belo trabalho, ficamos com o “Chorinho do Suvaco de Cobra” (de Abel Ferreira), que conta com os solos e contrapontos de Zé da Velha.⁶⁷

*Mas o chorinho do Suvaco de Cobra
Não tem dia,
Nem hora,
É só botar para quebrar.*

Do Caderno B ao segundo caderno das páginas policiais

De olho no sucesso do Suvaco de Cobra, o ex-detetive De Paula resolveu colocá-lo debaixo do braço. Aos fatos. De Paula se autointitulava como um dos “homens de ouro da polícia carioca”: uma mistura de milícia, contravenção e esquadrão da morte. Dito isso, passamos à chinfra do ex-comissário. Ela era tão grande que De Paula, sem um pinga de constrangimento, declarou ao *Jornal do Brasil* a criação da Scuderie Mariel Mariscot, “no exato momento em que nosso companheiro (Mariel Mariscot) caiu morto”.⁶⁸ Ainda no dia do enterro de Mariel, o *Jornal do Brasil* registrou: “O ex-detetive De Paula, dono do bar Suvaco de Cobra, aonde Mariel ia todas as sextas-feiras, garantiu que a apuração do crime não demoraria mais de 72 horas.”⁶⁹

Rápidas no gatilho foram as jornalistas Diana Aragão e Lena Frias, quando, em setembro de 1977, denunciavam o oportunismo reinante com a tradição do respeitável Suvaco de Cobra: “Como tudo que é bom atrai os imitadores e toda arte incita ao pastiche, o Suvaco de Cobra, respeitável núcleo de choro do bairro da Penha (rua Francisco Enes) não escapou à lamentável e grosseira imitação: gente inescrupulosa, sem respeito pela arte, artista ou

67 Ouça “Chorinho do Suvaco de Cobra”, de Abel Ferreira (disco *Chorando pelos Dedos*) em: <https://www.youtube.com/watch?v=royD1UMkkQY>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

68 Policiais criam nova Scuderie no enterro de Mariel. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1981. 1º Caderno, Policial, p. 17.

69 *Ibid.*

público, passou a usar o nome do Suvaco de Cobra, à revelia dos autênticos chorões da Francisco Ênes, para fins comerciais, beneficiando-se da penetração do verdadeiro Suvaco junto ao público e falsificando as intenções do grupo de Joel do Bandolim”.⁷⁰

De Paula aplicou um golpe clássico na rapaziada da rua Francisco Enes. Tomou na mão grande o nome Suvaco de Cobra, comprou um botequim maior, numa rua paralela ao bar Santa Terezinha e deu um banho de loja no local. Ainda teve a pachorra de estender uma faixa com letras garrafais na frente do “novo” Suvaco: “Aqui o verdadeiro Suvaco. O grupo Suvaco de Cobra solicita silêncio e respeito. A moral e a indumentária de acordo com o ambiente”. Como se não bastasse, De Paula gostava de tocar surdo batendo com um vistoso anel de ouro na parte metálica do instrumento. Irritava chorões pudicos e até os de cabeça fresca.

Mais ou menos nesse período, o pessoal do grupo Suvaco de Cobra original também mudou de endereço. A mudança aconteceu rigorosamente porque “o bar, que possuía três metros de frente por cinco de fundura”, ficou demasiadamente pequeno para acomodar tanta gente. A rapaziada passou a “dar consulta” numa casa verde e rosa ao lado do bar Santa Terezinha. Betinho, “sócio” do Suvaco, não parecia esquentar a mufa com a situação: “Tenho certeza de que essa imitação vai durar pouco. Todos sabem que o verdadeiro Suvaco não cede, nem se desmoraliza (...) pouco a pouco, o pessoal descobrirá o que está acontecendo.”⁷¹

De Paula abriu três pontos do Suvaco de Cobra – um na Penha Circular; outro na rua Teodoro Silva, 921, em Vila Isabel (mesma rua onde nasceu e morou Noel Rosa) e mais um na rua Jornalista Orlando Dantas, 53, em Botafogo. No final da década de 1980, todos os Suvacos, até mesmo o seminal da rua Francisco Enes, enrolaram bandeira. Não sobrou um Suvaco para contar história.

Enquanto isso, Zé da Velha estava pronto para percorrer outras redondezas.

70 ARAGÃO, Diana; FRIAS, Lena. Com sotaque de gíria. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1977. Turismo, p. 5.

71 *Ibid.*

CAPÍTULO 4 **Ô SILVÉRIO, MEU IRMÃO!**

Meu pai me apresentou o Zé da Velha quando eu era bem pequeno. Jamais eu poderia imaginar que iria conhecê-lo pessoalmente.

Silvério Pontes



Silvério Pontes metendo a boca no trompete, anos 2000.
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

Golpe de sorte

Em 1965, um ano após o golpe cívico-militar, Zé da Velha deu um golpe de sorte. Conheceu Jacob do Bandolim e passou a acompanhá-lo. Isso não era pouca coisa. O nosso Zé da Velha não é de contar vantagem, mas poderia: ele acompanhou dois dos maiores nomes do choro: Pixinguinha e Jacob do Bandolim⁷². Amplio: os dois maiores nomes do choro. Jacob do Bandolim formou, em 1966, o lendário grupo Época de Ouro, time que mudou o perfil dos amadores regionais da época: Dino 7 Cordas, César Farias (violão), Jorginho (ritmo), Jonas Silva (cavaquinho) e Gilberto D'Ávila (pandeiro). A “parceria” entre Zé da Velha, Jacob do Bandolim e grupo Época de Ouro deu alguns frutos, como os discos *Noites Cariocas* (Kuarup, 1989), gravado ao vivo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em homenagem póstuma ao bandolinista. Em 2003, desta vez com o parceiro Silvério Pontes, o *duo* Zé e Silvério gravou dois discos sobre o mestre: *Ao Jacob, seus bandolins: sua música, seus intérpretes* (Biscoito Fino, 2003) e *Noites Cariocas 15 anos depois – a alegria do improviso* (Kuarup, 2003).⁷³

Free shop do Zé da Velha

Voltamos à década de 1970, quando o nosso Zé da Velha integrou dois grupos: o conjunto Sambalândia e a Orquestra Gentil Guedes. Com o Sambalândia, o nosso trombonista fez a sua primeira turnê internacional. O destino era a Alemanha e seus menos de 17 graus - um frio de congelar melodias. O grupo participou, nos meses de abril e maio de 1970, segundo matéria do jornal *O Globo*, de uma exposição que mostrava “aos alemães artes e curiosidades do Brasil”. Entre as curiosidades brasileiras, “uma noite de ‘carnaval no Rio’ com baile a fantasia e música brasileira autêntica,

⁷² O disco *Noites Cariocas* (Kuarup, 1989), gravado ao vivo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Zé da Velha participa de três faixas: “Doce de Coco” (Hermínio Bello de Carvalho e Jacob do Bandolim), “Um a Zero” (Pixinguinha) e “Urubu Malandro” (Pixinguinha).

⁷³ O primeiro da lista é um disco duplo, gravado ao vivo na Sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2002. Zé e Silvério participam das faixas “Noites Cariocas” e “Bole-bole”. O segundo disco foi gravado durante o projeto *Brasileirinho – O Choro um Século Depois*, dirigido por Valéria Machado e Mário de Aratanha. Aqui a *big dupla* registra “Noites Cariocas”, “Cochichando”, “Vê se Gostas”, “O Bom Filho à Casa Torna”, “Matuto”, “Chorinho Pra Você”, “Bole-bole”, “Um a Zero” e “Na Glória”.

estando presente o conjunto *Russo do Pandeiro and his Sambalândia*. O grupo tocará entre as Semanas Brasileiras nos restaurantes da cidade”.⁷⁴ Cinco anos depois da gélida viagem à Alemanha, Zé da Velha entrou em outra “fria”, agora como solista da Orquestra Gentil Guedes. O destino foi o Canadá.

Exílio Olariense

O curioso é que o nosso trombonista, que à época trabalhava em duas companhias áreas, não gostava (e ainda não gosta) de viajar. A praia dele é Olaria. Zé prefere uma espécie de exílio olariense. Como o descrito por Nelson Rodrigues na crônica “Conveniência de ser covarde”: “Há tempos, fui à rua Bariri, ver um jogo do Fluminense. E confesso: sempre considere Olaria tão longínqua, remota, utópica como Constantinopla, Istambul ou Vigário Geral. Já na avenida Brasil, comecei a sentir uma nostalgia e um exílio só equiparáveis aos de Gonçalves Dias, de Casimiro de Abreu.”⁷⁵ Na realidade, desde que chegou ao Rio, em 1949, Zé da Velha nunca arredou o pé de Olaria. Mudou de rua, de casa, mas nunca do bairro: “Quando eu cheguei ao Rio com a minha família, ali me assentei e não saí mais. Cresci, casei e mudei de casa. Mas nunca de bairro. Criei essa intimidade e ela foi sedimentada nos bairros suburbanos com os quais me identifico.”⁷⁶

Chorando alto pelos cantos

No final dos anos 60 do século passado, estavam na moda os festivais da canção. A atitude de parte dos artistas era de descontentamento com a ditadura implantada no país em 1964. Os festivais, patrocinados pelos canais de TV, eram porta-vozes dessas insatisfações e palco de novas propostas estéticas.

⁷⁴ Exposição mostra aos alemães artes e curiosidades do Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1970. Matutina, Turismo, p. 3.

⁷⁵ RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais* (crônicas de futebol). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 17.

⁷⁶ Um trombone suburbano na noite carioca. *Jornal Inverta*. Rio de Janeiro, agosto-setembro de 1992. Cultura, p. 10.

O choro entrou na onda dos festivais. Pela primeira vez jornais, revistas, rádios e TVs davam destaque nacional ao mais antigo gênero instrumental brasileiro. Os festivais, com a revelação de novos grupos e músicos talentosos, espalharam-se pelas principais cidades do país.

O tragicômico desse período nebuloso dos anos de chumbo, da repressão sistemática ao universo cultural, é que mesmo uma melodia sem letra poderia soar subversiva para os militares instalados no poder - em particular, aos ouvidos da “arejada” e “esclarecida” Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP). O compositor Edu Lobo, por exemplo, foi proibido de executar, em 1971, a música “Casa Verde”. O motivo? A falta de versos. A rapaziada do DCDP entendia que o silêncio abria margens para múltiplas interpretações dos ouvintes.

Não se pense, porém, que o contrário não era verdadeiro. Aí é que entra “Vence na vida quem diz sim”, de Chico Buarque e Rui Guerra. A composição teve a letra completamente censurada. De fio a pavio. A saída? Foi gravar uma versão instrumental. Pingamos aqui um trecho. Antes que algum “crítico” lance mão do assunto:

*Se te dói o corpo
Diz que sim
Torcem mais um pouco
Diz que sim...*

Brasileirinho e Carinhoso

Nesse contexto, nos anos 70, a TV Bandeirantes organizou dois festivais nacionais de choro: o Brasileirinho (1977) e o Carinhoso (1978). O bandolinista Rossini Ferreira ganhou o Brasileirinho com a composição “Ansiedade”; no Carinhoso, o prêmio foi para o clarinetista K-Ximbinho, com “Manda Brasa”.

Os festivais mandaram brasa no surgimento de novos instrumentistas e compositores, assim como reafirmaram o choro como gênero nacional. O legado dos festivais manteve-se no meio musical. Verdade que sem o peso e o *glamour* do passado e mais

como um lampejo de algumas mentes e instituições do que um movimento coeso. Vale ao menos o encontro entre os chorões com sotaques e experiências distintas.

Mais festa para o choro

Uma tradição nos anos 90 foi o festival Chorando Alto, em São Paulo. Zé da Velha participou da edição de 1998 (o projeto começou em 1995) ao lado do flautista Carlos Poyares. O Chorando Alto sempre se pautou pelo ecletismo musical e por montar apresentações inusitadas para o universo do choro. Uma delas se deu com o *soulman* Ed Motta. “Existe um costume de chamar a música brasileira mais sofisticada de choro, e foi dentro desse conceito que eu entrei. Não tenho influência do choro, mas tenho de quem ouviu choro: Tom Jobim, Edu Lobo, Chico Buarque...”, afirmou Motta.⁷⁷

Um dos maiores méritos do festival Chorando Alto foi colocar pela primeira vez juntos o bandolinista Hamilton de Holanda e o violonista Yamandú Costa. De lá para cá, os dois vêm perpetuando a tradição de grandes instrumentistas, como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Raphael Rabello, Radamés Gnattali, Tom Jobim, Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti. Os trabalhos *Luz da Aurora* (Yamandú Costa e Hamilton de Holanda, Atração, 2010) e *Live!* (versão norte-americana do CD *Luz da Aurora*, 2010), CD e DVD respectivamente,⁷⁸ são um exemplo disso.

Tema para o Zé da Velha

Em outubro de 2001, Zé e Silvério participaram do Festival Chorando no Rio, organizado pelo MIS (Museu da Imagem e do Som), com transmissão pela TVE (hoje TV Brasil). O festival teve como vencedor o bandolinista Jorge Cardoso, com a música

⁷⁷ LOURES, Alexandre. “Chorando Alto” mescla estilo com Ed Motta. *Folha de São Paulo*. Ilustrada, 30 de outubro de 1998, p. 10.

⁷⁸ Disponível em: <http://yamandu.com.br/release/luz-da-aurora/>. Acesso em: 22 de junho de 2016.

“Balançadinho”;⁷⁹ logo atrás veio o flautista Cláudio Camunguelo, com “Zé Galinha” (com Silvio da Silva); em terceiro ficou “Fabiano e Sua Turma”, composta e interpretada pelo saxofonista Mário Sêve. Entre os finalistas estava o duo Zé da Velha e Silvério Pontes, que apresentaram a composição de Silvério Pontes e Chico Nacarati “Maxixe da Família”. Aliás, nosso trompetista tem mais de cinquenta composições, e uma delas com o compositor bissexto Zé da Velha - “Velhas Pontes”, composição criada no Mercado Municipal de Belo Horizonte, em um papo de assobios, e gravada no CD *Ouro e Prata*. Em seu CD autoral, *Reencontro*, lançado pela Des Art, em 2016, Silvério compôs com Fabiano Segalote uma homenagem para o parceiro: “Tema para o Zé da Velha”.⁸⁰

Chorando sem Parar, Projeto Pixinguinha

Um dos festivais mais longevos (teve primeira edição em 2004 e caminha para 13ª edição em 2016) e importantes para o choro nos últimos anos, o ChorandoSemParar⁸¹ acontece na cidade de São Carlos, em São Paulo. Um dos grandes baratos do evento são as doze horas de choro ininterruptas. Uma verdadeira *rave* chorística! Na quinta edição, de 2008, os homenageados da vez foram Zé da Velha e Jacob do Bandolim (*in memoriam*).

Em 1977 brotou o projeto Pixinguinha, idealizado pelo poeta Hermínio Bello de Carvalho. O furdunço era patrocinado pela Funarte (Fundação Nacional de Artes), que promovia a circulação pelo país de espetáculos de música brasileira a preços populares.

79 Mas que, balançado, talvez sobressaltado com o prêmio, Jorge Cardoso comentou: “Imagina, concorrer com músicos de quem sou fã, Guinga, Zé da Velha e Silvério”. MÁXIMO, João. O centenário do Choro nunca foi tão jovem. Bandolinista de Brasília ganha festival no qual palco e plateia juntam três gerações de músicos brasileiros. *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2001. Matutina, Segundo Caderno, p. 10.

80 Em 2016, Silvério colocou parte de suas composições no CD *Reencontro*, lançado pela gravadora Des Art, do músico e compositor Carlos Mauro – líder do grupo Tio Samba. No CD, encontramos as melodias “Três Meninas”, “Suntuosa”, “O Pete e o Sete”, “No Tempo do Bonde”, todas com o violonista Leandro Saramago; “Piazolla no Choro”, com Marcelo Caldi, “Tema para o Zé da Velha”, com Fabiano Segalote e as “Hoje Tem Marmelada”, “Amor Eterno”, “Verão Majestoso” e “Reencontro”, só de Silvério.

81 Misturando talentos locais, nacionais e internacionais, o festival foi idealizado pelo Projeto Contribuinte da Cultura / FAI – Universidade Federal de São Carlos. Segundo a imprensa paulista em 2008: “Além da participação do homenageado da edição, o Zé da Velha, duas participações serão marcantes: as de Elza Soares e Luiz Melodia, ambos fãs declarados do trombonista”. ChorandoSemParar 2008 homenageia dois mestres da música brasileira. *Jornal Primeira Página*. São Carlos/SP, 14 de dezembro de 2008, p. 1.

Entre as mais de dez duplas selecionadas, uma era exclusivamente de choro: Ademilde Fonseca e Abel Ferreira – apresentando clássicos de Pixinguinha, Waldir Azevedo, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga. Apesar do imenso sucesso, nenhum trabalho autoral da parceria foi publicado.⁸² Uma pena!

Chapéu de Palha

Por falar no clarinetista Abel Ferreira, nesse contexto de “páginas infelizes da nossa história” e de fomento à música instrumental, o músico ficou encafifado com seus antigos companheiros do Suvaco de Cobra, Rubinho e Zé da Velha, por causa do grupo Chapéu de Palha: “O grupo Chapéu de Palha gerou uma rixazinha pequena com o Abel Ferreira, porque paramos de tocar com ele para desenvolver um trabalho próprio. Mas depois ele ficou numa boa”, diz Zé da Velha.⁸³

O Chapéu de Palha surgiu da cabeça de Zé da Velha e Valdir de Paula, no bar Céu Azul, no bairro do Jacaré, Zona Norte do Rio de Janeiro. O grupo contava com o padrinho Hermínio Bello de Carvalho e com a participação de Henrique Parada (surdo), Jaime Silva (pandeiro), Toco Preto (cavaquinho), Jair (violão), Valdir de Paula (violão 7 cordas, cavaquinho, banjo, contrabaixo e guitarra elétrica), Rubens dos Santos (trompete e tuba), Josias (flauta, saxofone e clarineta) e Zé da Velha (trombone de vara).

Logo no primeiro ano, em 1977, o Chapéu gravou seu primeiro disco. Dois anos depois, veio pela Copacabana o *Chapéu de Palha Volume 2*. Atualmente, mas sob nova direção, o Chapéu de Palha continua ativo, mas o selecionado mudou muito durante o passar dos anos.⁸⁴

Além de ser apetrecho indispensável para proteger o cocuruto da rapaziada, o chapéu de palha assumia outra função no meio musical: era “usado como instrumento de percussão. O efeito era

82 No *site* da Funarte está disponível o áudio da apresentação e um texto de Pedro Paulo Malta: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/pixinguinha/abel-ferreira-ademilde-fonseca-e-uma-antologia-do-choro-no-projeto-pixinguinha/>.

83 Entrevista aos autores no dia 2 de novembro de 2015.

84 Em 1977, Hermínio Bello de Carvalho comandou uma entrevista com o grupo Chapéu de Palha no programa Água Viva, da TVE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOzJg6a-bBXA>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

obtido pelo tamborilar dos dedos no corpo endurecido do chapéu, também mencionado como palhete. Essa pioneira utilização é creditada ao cantor Luís Barbosa; porém outros, como Dilermando Pinheiro, Joel de Almeida e Zé da Cruz, também se destacaram no uso percussivo do chapéu de palha”.⁸⁵

Na terra de Arariboia

No mesmo ano 1977, enquanto Zé da Velha tirava o Chapéu de Palha da cabeça e o projeto Pixinguinha percorria o país a todo vapor, o nosso Silvério Pontes viajava quase 300 km de Laje do Muriaé para estudar no pré-vestibular do colégio Gay-Lussac, em Niterói. Na Terra de Arariboia, Silvério morou na pensão de sua tia Ninita e seu tio Filinho, ao lado do clube Canto do Rio. A rotina do estudante era a puxada: trabalhava na pensão durante o dia, estudava à noite e tocava nos bares da cidade nos fins de semana.⁸⁶ Nesse período, Silvério dava seus primeiros passos com o Grupo Casca, formado ainda por Cadinho, Serginho Chiavazzoli, Weber e André Pirela.

Silvério *fashion week*

Silvério nem imaginava que existia faculdade de música. Quando descobriu, cursou três anos na escola Villa-Lobos e um ano na Escola Nacional de Música. Mas depois de dois vestibulares frustrados, o ex-futuro doutor engenheiro Silvério Pontes percebeu que o compasso escolhido deveria ser outro. E como não era filho de pai rico, teve de correr atrás de algum “faz-me rir”. Um dos primeiros empregos que arrumou para ganhar o pão foi na fábrica da Dulo-ren. Trabalhava na tesouraria. Descontando cheques e outros bichos. Mas também fazia uns bicos de modelo e manequim. Como era muito magrinho, ele desfilava de sunga e testava alguns lançamentos da marca de roupa íntima para a rapaziada da fábrica.⁸⁷ Entretanto, as passarelas não fizeram a cabeça do nosso elegante Silvério Pontes.

85 LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 60.

86 Entrevista aos autores em 2 de novembro de 2015.

87 Entrevista aos autores em 2 de novembro de 2015.

Chorando Baixinho na Praça

Continuando no emblemático ano de 1977, no dia 23 de junho foi aprovada no Senado Federal a emenda constitucional conhecida como Lei do Divórcio, dos senadores Nelson Carneiro (MDB) e Accioly Filho (ARENA). A disputa foi apertadíssima: 219 votos favoráveis (o mínimo para aprovação era de 212) e 161 contrários. Casais de cursilhistas exibiam no peito a palavra NÃO, enquanto divorcistas agitavam bandeiras do Brasil e folhas de caderno com a palavra SIM. O senador Nelson Carneiro celebrava uma emenda “severa e justa”; do outro lado, porém, os opositores à emenda diziam que os divorcistas votavam apenas para “resolver problemas pessoais”. E, claro, clamavam por Deus e pela família em nome dos bons costumes. O senador antidi-
 vorcista Benedito Ferreira (ARENA) declarou da tribuna: “Estou vendo o que vamos fazer agora, neste congresso: votar a lei ordinária para a emenda Nelson Carneiro, depois a liberação do aborto. Vamos ter muito o que trabalhar”.⁸⁸ Pouco tempo depois, foi a Arena do senador Benedito Ferreira que, abortada da política brasileira, teve muito trabalho para juntar os cacos e abrigar seus parlamentares em um caminhão de partidos de direita com o fim da ditadura cívico-militar.

Na marcha do mesmo 23 de junho de 1977, o grupo Choro na Praça beijou a noiva com direito a união estável. Já explico. É que o grupo Choro na Praça, que contava com o trombone arrumado do Zé da Velha, fez uma série de *shows* nos dias 23, 24 e 25 de junho, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. Das apresentações, brotou o disco *Choro na Praça*.⁸⁹ Ao que consta, “a ideia foi da empresária Gaby Leib, que deixou de lado as promoções da música erudita para divulgar nossa música popular instrumental – e nesse caminho só poderia chegar ao choro. A direção do trabalho é de Albino Pinheiro”.⁹⁰

88 Congresso institui o divórcio: 226 votos a 159. Nelson Carneiro quer lei “severa e justa”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1977. País, p. 3.

89 AUTAN, Margarida. O choro volta à praça. *O Globo*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1977. Cultura, p. 35.

90 Sobre esse momento, de *shows* e gravações, Zé da velha comentou: “Já houve fases piores e não dá ainda para se garantir só na música, mas espero que daqui para adiante melhore ainda mais, porque o campo está aparentemente aberto para nós”. AUTAN, Margarida. O choro volta à praça. *O Globo*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1977. Cultura, p. 35.

O disco do grupo Choro na Praça é disputado a tapa por colecionadores, apreciadores do choro, sebistas... O jornalista Sérgio Cabral, que sabe como poucos do riscado, escreveu sobre a raridade fonográfica: “O *Choro na Praça* é um álbum em que o talento do músico supera os problemas técnicos. Zé da Velha e Abel Ferreira tocando ‘André de Sapato Novo’; Waldir Azevedo revivendo seu choro de grande sucesso, ‘Vê se Gosta’; Joel [Nascimento] num maravilhoso ‘Murmurando’, Copinha com o seu ‘Amolador’ e lançando em disco a sua valsa ‘Margarida’... Paulo Moura revisitando Severino Rangel, ‘o Ratinho’, são coisas realmente inesquecíveis”.⁹¹

Quem não chora não mama

Em 1978 Zé da Velha marcou mais um golaço discográfico com *Chorando Baixinho*. Tudo começou em maio daquele ano, quando o músico Arthur Moreira Lima, recém-chegado da Europa, realizou um *show* no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, com o Grupo Galo Preto, Raphael Rabello e direção musical de Paulo Moura. Arthur saiu da apresentação serelepe e imaginando coisas: “Imagina eu tocar com o Abel Ferreira, com o Copinha, o Época de Ouro em peso e o Dino 7 cordas na baixaria?”⁹²

Arthur não era iniciante na história do choro. Ele já havia gravado dois discos sobre a obra do chorão Ernesto Nazareth, em 1975 e 1977. “Aplico ao choro aquela velha frase que a gente ouve no colégio: ‘A Idade Média não foi uma Idade de totais trevas, porque a cultura greco-romana continuou sendo cultivada nos mosteiros’. É isso aí. O choro não está em Ipanema, mas está no Irajá, hibernado. Não sou grande conhecedor de choro, conheço música de modo geral, mas esse é o tipo de música popular brasileira de que mais gosto”.⁹³

91 CABRAL, Sergio. Choro na Praça: muita coisa em poucas palavras. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1977. Matutina, Cultura, p. 38.

92 Depoimento de Mário de Aratanha na contracapa do disco *Chorando Baixinho: um encontro histórico* (Kuarup, 1979).

93 AUTAN, Margarida. Palcos, botecos e quintais estão em festa. *O Globo*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1977. Matutina, Domingo, p. 3.

Dias depois do “devaneio” de Arthur Moreira Lima de tocar com aquela turma, um almoço entre o produtor Mário de Aratã e o publicitário Armando Strozemberg juntou a fome com a vontade de comer. A agência de publicidade de Armando atendia a conta da construtora Servenco e precisava armar um evento para comemorar os 30 anos da construtora. Aperta aqui, aperta dali, espreme cá, amarra acolá, por aí e... nenhuma ideia para a festa... De repente, Mário contou ao publicitário o sonho de Arthur. Batata! Comemoração resolvida.

Seria (e assim foi) um único *show* para convidados da construtora Servenco. O convite “pessoal e intransferível” era para o dia 12 de outubro de 1978, no teatro do Hotel Nacional, no Rio de Janeiro. Para o bem de todos, a apresentação foi gravada. O resultado? O disco *Chorando Baixinho: Um Encontro Histórico* (Kuarup, 1979). A bolacha juntou literalmente o nome (encontro) à pessoa (histórico): Abel Ferreira (clarinete), Copinha (flauta), Joel Nascimento (bandolim), Zé da Velha (trombone), Dino (violão 7 cordas), César Farias e Carlinhos Leite (violões), Jonas (cavaquinho), Jorginho do Pandeiro e Arthur Moreira Lima (piano).

Paulo Moura e Os Batutas

As bolachas *Choro na Praça* e *Chorando Baixinho* encheram a bola de Zé da Velha no mercado musical; ele participou de mais três discos, agora do mestre Paulo Moura: *Mistura e Manda* (Kuarup, 1983), *Gafieira Etc. & Tal* (Kuarup, 1986) e *Pixinguinha - Paulo Moura e Os Batutas* (Velas, 1997). Ninguém seria mais indicado que Zé da Velha para tocar neste último álbum, como afirma o próprio Paulo Moura: “Tenho grande admiração pelo Zé da Velha por ser uma pessoa simples, sem vaidades. Não é uma pessoa competitiva, como às vezes encontramos no nosso meio. Como músico, eu acho que o Zé da Velha tem um grande mérito. Ele mantém aquela tradição de se tocar em bandinha de música.⁹⁴ O trombone do Zé da Velha tem um pouco do estilo dos bombardinos, tem uma variação que faz

94 Depoimento de Paulo Moura em 1 de abril de 1998 in JESUS, Sérgio Luiz de. *Zé da Velha: vida e trajetória no choro*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999, p. 26.

lembrar o estilo que combina com aquilo que Pixinguinha fazia (...) Além disso, Zé me faz lembrar um trombonista norte-americano chamado Fram Yang, que tocava com Louis Armstrong.”⁹⁵

Paulo Moura foi, antes de Silvério Pontes, o músico com quem Zé da Velha tocou por mais tempo. Mas foi outro trombonista, Lúcio do Trombone, o responsável por lançar Silvério à vera na música.

Melodi

Em 1985, por indicação de Lúcio do Trombone, Silvério Pontes entrou no naipe de metais da banda do cantor e compositor Luiz Melodia. E a primeira turnê do grupo era uma excursão para a Europa. Silvério, que nunca tinha entrado num avião, literalmente chorava de medo.⁹⁶ O primeiro voo foi Rio-Paris, depois Bélgica, Alemanha, Suíça. Ao todo, foram seis shows na Europa e depois uma excursão pelo Brasil. Aí, segundo Silvério Pontes, “eu virei músico mesmo”.⁹⁷

Silvério Pontes acompanha o cantor e compositor Luiz Melodia até hoje e já participou de quatro discos: *Pintando o Sete* (Philips, 1991), *Relíquias* (EMI, 1995), *Estação Melodia* (Biscoito Fino, 2007) e *Estação Melodia Ao Vivo*, (Biscoito Fino/MTV, 2008).

Eu vou chamar o Síndico

Em 1986, Tim Maia remontou a banda Vitória Régia, e Silvério entrou nessa por quase dez anos: “O Tim Maia, além de grande artista, grande cantor, era muito divertido. Era engraçado o tempo todo. Faltava em alguns *shows*? Faltava porque estava doidão, tinha bebido demais, mas é uma figura com quem eu aprendi muita coisa. Tinha vinte e poucos anos quando comecei a tocar com ele. Foi incrível ter tocado na banda dele, a Vitória Régia, que está em atividade até hoje, e agora se chama Banda do Síndico. Ele não pegava no pé do pessoal do metal, isso é folclore. Ele pegava no pé do técnico de

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ Entrevista de Renato Piau aos autores em 20 de janeiro de 2016.

⁹⁷ Entrevista de Silvério Pontes aos autores em 2 de novembro de 2015.

som, fazia um chifrinho com a mão e cantava ‘Me Dê Motivo’, pedia muito retorno, som alto. Mas com os músicos era tranquilo. Ele pegava mais no pé do baterista, porque ele também tocava bateria.”⁹⁸

A vaca foi pro brejo

Tim Maia adorava ensaiar, mesmo sabendo que alguns *shows* iam para o brejo.

A Vitória Régia, por exemplo, ensaiava no Recreio dos Bandeirantes. Num desses ensaios, Tim estava feliz da vida tomando um canecão de leite na cozinha do estúdio. Assim que Silvério entrou no local, ele saiu com a seguinte máxima:

— Ôôô, Silvério!! Comprei duas vacas, meu irmão. Comprei duas vaquinhas com os peitões grandes. Agora é leite todo dia, meu irmão. Olha que beleza! Ô, Silvério, vai lá fora ver as minhas vaquinhas, vai, meu irmão!

Silvério foi lá e viu uma cena pra lá de peculiar. Ao invés de cercar as vaquinhas, como manda o figurino, Tim Maia amarrou-as pelo pescoço. Silvério condenou a nova empreitada de Tim:

— Tim, você não pode fazer isso não, rapaz! Você não pode amarrar as vacas pelo pescoço, senão elas vão se enforcar. Você tem que cercá-las. Vai acabar aquela grama e elas vão se enforcar procurando mais grama para comer.

Tim comentou admirado:

— Ih, Ô-Silvério é da roça mesmo!

Tim Maia levou sua maluquice adiante, mas, prevenido por Silvério Pontes, fez lá uma cerquinha ordinária. Na outra semana, quando a Vitória Régia voltou para ensaiar, Tim chorava feito um bezerro desmamado:

— Ô, desgraçados! Os caras da favela roubaram as minhas vaquinhas, meu irmão. Fizeram um churrasco e cantaram ‘Me Dê Motivo’ pelo telefone, meu irmão!⁹⁹

98 ÁVILA, Roberta. Zé da Velha e Silvério Pontes, ícones da música instrumental brasileira, fazem parte do DVD “Casuarina”. *Diário Catarinense*, Santa Catarina, 19 de abril de 2013. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2013/04/ze-da-velha-e-silverio-pontes-icone-da-musica-instrumental-brasileira-fazem-parte-do-dvd-casuarina-4112043.html>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

99 Entrevista aos autores em 2 de novembro de 2015.

Véio, a cidade é sua

Depois que as vaquinhas foram para o brejo, Tim Maia e a banda Vitória Régia realizaram um *show* na “roça” do Silvério. Para isso, Tim Maia resolveu alugar um carro preto, com chapa preta e o escambau. Essa operação de guerra, em larga medida, era para o cantor chegar mais tranqüilão em Laje do Muriaé. Tim Maia, Silvério Pontes e Renato Piau chegaram à cidade dois dias antes do *show*. Estava tudo às mil maravilhas, mas na hora da apresentação aconteceu algo peculiar. Um fã abre a seguinte faixa de saudação: “Muito obrigado, Véio, a cidade é sua”.

Tim olhou a faixa e se enfezou:

— Ô, Piauzinho, esse pessoal tá me chamando de velho? Que porra é essa, não vou cantar, meu irmão, não vou cantar...

— Véio é o Silvério - explicou Piau. - Esse é o apelido dele aqui na cidade, meu irmão.¹⁰⁰

O show foi um sucesso!

Tem *whisky* aqui também, meu irmão

Em 1988, o cantor Ed Motta “comprou” o passe de parte da Vitória Régia para gravar com ele no disco *Ed Motta & Conexão Japeri* (Wea, 1988). A barca saiu lotada da banda do cantor de “Descobridor dos Sete Mares”. O ciumento Tim quase pediu desquite: “Esse meu sobrinho quer roubar os meus músicos. Ô, Silvério, você vai ter que escolher, ou toca lá ou toca aqui.”¹⁰¹

Silvério escolheu ficar com Tim Maia, ainda que viesse a “traí-lo” mais uma vez em 1995, quando juntou-se aos metais da banda Cidade Negra. Renato Piau conta uma história hilária que viveu com Tim e seus zelos:

“Nós fomos tocar no Globo de Ouro, no Teatro Fênix. Os artistas mais famosos ficavam no camarim 100, que era o camarim do Chico Anísio, do Renato Aragão e do Tim Maia, quando ele ia fazer o Globo de Ouro. Mas nesse dia nós não fomos para o camarim 100. Não precisa ser inteligente para imaginar, basta não ser burro. Se

100 Entrevista de Renato Piau aos autores em 20 de janeiro de 2016

101 Entrevista de Silvério Pontes aos autores em 20 de janeiro de 2016.

o Tim Maia não vai para o camarim 100, outro corno vai estar lá. E quem era o corno? O Roberto Carlos! Eu nem sabia que o Tim Maia conhecia o Roberto Carlos. Com muito jeito eu fui lá e bati na porta.

— Posso entrar?

E o Roberto respondeu:

— Entra aí, bicho!”

Piau considerou a princípio a possibilidade de tomar um *whiskinho* com O Rei. Mas a empreitada ficou pelo meio do caminho:

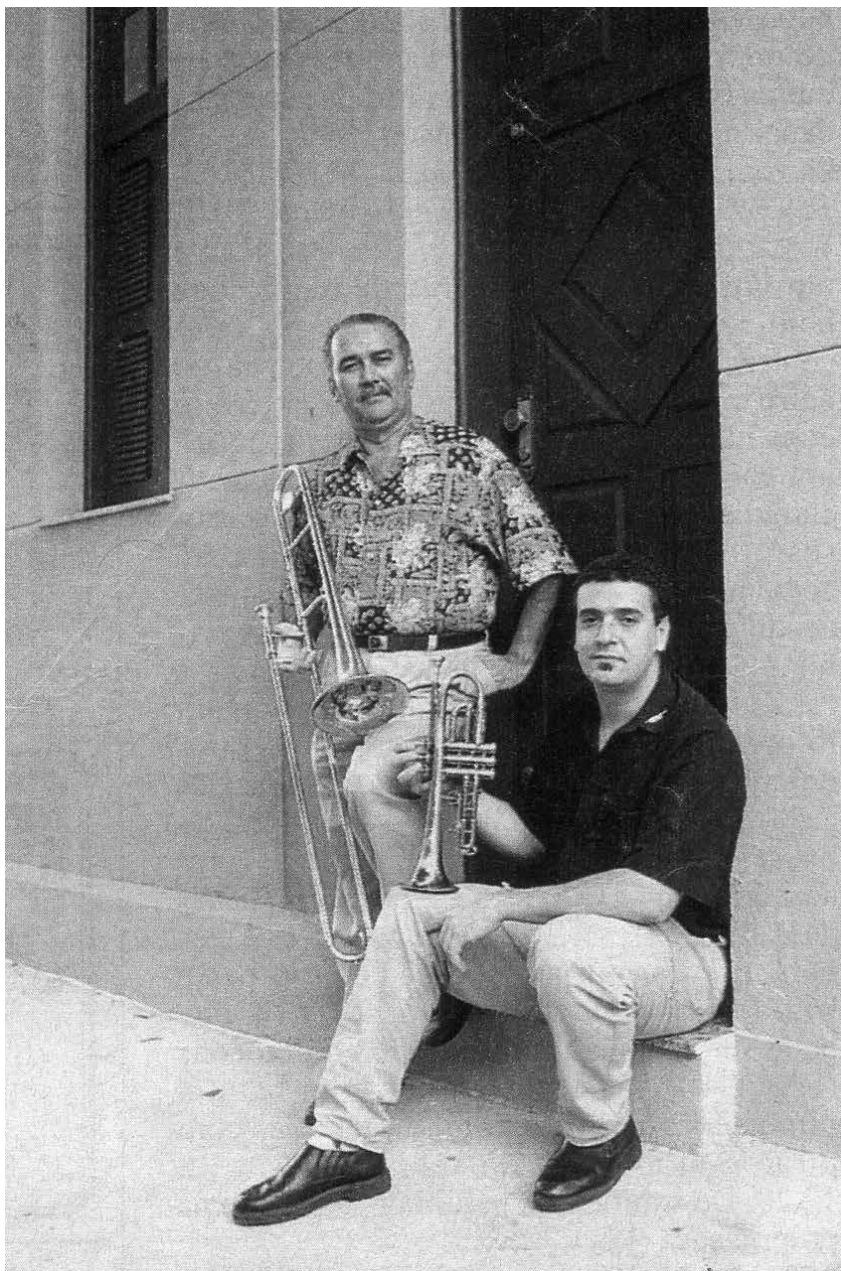
“Tô lá batendo o maior papo com o Roberto Carlos, amarradão. Só nós dois e mais ninguém. Mas eu não consegui conversar dez minutos, porque veio alguém da banda e bateu na porta:

— Piau, Piau, o Tim Maia tá te chamando!”

Chegando lá, Tim mandou um direto:

— Ô, Piauzinho, meu irmão... Você vem tocar comigo e fica de tiete do Roberto Carlos!? Que parada é essa? Tem tudo aqui, meu irmão! Tem *whisky* aqui também, meu irmão. Deixa aquele cara pra lá, porra!¹⁰²

Tim Maia continuaria ciumento como um amante de mulher bonita. Suas próximas vítimas? Silvério Pontes e um tal “Zé Bodega”. Porém, essa *big* parceria não seria brindada com *whisky*, e sim com uma beijada na cachaça Marimbondo...



Zé da Velha e Silvério Pontes, a "Menor Big Band do Mundo", 1994.
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

CAPÍTULO 5

VELHAS PONTES

Quando eu saí da Aeronáutica, a única coisa que eu sabia fazer era ser polícia, teria que dar porrada nos outros. Mas isso eu nunca fiz. Tive de apreender a fazer de tudo um pouco.

Cláudio Camunguelo, músico e cupido da dupla

Em 1986, Silvério Pontes tocava toda sexta-feira no bar Boca da Noite, na rua do Mercado, 32, no Centro do Rio. A casa ficava a poucos metros da Bolsa de Valores carioca. A nossa Bolsa rodou para São Paulo e, por sua vez, o Boca da Noite mudou de nome para Mercado 32.

Mas na década de 1980, o bar Boca da Noite estava vivo da Silva. O recinto tinha os seguintes habitués: “Gente bonita, dona de polpudos contracheques, ansiosa por bom papo e companhia. (...) como Morgana Reis – uma homenagem a Rosana Reis de *Selva de Pedra*, da Rede Globo. Ela é casada e vai ali escondida do marido – por isso o apelido global de Morgana. Alta, cabelos castanhos, muito bonita, ela diz que adora ver gente linda, bem vestida; ‘não venho abertamente para paquerar, mas, se acontecer...’”.¹⁰³

Outra figura popular da casa era o economista Sérgio Neves. Ele fazia boca de urna no bar. O freguês pleiteava uma cadeira de deputado federal pelo PDC (Partido Democrata Cristão), nas eleições de 1986. E bradava para quem quisesse ouvir que o Boca da Noite lhe daria “pelo menos oito mil votos”. O futuro congressista tinha um projeto, no mínimo, ousado: a volta dos cassinos ao Rio

103 ORSINI, Elizabeth. O circuito do prazer. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1986. Caderno B, p. 1.

quarenta anos depois do fechamento das casas pelo presidente Eurico Gaspar Dutra – ou melhor, por dona Santinha, a esposa carola do general-presidente. A plataforma deu um azar danado ao candidato, pois nas urnas apareceram apenas 388 votos...

Camunguelando

O campeão de votos no Boca da Noite era o cantor e compositor Cláudio Lopes dos Santos, mais conhecido como Cláudio Camunguelo. Pagodeiro de mão cheia, encaixava sua maravilhosa flauta transversa na música que aparecesse pela frente. Virou uma figura lendária nas rodas de samba e de choro da cidade do Rio. Ele mereceria um capítulo à parte. Nascido em Vaz Lobo, porém radicado na Estrada da Água Grande, em Vista Alegre, “Camunga” pegou gosto pela música ainda de calças curtas, graças a um amigo de seu pai, que tocava em conjunto de música caribenha, gênero muito propalado nos subúrbios cariocas nos anos 60. O pai, vendo que o filho levava jeito para a coisa, presenteou-o com uma flauta de bambu. Mas sua mãe, depois de um *rififi* com o cachorro da vizinha, quebrou a flauta na cabeça do totó. Tempos depois, quando entrou para Aeronáutica, ficou instalado em um dormitório localizado em cima da banda da escola de cadetes. Logo, porém, fez amizade com o sargento Paulo, que lhe emprestou uma flauta de ébano: “Acho que ele já deve ter morrido. Esse pessoal de banda bebe demais”.¹⁰⁴ Ao dar baixa, o flautista realizava porrancas homéricas em sua casa para homenagear o Santo Guerreiro. Que o diga o compositor Moacyr Luz: “O saudoso Camunguelo abria os portões da residência em Vista Alegre, já à meia-noite. Com o trompete de Silvério Pontes fazendo de clarim da banda militar, o rega-bofe dava início.”¹⁰⁵ O amigo Silvério Pontes participou algumas vezes do *São Jorge do Camunga*. Em uma dessas edições, o flautista, devidamente cheio de Marimbondo (sua cana predileta), levou Silvério para cima da laje. Silvério Pontes era o responsável

104 PIMENTEL, João. Camunguelo: flautista versador e andarilho do samba carioca começa a ser reconhecido para além das rodas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 2001. Matutina, Segundo Caderno, p 1.

105 Blog do Moacyr Luz. Disponível em: <http://youpode.com.br/blog/blogdomoa/tag/claudio-camunguelo/> Acesso em 14 de junho de 2016.

pelo toque da alvorada. Disso ele sabia, e concordou, sem ressalvas. Mas de uma coisa Silvério não sabia: que o *show* pirotécnico estava armado naquela mesma laje em que ele estava. Ao executar a alvorada, veio uma saraivada de fogos de artifício. Silvério quase caiu da laje com seu instrumento e tudo. Moacyr Luz nos dá um saboroso depoimento dessa época: “Amanhecia com os primeiros adeptos dosados de Marimbondo, cachaça nordestina de 52°, recepcionando os vermelho-e-brancos da alvorada. Os acepipes, providos do famoso livro de ouro, mantinham a categoria de pé-sujo oficial: siris ao molho de tomate, moelas e outros miúdos de galinha, e um feijão gordo temperado à base de pé e garganta suínos. O samba já batia ponto na varanda improvisada. Quem conheceu este ‘terreiro’ sabe do que estou falando...”¹⁰⁶ Nesta série de músicas que venho fazendo com meu parceiro Aldir Blanc, homenageando essas grandes figuras da nossa vida carioca, temos um samba ainda inédito chamado ‘Camunga’ que, infelizmente, por conta do destino, ele não pode ouvir:

*Quando uma flauta cruza a noite
igual a um dardo,
Ferindo o peito do bardo
Com um som humilde, mas belo,
Eu já sabia que só poderia fazer melodia
Desse jeito singelo:
Era o meu Camunguelo.*

*Era o meu Camunguelo magro, de boné branco...
Um São Jorge da Estiva...*

Além de festeiro, Camunguelo era também armador, estivador e amante da pesca. “Um dia resolveu dar uma de armador. Não! Não é armador de trampolinagens não, nada disso, 1-7-1! É armador mesmo, construtor de barcos”,¹⁰⁷ diz o mestre Nei Lopes. O barco *Camunguelo I* seria o pioneiro de uma série. Rebocado pela Avenida

106 Blog do Moacyr Luz. Disponível em: <http://youpode.com.br/blog/blogdomoa/tag/claudio-camunguelo/>

Acesso em 14 de junho de 2016.

107 LOPES, Nei. 171: *Lapa-Irajá: casos e enredos do samba*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 1999, p. 107.

Brasil para o traslado até a Praia de Ramos, o *Camunguelo I* causou um puta engarrafamento na via; mas quando a embarcação ganhou as águas da Praia de Ramos, teve choro, soco na areia, *Marimbondo* a rodo... Enfim, um sucesso!

Uma canja e dois copos

Fora do mar e em terras seguras, Camunguelo sabia que Silvério era fã de carteirinha de Zé da Velha. Certo dia, no Boca da Noite, improvisou uma conversa:

- Silvério, eu conheço o Zé da Velha. Ele toca todo sábado em São Cristóvão. Um dia eu trago ele aqui para dar uma canja.

Silvério não deu fé no amigo:

- Zé da Velha vem dar canja aqui? Tá maluco, Camunguelo?!

Ala do pagodinho

Apesar da amizade com Camunguelo, Silvério não conhecia o grande mestre de cerimônias que ele era. Foi ele que apresentou Zeca Pagodinho a Arlindo Cruz e, ainda por cima, “criou” o apelido “Pagodinho”:

“Eu vivia em Irajá”, conta Zeca Pagodinho. “Na casa dos meus tios, que era um lugar muito musical, com bons sambistas. Havia o bloco Boêmios de Irajá, e o meu primo, Beto Gago, tinha uma ala em que eu era mascote, quando tinha 13, 14 anos, chamada ‘Ala do Pagodinho’. Minha fantasia era costurada pela minha tia com o que sobrava da fantasia dos outros e eu saía no bloco com eles. Uma vez, meu irmão arranhou 50 pessoas de Del Castilho para sair no bloco, todo mundo na Ala do Pagodinho, e os caras ficaram nos chamando de pessoal do Pagodinho. Minha primeira música foi com o Claudio Camunguelo, um negão grande para caramba, que trabalhava no porto como estivador e era flautista. Nós concorremos no Fest Samba em 1982, na Portela, e estávamos à procura de um nome: Jessé Silva, Zeca Silva, Seca Silva – meu apelido em família é Seca, não Zeca. Um dia, estava indo para casa com ele, em Del Castilho, e quando descemos do ônibus um cara disse: ‘Fala,

Pagodinho!'. O Camunguelo achou aquele nome bom e o colocou, mesmo contra a minha vontade.”¹⁰⁸

Vamos tocar uma gafeira?

De repente, numa sexta-feira, entra no Boca da Noite um camarada bem vestido, de bigodinho fininho, cabelinho preto, penteado para trás, e uma maletinha na mão. Senta à mesa e pede um chope. Camunguelo cutuca Silvério. Silvério estica o pescoço, aperta os olhos e custa a acreditar: “Eu pensei com os meus botões: ‘Só pode ser ele’”.¹⁰⁹ Era.

Depois do primeiro intervalo, Zé da Velha sobe ao palco para dar uma canja e diz ao futuro parceiro: “Ô, garoto, vamos tocar uma gafeira”. Silvério tremeu nos sapatos. Ele sabia tocar uns quatro choros, mas o nervosismo foi tanto que só tocou um, no máximo dois. Zé atacou com “Na Glória” (Raul de Barros e Ari dos Santos), “Baltazar” (José Benedito de Freitas) e “Sonoroso” (K-Ximbinho e Del Loro).¹¹⁰

Camunguelo, o cupido

Que Camunguelo foi o responsável pelo encontro entre Zé e Silvério não resta a menor dúvida. Isso é confirmado pelos três e mais meio mundo de gente. O local também não tem mistério: bar Boca da Noite, na rua do Mercado, 32. Embora uma vez (e não mais do que isso) o flautista Cláudio Camunguelo tenha declarado que o cupido flechou a dupla no pagode da Nega Fulô, em Botafogo. Mas nessa o nosso Camunga certamente confundiu os pagodes. O ano do encontro, por sua vez, não pode ter ocorrido antes de 1986, como podemos confirmar a partir da matéria do *Jornal do Brasil*, de agosto daquele ano, e da entrevista com os donos do Boca da Noite, Carlos Roberto Diniz e Ana Lucia Neves: “Por enquanto, o

108 Entrevista de Zeca Pagodinho. Disponível em: <http://osomdovinil.org/2013/12/19/zeca-pagodinho-zeca-pagodinho/> Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

109 Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

110 Zé da Velha: um trombone para ninguém botar defeito. *O Globo*. Rio de Janeiro, 6 de setembro 1985. Jornal de bairro, p. 7.

Boca da Noite só abre às quartas, quintas e sextas. Mas com três meses de existência já leva a rua do Mercado à loucura”¹¹¹. É provável, todavia, que o encontro tenha ocorrido em setembro, pois na Revista de Domingo, do mesmo *Jornal do Brasil*, o destaque da edição de 21 de setembro de 1986 era o seguinte: “O pagode do grupo Boca da Noite na sexta-feira (com o excelente trombonista Zé da Velha)”¹¹². Segue o jogo!

Aos corações são-cristovenses

Zé gostou tanto de tocar com Silvério que lá pelo fim da noite convidou-o para dar uma canja no Bar Zé dos Espetinhos,¹¹³ em São Cristóvão, onde Zé da Velha e seu regional tocavam todo sábado. O bar sustentava tal alcunha por causa dos espetinhos da maior responsabilidade, de carne, queijo, churrasco misto, camarão. A música para o freguês era obra de Walter (Violão), Valdir (cavaquinho), Mário Pereira (clarinetista e saxofonista), Siri (surdo), Josias (flauta) e Zé da Velha (trombone de vara).

Após o primeiro encontro no Boca da Noite, Silvério demorou uns quatro sábados para dar o ar da graça em São Cristóvão. Quando criou coragem e pintou no pedaço, ficou doído com o que viu. Perguntava o nome das músicas, anotava num caderninho e, entre um espetinho e outro, se virava para aprender as notas. Saía das rodas ávido pelo conhecimento da linguagem do choro; buscava partituras e, quando não achava, tirava a música de ouvido. Foi acumulando com o tempo um significativo repertório de choro. Quando o clarinetista e saxofonista Mário Pereira não podia comparecer à roda, Silvério entrava de sub: “O que eu aprendi de choro foi o Zé que me passou. Só de ver ele tocar fui aprendendo. Quer melhor escola que ver o Zé tocar? Ia atrás dele, tocava uns cinco ou seis choros. Acabava o *show* e ele sempre colocava um dinheirinho no

111 ORSINI, Elizabeth. O circuito do prazer. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1986. Caderno B, p. 1.

112 MENDES, Antônio José. Um jeito de fugir das horas de *rush*. Revista Domingo (do *Jornal do Brasil*), Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1986, p. 21.

113 O Bar Zé dos Espetinhos, na rua Bela, 577, em São Cristóvão, pelo que tudo indica, virou poeira para a construção da Linha Vermelha.

meu bolso ‘para a condução’. Eu aprendia e ainda recebia”.¹¹⁴
 Ô, sorte!¹¹⁵

Nesse momento, com a convivência no Bar Zé dos Espetinhos, a parceria entre o trombonista e o trompetista começou. Mas Zé da Velha e Silvério Pontes não mandaram tudo para o inferno: Zé continuava acompanhando Paulo Moura, e Silvério Pontes, os cantores Luiz Melodia e Tim Maia.

Assim, Silvério começou a fazer parte do regional do Zé da Velha. O curioso é que o saxofonista Mário Pereira também tinha o seu regional. Era, praticamente, o mesmo conjunto do Zé da Velha: Walter (violão seis cordas), Valdir (violão sete cordas), Jaime (pandeiro), Marcio Huck (cavaquinho). Só mudava a cor da calça e do sapato. Zé da Velha e seus chorões (camisa listrada, calça preta e sapato preto), Mário Pereira e seus chorões (camisa listrada, calça branca e sapato branco).

Linha 625: Olaria-Saenz Peña

Para ficar mais afinado com Zé da Velha, no final dos anos 80, Silvério largou o lote que morava na Tijuca e alugou um apartamento em Olaria, do seu tio, Geraldo Pontes.¹¹⁶ Outro motivo da mudança eram os inúmeros bares com música no subúrbio da Leopoldina. Olha que muita gente boa bebeu da água olariense. Já falamos do ator e compositor Zé Trindade e do mais famoso dos moradores, o mestre Pixinguinha, que, como vimos, é nome de rua em Olaria. Mas o escrete musical não para por aí: o poeta e produtor Hermínio Bello de Carvalho; o casal 20 do samba carioca, Zé da Zilda (ou Zé com Fome) e Zilda do Zé; o ritmista e compositor Armando Marçal; a cantora Nora Ney; o compositor José Luiz de Moraes, o Caninha; Cândido do Trombone; Alfredo do Flautim e Jackson do Pandeiro. Baden Powell é outro nessa lista. Ele morou na rua Leonídia, perto do Cacique

114 Entrevista aos autores no dia de 4 de novembro de 2015.

115 Em 2001, a dupla voltou ao bairro Imperial de São Cristóvão, para uma apresentação no Museu do Primeiro Reinado, na estreia do projeto Quint’Acústica. E Zé da Velha deu sua opinião sobre os jovens chorões: “Hoje há toda uma nova guarda do gênero. Uma garotada que se interessa e quer aprender a tocar. O choro não morre nunca. Ele sempre se manteve. Agora ele se renova”. Retirado de GALVÃO, Eusébio. Mais um lugar para o choro. *O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2001. D indica, p. 6.

116 Entrevista aos autores de 2 de novembro de 2015.

de Ramos.¹¹⁷ Cacique, vejam vocês, que também fica em Olaria. Mas nessa altura do campeonato é pouco provável que os Caciques da rua Uranos levem essa maluquice adiante e prefiram uma mudança de nome para “Cacique de Olaria”.¹¹⁸

No outro lado da linha do trem encontramos o Bar da Portuguesa (ainda de pé, na rua Custódio Nunes, 155), que no documentário *Saravah*, de Pierre Barouh, rodado em 1969, serviu de locação para o encontro de Pixinguinha, Clementina de Jesus e Baden Powell. Lá, desde 1972, quem mete a mão na massa é a portuguesa Donzília Gomes. No seu bar dividem o espaço sem nenhuma hierarquia fotos de Pixinguinha, um altar de São Jorge, um quadro de Jesus Cristo e camisas do Botafogo e do América. Aos domingos, a pedida é o torresmo e o jiló com carne-seca.

Beto's Bar

Também aos domingos, os agora vizinhos Zé e Silvério tocaram durante quatro anos no Beto's Bar. O estabelecimento estava plantado na rua Eleutério Mota, 247, antes da entrada da rua Bariri e próximo à esquina conhecida como Cinco Bocas – alusão às quatro ruas que desembocam no local: Angélica Mota, André Azevedo, Doutor Alfredo Barcelos e Noêmia Nunes (que é contada como duas por cruzar as ruas Angélica Mota e André Azevedo). Tudo isso, perto do ponto final do 484, antiga linha Olaria-Copacabana, hoje encurtada para o itinerário Olaria-Candelária – em virtude do projeto de “racionalização das linhas de ônibus” empreendido pelo poder municipal. Na realidade, é uma barbearagem da municipalidade na intenção de racionar à população suburbana o acesso à Zona Sul da cidade tomando apenas uma condução. Mas, nos domingos de Beto's Bar, o ônibus nem passava pela rua. Os moradores, cansados do *fino* que o 484 tirava da calçada, esticavam uma corda para o lotação não atrapalhar o choro.

117 DREYFUS, Dominique. *O violão vadio de Baden Powell*. São Paulo: Editora 34, p. 63.

118 Em 2001, para comemorar os 115 anos do bairro de Ramos, a dupla fez uma apresentação no SESC-Ramos. Segundo Silvério Pontes, “na terra de Pixinguinha. E o melhor é que o subúrbio é um reduto de chorões”. BENEVIDES, Carolina. Samba, choro e maxixe. *Jornal Extra*. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2001. Sessão, p. 2.



1 Zé da Velha ao trombone (terceiro da esquerda para direita) e seu pai Humberto no saxofone alto (sexto da esquerda para direita). Conjunto do Vitorino, clube GREIP da Penha, 1962 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

2. Zé da Velha (terceiro da esquerda para a direita) e Humberto (quinto da esquerda para a direita). Conjunto do Vitorino, clube GREIP da Penha, 1962 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

3. Zé da Velha (trombone), Pixinguinha (sax), João da Baiana (feliz da vida) e Donga (prato e faca) na festa surpresa para Pixinguinha no bar Gouveia, na Travessa do Ouvidor, onde o maestro e seus amigos de copo tinham cadeira cativa. 1963 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

4. Zé da Velha ao trombone, acompanhado por grupo de músicos na festa surpresa para Pixinguinha no bar Gouveia, 1963 (arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

5. Zé da Velha (de pé, segundo da esquerda para a direita) no quartel-general da banda do IAPC, anos 1950 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

6. Zé da Velha comandando a roda no bar Santa Teresinha, na rua Francisco Ênes, Penha Circular, 1970 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

7. Zé da Velha entre Luciana Rabello (cavaquinho) e Raphael Rabello (violão), “escondido” atrás do trombone. 1970 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

8. Zé da Velha com a turma do Suvaco de Cobra na Penha Circular (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).





5



6



7



8



9



10



11



12

9 a 13

Sequência de imagens de Zé da Velha com o Grupo Sambalândia, 1970 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

14 Silvério Pontes (quinto da direita para a esquerda) ensaiando com a Banda Lira da Esperança, anos 1970 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).



13



14



15. Zé e Silvério com Luís Melodia, o “Melodi”, no Teatro Municipal de Niterói, na gravação do disco Samba Instrumental, 2002 (Arquivo de Zé da Velha e Silvério Pontes).

16. Zé da Velha e Silvério no Clube do Choro em Brasília, grêmio musical da maior responsabilidade criado em 1977 (Arquivo de Zé da Velha e Silvério Pontes).

17. Zé da Velha e Silvério Pontes na capa do segundo LP do duo, Tudo Dança, 1998 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).



18



19



20

18. Zé da Velha e Silvério Pontes no estúdio para gravação de “Gente Carioca” (Francis Hime), 2001 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

19. Zé da Velha e Silvério sentados na mureta do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), anos 90 (Arquivo de Zé da Velha e Silvério Pontes).

20. Zé Velha e Silvério e o violonista Rogério Souza (Foto: Marília Figueiredo).

21. Na foto dá até para ouvir os contrapontos de Zé Velha e Silvério Pontes (Foto: Marília Figueiredo).



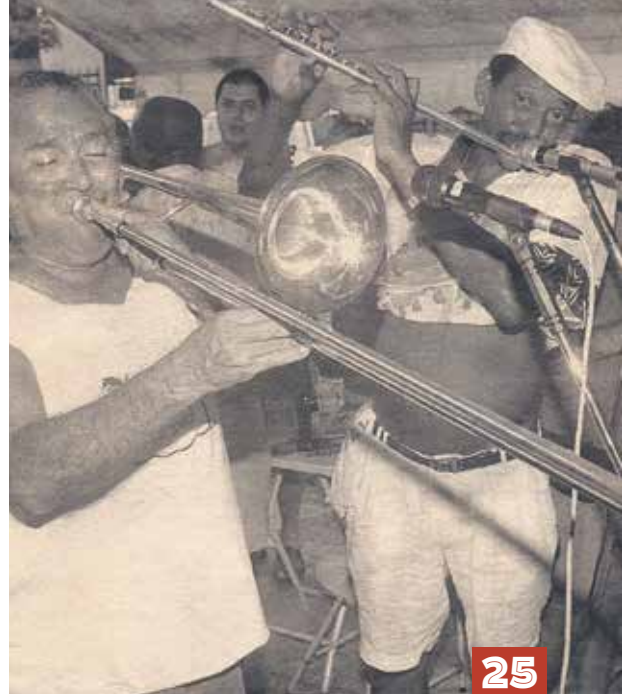
21

22. Zé da Velha e Silvério Pontes com os irmãos Everson (trombone) e Aquiles Moraes (trompete), conhecidos respectivamente como Zé da Nova e Silvério Pinguela (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

23. Paulo Moura (saxofone), Zé da Velha e Silvério Pontes tocando juntos na primeira edição do Musifest Niterói, 2004 (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

24. Zé da Velha, Silvério Pontes e a sua turma: Valter Sete Cordas (violão), Marcio Hulk (cavaquinho), Celsinho Silva (pandeiro) e Rogério Souza (violão) (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).





25. Zé da Velha no bar Zé dos Espetinhos
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

26. Zé da Velha e Silvério Pontes com o flautista
Cláudio Camunguelo, em Bonsucesso
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

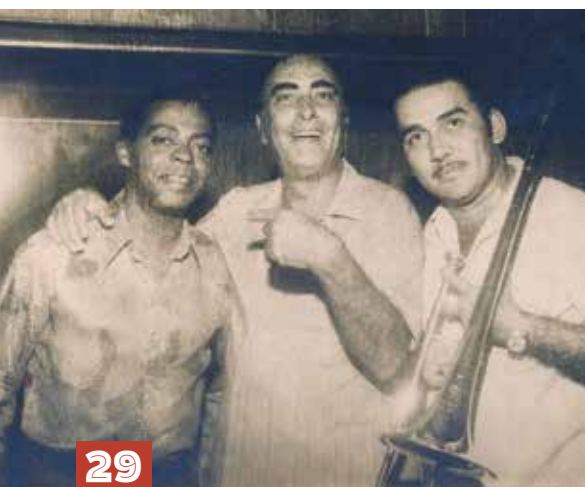
27. Grupo Orquídea no bar Salete na Tijuca, 1998.
Fundado em 1957 pelo espanhol Manolo e afamado
pelas empadinhas e chopes, o restaurante é ponto
obrigatório antes dos jogos no Maracanã. A partir da
esquerda, no sentido horário: Agenor do Pandeiro,
Ronaldo do Bandolim, Zé da Velha; Rogério Souza
(violão 6 cordas), Marcio Hulk (cavaquinho) e
Silvério Pontes
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).





28. Zé da Velha e Grupo Chapéu de Palha: Valdir de Paula Silva (violão 7 cordas), Toco Preto (cavaquinho), Zé da Velha (trombone), Josias Nunes dos Santos (flauta), Rubens dos Santos (piston), Jaime (pandeiro), José Henrique "Parada" (percussão) e Jairo (violão) (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

29/30/31
Zé da Velha tocando violão e maraca, sem data (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).





32

31 a 33.
Zé da Velha e seus amigos chorões, sem data
(Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).



33



34



36



35

34. Zé da Velha no Beto's Bar em Olaria (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

35. Zé da Velha (trombone de vara) com o grupo Chapéu de Palha na boate de grã-fino Regine's, localizada no subsolo do Hotel Méridien no Rio de Janeiro. Era na boate que o jet set nacional batia ponto. 1979. (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

36. Imperador de Ramos na rua Euclides Faria, 111. Aos sábados rolava almoço dançante com Zé da velha e seus chorões e à noite jantar dançante com Zé da Velha e Orquestra, em 1990. (Arquivo Zé da Velha e Silvério Pontes).

Esse povo é de veneta

Os músicos chegavam ao Beto's às 10 horas da manhã e eram recebidos pelos donos do estabelecimento, Sueli e Beto. No *menu*, pimentão recheado com carne moída, panqueca de camarão, mocotó no copo e trouxinhas de repolho com carne-seca. Para beber, “aplicação”, ou seja, batidas de caju, jeni-papo e maracujá, além de cerveja de casco escuro com preço honesto. Para Dona Sueli, os fregueses não seguiam uma regra na degustação dos petiscos, deixando o pessoal da cozinha perdido: “Esse povo é de veneta. Há dias que a panqueca some antes de eu ter tempo de dar uma olhada nela. Outras vezes é a trouxinha de repolho com carne seca ou mocotó no copo que acabam rapidamente.”¹¹⁹ A frequência dos músicos era rotativa: Walter (violão), Pedrinho (maestro), Délio Lacerda (violão), Jurandir (pandeiro), Bimba (bandolim), Américo (cuíca e surdo), Dino (cavaquinho), Mário Pereira (clarinete e saxofone) e Jonas (cavaquinho).

Às vezes, Silvério vinha direto do aeroporto para a domingueira olariense. Pegava uma carona com Tim Maia. O cantor tinha uma irmã que morava na rua Barreiros, em Ramos. Na frente do Beto's Bar havia uma quitanda cujo dono era um português, digamos, pouco afeito à música brasileira. Para agradar o “patrício”, os músicos tocavam uns três fados. Ele, feliz da vida, lembrava da Terrinha e mandava umas cervejas e uns tremoços para a rapaziada. Ainda no bairro, a dupla Zé e Silvério se reunia também com a Turma da Taberna, na esquina das ruas Andorinha e Vandenkold. Para Zé da Velha, o espírito da coisa era o mesmo do Beto's Bar: “Não recebíamos nada para tocar. Era pelo prazer de tocar na Leopoldina e para arrecadar fundos, com a venda de bebidas, para a festa do Dia das Crianças.”¹²⁰

119 No Beto's, o fim de semana é mais gostoso. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1990. Bairros, p. 5.

120 Zé da Velha e Seus Chorões tocam de graça em Olaria. *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1999. Jornais de Bairro, Zona Norte, p. 14.

Hora de botequim

Saindo de trem da estação de Olaria, passamos por Ramos e chegamos em Bonsucesso, que em eras priscas foi Bom Sucesso do Rio, bairro onde o jogador Leônidas da Silva cantou de galo antes de ir para o Flamengo. Zé da Velha e Silvério Pontes também ciscaram no terreiro de Bonsucesso, nas tardes de domingo, no Botequim do Choro, que ficava na rua Clemenceau, 245.¹²¹ O esquema tático era o mesmo dos bares anteriores: “mesas espalhadas na calçada e a preparação de deliciosos acepipes para glutão nenhum botar defeito: camarão cozido no vapor, temperado com limão, sal, alho e coentro; carne seca à mineira, bobó de camarão e picanha acebolada”.¹²²

O circuito da dupla continuou a todo vapor nos bares Orquídea, Aconchego da Bahia, Monteiro e Pernambuco (Supremo Paladar), em Niterói;¹²³ no Arco da Velha, na Lapa, e no Satchmo (o nome é uma referência ao apelido de Louis Armstrong), em Botafogo. A dupla já se apresentou até mesmo num salão de sinuca, o Sinucão da Adega, em Higienópolis, onde Zé da Velha era considerado “um amigo da antiga e um excelente instrumentista”.¹²⁴

Zé da Velha já confessou algumas vezes que é no botequim que ele se sente mais à vontade para tocar: “Eu gosto de tocar em bares, pois é onde eu me sinto melhor. Eu não gosto de fazer ‘shows’. O palco me deixa muito pouco à vontade. Me sinto preso, nervoso, um tanto tenso. Ficava à vontade no Beto’s Bar: gostava de tocar lá, onde o que valia era a amizade. Fazia questão de não cobrar nada e manter o espírito do lugar. Uma das razões para o Suvaco de Cobra ter acabado foi a ganância de alguns.”¹²⁵

121 A Turma da Taberna batia ponto das 12h às 16h, encabeçada por Zé da Velha e seus chorões: Agenor (pandeiro), Beto Silva (cavaquinho), Walter Silva (violão), Silvério Pontes e Cláudio Camunguelo (flauta). Já no Botequim do Choro, em Bonsucesso, o time aqui era outro: Pedrinho (cavaquinho), Silvério Pontes, Mario Pereira (sax tenor), Zé da Velha e o padrinho da dupla, Cláudio Camunguelo.

122 SAINT-CLAIR, Clóvis. Um boteco onde todos choram. *O Dia*. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1992. D final de semana, p. 16.

123 No Bar Aconchego da Bahia, no bairro do Ingá, em Niterói, tocavam Silvério Pontes, Zé da Velha, Ronaldo do Bandolim, Alexandre Maionese e Marcio Hulk; no Orquídea, em 1996, compunham a roda Rogerio Souza (violão), Zé da Velha, Marcio Hulk (cavaquinho), Carlinhos Leite (violão) e Ronaldo do Bandolim; no Satchmo, em Botafogo, a turma que acompanhava a dupla era Marcio Huck (cavaquinho), Walter Silva (sete cordas) e Celsinho (pandeiro).

124 Entrevista aos autores em 4 de novembro de 2015.

125 Ibid.

Bodega, botica e biblioteca

Zé e Silvério resolvem boa parte do seu repertório na mesa do bar e têm certo orgulho de possuir, segundo eles, “muitas horas de botequim”. Na realidade, parte do nosso repertório afetivo saiu das mesas de bar. Horas de botequim não faltaram na construção das parcerias entre Tom Jobim e Vinicius de Moraes, ou Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho, só para ficarmos com essas duas duplas. Tom e Vinicius selaram sua parceria em 1956, bebendo *whisky* nas mesas do bar Villarino, no Centro do Rio. Por sua vez, a aproximação entre os mangueirenses foi um pouco diferente, como contou Brito: “Havia um bar na praça Tiradentes que era de péssima reputação, onde entravam mendigos, pés de cana, prostitutas de última classe. Havia vários bares, a Leiteria, mas era ali que podíamos ir. Acho que nem tinha nome, mas era conhecido como Cabaré dos Bandidos. A barra era pesada ali. Íamos tomar cerveja preta, eu pagava. Ele (Nelson Cavaquinho) estava sempre 100% duro. Assim fizemos muitas músicas juntos. Nelson fazia um pedaço, eu fazia outro.”¹²⁶

Segundo peritos no assunto, a palavra *botequim* tem origem ancestral no grego *apothèkè*, “porão, cômodo inferior, adega”, que é cognato de *biblioteca* e deu origem a *adega*, *botequim* e *botica*. Etimologia que leva o historiador Luiz Antonio Simas, um especialista no assunto, a uma verdade ululante: “É a definição perfeita, já que botequins de responsabilidade não são apenas lugares para petiscos, bebidas, tira-gostos e refeições. Os melhores funcionam como farmácias para o corpo e a alma e bibliotecas onde a vida pode ser lida com intensidade.”¹²⁷

O bom filho à casa torna

Na última década do século XX o espaço do choro se reduziu, como assinala o jornalista João Pimentel: “Alguns anos antes de a Lapa recuperar sua vocação boêmia, em meados dos anos 90,

¹²⁶ *Guilherme de Brito põe seu sorriso no caminho*, Pedro Alexandre Sanches: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1504200019.htm>

¹²⁷ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2015-08-19/luiz-antonio-simas-os-bares-nascem-numa-quarta-feira.html>. Acesso em: 4 de novembro de 2015.

poucos lugares na cidade abrigavam o choro. [...] O Mandrake, em Botafogo, o Sobrenatural em Santa Teresa e o Bar do Chorinho, na rua Clemenceau, em Bonsucesso, eram os únicos pontos de encontro dos chorões.” A crítica é pertinente, mas curiosa, se levarmos em conta os inúmeros bares onde a nossa dupla se apresentou nesse período. O ressurgimento da Lapa acontecia. Silvério dá uma canja na matéria: “Quando a Lapa se formou, tivemos uma grande contribuição nesse processo, seja no Semente, no Arco da Velha ou no Coisa da Antiga. O samba e o choro atraíam um público seleta que sentia falta das rodas. Quando as grandes casas surgiram, separaram alguns dias da semana para o choro, sempre os piores - segunda e terça.”¹²⁸

Entretanto, foi numa quinta-feira, e não numa segunda ou terça, no Centro do Rio, na rua da Carioca, em meados dos anos 90, que apareceu o Mário. Mas que Mário? Aquele que fazia a gafeira de Zé da Velha e Silvério Pontes saltar das rodas e dos salões para o mercado fonográfico.

128 PIMENTEL, João. Choro dos chorões em busca do seu espaço. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2008. Segundo Caderno, p. 10.

CAPÍTULO 6

ELE & EU

Na Gafieira

Gafieira que se preza tem sorteio de galinha ou macarronada.¹²⁹

Raul de Barros, trombonista

A sensação que dá de tocar entre os dois mestres da melodia e do contraponto, do choro pra dançar, é a de uma matriz sólida e aberta a receber quem mais vier. Os dois se bastam, mas estão com o coração musical pulsando em sintonia com quem quiser abraçá-los. E eu tenho a sorte de pulsar volta e meia com eles!

Daniela Spielmann, musicista



Zé da Velha e Silvério Pontes atacando no trombone e no trompete, anos 2000.
(Foto Marília Figueiredo).

129 Raul de Barros e Toninho Café na Sala Funarte: Subúrbio e tradição em clima de gafieira. *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1979. Matutina, Cultura, p. 25.

Nos anos 90, a parceria entre Zé da Velha e Silvério Pontes *quase subiu no telhado* por causa dos famosos ataques de ciúme de Tim Maia. Porém, antes disso, o compositor de “Azul da Cor do Mar” desembarcou com a galera da Vitória Régia em outra praia. Também nesse período, Tim Maia era garoto-propaganda da Impecável Maré Mansa. No princípio, a famosa rede de lojas de roupa vendia calças, camisas, sapatos, meias, cintos e cuecas apenas para militares da Marinha - geralmente, de primeira viagem, ou melhor, de baixa patente. Mas Tim não foi o primeiro artista contratado pela Impecável, que outrora contou com nomes como Zé Trindade, Matinhos, Luiz Gonzaga, Martinho da Vila e Agnaldo Timóteo. Para vender melhor o seu peixe, a rede patrocinou também um programa de TV, o “Impecável Show”, e o impagável programa humorístico de rádio, “A Turma da Maré Mansa”, que contava com um escrete de tirar o fôlego: Chico Anysio, Zé Trindade, Matinhos, Antônio Carlos, Jacinto, Germano, Ema D’Ávila, Walter D’Ávila, Ary Leite, Tutuca, Paulo Gracindo, Brandão Filho, Jô Soares e Os Trapalhões. Em um dos *jingles* feitos para a Impecável Maré Mansa, Tim Maia precisava de vozes femininas para fazer *backing vocal*. E nessa as “meninas” da Vitória Régia entraram de gaiato. Tim abriu o jogo para a banda:

— Ô, Silvério, meu irmão... Hoje eu vou gravar um *jingle* pra Impecável Maré Mansa, meu irmão! Mas eles querem umas minas para fazer o vocal...

Silvério entendeu e não se esquivou:

— Tim, a gente mesmo da Vitória Régia grava o coral, imitando “as minas”.

Enquanto a banda gravava o naipe de metais, Tim entrava: “A Impecável...”

E o coral “feminino” da Vitória Régia atacava em falsete: “Marééé Mansaaa!!”

Tim mais tarde comentou:

— Não é que ficou bom o coral, meu irmão! Toma aí dois cachês, do naipe de metais, das minas do *backing vocal*, e umas roupinhas da “A Impecável... Marééé Mansaaa”, meu irmão!

Mas voltando às ciúmeiras de Tim Maia: uma vez Silvério foi convidado, com Zé da Velha, para participar do programa *Hoje é*

Dia de Choro, na TV Manchete.¹³⁰ Porém, cioso dos compromissos de trabalho, Silvério pediu ao saxofonista da banda Vitória Régia, João Batista Martins, para avisar ao grupo e, principalmente, a Tim que chegaria atrasado para o ensaio. Quando Silvério pintou no pedaço, avisaram que o “Síndico”, como Tim era chamado, queria uma “reunião de condomínio” com urgência.

Silvério foi até o quarto onde estava o cantor e viu aquela “cena de terror”: Tim de cueca, na realidade uma samba-canção, fumando de tudo e assistindo no videocassete à apresentação de Zé e Silvério no programa *Hoje é Dia de Choro*, da TV Manchete. Tim solta a pérola:

– Ô, Silvério, que história é essa de você gravar com esse tal de Zé Bodega? Ou você toca com a Vitória Régia ou com esse trombonista aí...

Silvério rebateu:

– Não é Zé *Bodega*, é Zé da Velha!

Apesar da bronca, Tim Maia curtiu muito o som que Silvério produziu com o “Zé Bodega”.

Assim eu não gravo!

Tempos depois, Silvério largaria a banda Vitória Régia, mas continuaria tocando com o Zé *Bodega*, ou melhor, da Velha. Em 1994, a dupla se apresentava no bar Encontros Cariocas, na rua da Carioca, 40. Certa noite, o produtor Mário de Aratanha foi ao encontro dos dois. Manda-chuva do selo Kuarup, Mário aparentemente queria levar ao disco o som dessa *big* parceria. Mas não. O convite para um CD autoral, a princípio, incluía só o Zé da Velha. Mas este, sem pestanejar, tomou as dores do parceiro, e, à semelhança do célebre personagem Alberto Roberto, de Chico Anysio, soltou um sonoro: “Assim eu não gravo! Sem Silvério, eu não gravo”. Silvério Pontes e a turma do deixa-disso tiveram de resolver essa bola dividida:

130 Programa *Hoje É Dia de Choro*. TV Manchete, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFLWysjZZpY>. Acesso em: 7 de abril de 2016. Músicos que participaram da edição do programa *Hoje É Dia de Choro*: Zé da Velha (Trombone), Silvério Pontes (Trompete), Valdir Silva (Cavaquinho), Luna (Pandeiro), Álvaro Carrilho (Flauta e Flautim), Valter Silva (Violão), Maurício Carrilho (Violão) e Waldir do Surdo (Surdo).

— Zé, você já gravou no disco de todo mundo - Abel Ferreira, Joel Nascimento, Paulo Moura, Chapéu de Palha... É hora de gravar o seu disco.

— Tá bem, Silvério. Mas só vou gravar se você gravar comigo!”¹³¹

Mário aceitou os argumentos de Zé da Velha e disse “que a ideia do disco surgiu naturalmente, no convívio com Zé e Silvério.”¹³² Ele também conta sobre o lançamento do disco *Só Gafieira*, que parou o comércio em Olaria: “Não lembro exatamente em qual rua aconteceu esse lançamento em Olaria. Mas o pessoal do bairro fechou a rua. Sabe quantos discos nós vendemos? Todos! Muita gente nem tinha aparelho de CD e comprou mesmo assim.”¹³³ A ideia de Mário de Aratanha era gravar pela Kuarup, selo importantíssimo na história do choro, com mais de 40 discos sobre o gênero. Um disco solo de Zé da Velha. É dele também uma das grandes tiradas sobre Zé da Velha e a dupla: “Zé da Velha toca como fala ou fala como toca. Ele fala dentro do trombone. Agora você imagina, mas isso já é especulação, se ele tivesse uma boa voz para cantar? Zé da Velha e Silvério são a dupla de instrumentistas mais importante da música brasileira. Mais que Pixinguinha e Benedito Lacerda. Pois Pixinguinha e Lacerda tinham um outro tipo de relação, de parceria. Zé e Silvério tocam juntos esse tempo todo, sem nunca deixar a peteca cair.”¹³⁴

Em 1995 saía o primeiro disco solo da dupla pela Kuarup: *Só Gafieira*. Espaço importantíssimo de divulgação da música brasileira e de entretenimento das classes populares, as gafieiras cariocas se consolidaram no século XX, a exemplo da Estudantina, da União do Bem-querer, da Mimosas Japonesas, da Kananga do Japão e da Elite. Bailando com sua pena, o historiador José Ramos Tinhorão abre espaço no salão: “O aparecimento dos salões de dança – depois denominados genericamente gafieiras – representa um curioso momento na história das relações de classe no Rio de Janeiro. Essa novidade da criação de um serviço de bar e música de dança à base de conjuntos de sopro, cordas e percus-

131 Entrevista aos autores no dia 2 de novembro de 2015.

132 Entrevista de Mário de Aratanha aos autores no dia 10 agosto de 2016.

133 *Ibid.*

134 *Ibid.*

são, geralmente instalados em salões de velhos sobrados do antigo centro comercial do Rio, ou de alguns bairros e subúrbios mais populosos, surgiu no fim da segunda metade do século XIX, como uma evidente consequência ocorrida após a abolição da escravidão (...) Essas sociedades recreativas representavam a primeira criação social de grupos praticamente sem experiência de ‘vida de salão’. Tanto isso é verdade que, na tentativa de imitar os bailes da gente da classe média, tais eram os pequenos equívocos de etiqueta cometidos, que um cronista chamaria pela primeira vez esse tipo de clubes de gafieiras para expressar, sob esse neologismo, a verdadeira enfiada de *gaffes* que neles sempre ocorria”.¹³⁵

Porém, nos anos 60 e 70 do século passado, esse modelo de negócio entrou em colapso: “Na gafieira em crise, nem todo ambiente ainda exige respeito: na Estudantina, onde de 64 a 67 todo o Rio de Janeiro dançou, porque foi moda na chamada roda intelectual, já não se vê passarem nem os proletários nem os moradores de Ipanema. E no jirau do salão, cadeiras perpetuamente empenhadas passam atestado da quase falência do gênero”.¹³⁶

O curioso é que, nesse contexto de vacas magras e do avanço das discotecas nos anos 70, surgiu a gafieira de grã-fino. Como a New York City Discothèque, que virou New York City Discolaser e, por fim, se converteu na gafieira Carinhoso, em 1979, no bairro de Ipanema. Zezinho Esteves, um dos sócios da Carinhoso (o outro era Chico Recarey), não gostava de rótulos e não morria de amores pelo termo *gafieira*: “Nós não chegamos a ser uma gafieira de luxo. Somos um restaurante dançante que adotou gêneros de músicas dos anos 50, orquestra ao vivo revezando-se com o conjunto. Nosso repertório de música popular brasileira – orquestra sob a direção de Eduardo Lage – é universal, lembrando muito Glenn Miller. Gafieira aqui no Rio de Janeiro é perigoso: frequentador da noite carioca é muito vaidoso. Não se acostuma com a expressão *gafieira*...”¹³⁷

135 TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 206-207.

136 Na gafieira em crise nem todo ambiente ainda exige respeito. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1972. Matutina, Geral, p. 9.

137 FRIAS, Lena. As gafieiras de luxo: o samba tradicional, regado a champanhe francês. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1979. Matutina, Cultura, p. 19.

Se gafieira vem ou não de gafe, paira uma dúvida em nossa literatura sobre o assunto; o que não deixa margem nenhuma para questionamentos é a afirmação do experiente arranjador Zé Menezes sobre a música de gafieira: “não existe uma música brasileira mais jazzística do que a de gafieira [...] o próprio balanço de gafieira não se presta para a grande orquestra [...] [ela] pesa, e a gafieira é mais livre”.¹³⁸

Essa liberdade dos sons de gafieira propalada por Zé Menezes encaixa como uma luva nas execuções de Zé da Velha e Silvério Pontes. O improviso da menor *Big Band do Mundo* fica nítido no primeiro CD da dupla – mesmo levando em conta que é uma gravação em estúdio, sem o calor e o estímulo dos salões.

A construção dessa linguagem dançante, com balanço, é resultado da intimidade dos dois com o repertório “moldável” ou próprio para os salões. Segundo Silvério, “Zé pegou ainda o apogeu das gafieiras nos anos 60 e 70. Tocar música pra dançar juntinho, nos salões, sempre fez parte do nosso repertório. Eu e Zé tocamos gafieira, mais pesada, com Paulo Moura e banda, no Magia Tropical, clube do Jardim Botânico, Zona Sul do Rio; tocamos também no bar Encontros Cariocas, Centro do Rio. Aí era uma minigafieira, uma *pocket* gafieira, onde as pessoas dançavam muito”.¹³⁹

Hoje se toca de tudo um pouco nos salões das antigas gafieiras, que ainda resistem a duríssimas penas. Porém, a bolacha de Zé e Silvério propriamente dita foi um sucesso: “Neste fim de ano, *Só Gafieira*, com o trombonista Zé da Velha e o trompetista Silvério Pontes, é uma das ótimas surpresas. A combinação trombone-trompete na linha de frente tem em Zé da Velha e Silvério os parceiros ideais, com total entendimento e suingue exuberante. Silvério, sem prejudicar a linha brasileira, lembra o fraseado de Kenny Dorham em ‘Camunguelando’, e essa faixa conta também com os solos fuzilantes de Cláudio Camunguelo (flauta) e Mário Pereira (clarinete).”¹⁴⁰

138 SPIELMANN, Daniela in: Reflexões sobre a construção dos discursos e dos sentidos sobre “gafieiras” no Rio de Janeiro”. *ANAIS* do IV SIMPON, Simpósio Brasileiro de pós-graduando em música, 2016, p. 8.

139 Entrevista aos autores em 2 de novembro de 2015.

140 RAFFAELLI, José Domingos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1995. Matutina, Segundo Caderno, Discolândia, p. 5.

Para o pesquisador Marcos do Trombone, o disco *Só Gafieira* virou uma referência para interpretar o choro, em especial para os trompetistas e trombonistas. Na partitura de “Acariciando”,¹⁴¹ de Abel Ferreira, transcrita por Marcos do Trombone para sua tese de doutorado e cedida gentilmente para nosso livro, pode-se observar a maneira como a dupla executa o choro: com extrema liberdade e improviso, alinhavando uma linguagem característica em seus trabalhos fonográficos e em suas apresentações.¹⁴²

Tudo dança

Os dois primeiros discos da dupla, *Só Gafieira* e *Tudo Dança* (Rob Digital, 1998), foram indicados ao prêmio Sharp da Música Brasileira, o que não é pouco coisa. O jornalista João Pimentel co-

141 Partitura de “Acariciando”:

Acariciando
Zé da Velha e Silvério Pontes Compositor: Abel Ferreira

♩ = 80

The musical score for "Acariciando" is written for Trumpet in C, Violão (Guitar), and Trombone. The tempo is marked as ♩ = 80. The score is divided into four systems, each with a key signature change indicated by a box containing the letter 'A'. The chords and melodic lines are as follows:

- System 1 (Measures 1-5):** Chords: F, A^bdim, Gm7, D7/F#, Gm, C7, F. Instruments: Trumpet in C (rest), Violão (melody), Trombone (melody).
- System 2 (Measures 6-10):** Chords: B^bdim, F, Gm, C7, F, B^bdim, F, D7, Gm7, C7. Instruments: C Tpt. (rest), Trombone (melody).
- System 3 (Measures 11-15):** Chords: F, E7, Am, Am, E7, E7. Instruments: C Tpt. (rest), Trombone (melody).
- System 4 (Measures 16-20):** Chords: Am, D7, Gm7, C7, F, B^b7, F, Gm7, C7, F. Instruments: C Tpt. (melody), Trombone (melody).

142 Entrevista de Marcos do Trombone aos autores no dia 20 de março de 2016.

mentou, no jornal *O Globo*, o segundo trabalho dos músicos: “O CD *Tudo Dança* do trombonista Zé da Velha e do trompetista Silvério Pontes, mais do que o título sugere, é, na verdade, uma verdadeira aula de música e dos ritmos brasileiros dançando nas gafieiras da vida. (...) A dupla de instrumentistas mostra por que é considerada a mais completa do gênero. (...) Zé da Velha, que aprendeu o fraseado típico dos chorões da antiga com sopros suaves e contraponto irresistível, faz uma ponte essencial entre o choro tradicional e o choro moderno. A medida do sucesso de seu casamento musical com Silvério Pontes – um trombonista apaixonado por choro, mas que lapidou o som rascante acompanhando ícones da MPB”.¹⁴³

Ainda de lambuja, o disco *Tudo Dança* e o *show* de lançamento da bolacha, no Teatro Carlos Gomes, no centro do Rio, foram considerados os melhores do ano pela crítica especializada.¹⁴⁴

Flugelhorn no samba

Em 2000, para desespero de Zé da Velha, o êxito dos dois CDs levou a dupla a uma turnê internacional. Primeiro foram a Portugal. Segundo Maria Braga (produtora da dupla, de 1999 até 2003): “foi uma viagem de 30 dias, com apresentações nas cidades de Guimarães, Viana do Castelo, Seixal, Lisboa, Póvoa do Varzim, Mafra e Arraiolos”. E estiveram em Paris, com uma apresentação no Parc de la Villette, onde uma pequena multidão assistiu ao show. Ao final, o público “exigiu” a volta de Zé e Silvério ao palco para o bis. Resultado: a apresentação varou a madrugada e fez muita gente perder o “bonde” pra casa – *un amour* à primeira vista. Se o nosso Zé da Velha, como já escrevemos em algum lugar nesse livro, não gosta de viajar, não podemos dizer o mesmo do primeiro companheiro de viagem de Silvério Pontes, o músico Renato Piau. Ele adora viajar com a dupla: “Minha mãe costuma dizer o seguinte: ‘O galo, onde canta, janta!’. E você vai nessa onda de chorão com Silvérinho e você bebe e come em qualquer lugar do mundo. Sem pagar

143 PIMENTEL, João. *O Globo*. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1999. Matutina, Segundo Caderno, Discolândia, p. 2.

144 Discolândia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1999. Matutina, Segundo Caderno, p. 2.

nada, diga-se de passagem. Andar com Silvério e Zé da Velha é a janta garantida.”¹⁴⁵

Após o lançamento de sua discografia, a dupla virou figurinha carimbada nos estúdios. Choviam convites para participarem de gravações. Uma delas foi em total clima de gafeira. Em 2001, os dois foram convidados pelo pianista e compositor Francis Hime para gravar, pelo selo Biscoito Fino, no disco *Choro Rasgado*. O detalhe do novo álbum é a regravação de “Gente Carioca” (Francis Hime), onde a dupla, ao lado de Altamiro Carrilho e Paulo Sérgio Santos, balançou o estúdio como se fossem os salões das decanas gafeiras cariocas Estudantina e Elite.

Alguns anos antes, em 1998, os dois participaram do CD em tributo aos vinte anos da morte do compositor Candeia - *Eterna Chama*, lançado pela Perfil Musical. Na gravação de uma de suas obras-primas, “Dia de Graça”, Silvério entra com seu *flugelhorn* e Zé com seu tradicional trombone.

O *flugelhorn*, para os ouvidos curiosos, é um instrumento de sopro da família do trompete com afinação em Si bemol e notas mais graves. Silvério geralmente usa quando quer gravar uma música mais suave, visto que sua extensão é mais baixa. O músico também utiliza com frequência o trompete com surdina - para mudar a sua timbragem. Em músicas como “Flamengo”, do CD da dupla *Ele & Eu*, Silvério utilizou o bombardino, que é um instrumento similar ao trombone, porém com piston. Isso ocorre quando Zé da Velha faz os contracantos e Silvério a melodia. “Quem ouve o *Ele & Eu* parece até dois Zés da Velha tocando”, brinca Silvério.¹⁴⁶

Orquídea

No final dos anos de 1990, ao lado dos instrumentistas Ronaldo do Bandolim, Marcio Hulk (cavaquinho), Rogerio Souza (violão), Silvério encabeçava, aos domingos, as rodas de choro no bar Orquídea, em Niterói. Chorões de todos os cantos batiam ponto por lá. Niterói é berço de exímios instrumentistas, e corre à boca miúda que músico da cidade só atravessa quando pega a Ponte Rio-Niterói...

145 Entrevista de Renato Piau aos autores em 20 de janeiro de 2016.

146 Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

O som dos chorões aos domingos acabou na gravadora da cidade, o selo Niterói Discos (depois relançado pela Rob Digital): *Orquídea, Choro e Samba em Niterói*. “Queríamos deixar registrados os encontros semanais no Orquídea. Já houve período em que a cidade era frequentada por nomes como Abel Ferreira, Paulinho da Viola e Raphael Rabello, mas infelizmente não existe material editado dessa fase”, conta Rogério Souza, referindo-se às reuniões organizadas por Jonas do Cavaquinho, do Época de Ouro”.¹⁴⁷

Silvério convidou Zé, outro frequentador assíduo do Orquídea, para gravar com ele as músicas “Menina Flor” (Luiz Bonfá e Maria Helena Toledo) e “Galho de Ortiga”, choro de Zé do Alípio, um compositor de Laje do Muriaé, amigo do pai do Silvério. Zé da Velha ainda gravou “Matuto” (Ernesto Nazareth), com Ronaldo do Bandolim e Carlinhos Leite. Silvério pôs seu sopro em mais uma melodia: “Valsa Para Leila”, de Guinga e Aldir Blanc:

Tu te nublarás, me eclipsarei...
Nuvens em nossa cabeça.
Toma, Peter Pan, só um Lexotan
Pra que tanto amor não te enlouqueça (...)

Um dos chorões mais assíduos no Orquídea era Carlinhos Leite (violão de 6). Músico do histórico conjunto Época de Ouro, Carlinhos acompanhou Pixinguinha em muitas apresentações e certamente provou da mesma iguaria que levou Jacob do Bandolim a compor o choro “Doce de Coco”. Reza a lenda que Jacob ficou nas nuvens após saboreá-lo, em uma casa no bairro de Santa Rosa, em Niterói:

Doce de coco, meu bom-bocado
Meu bom pedaço de fato eis o esparadrapo
Que não desgrudou de mim...

147 RIBEIRO, Luciano. Reuniões de bambas em forma de CD. *O Globo*. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1999. Matutina, Jornais de Bairro, Niterói, p. 24.

O trombone isolado de Zé

No começo do século XXI, o trombone ganhou as páginas dos jornais e arrastou Zé da Velha para o centro do palco. Tudo começou quando o então senador da República Antônio Carlos Magalhães, notório caudilho do Nordeste, pertencente às fileiras do antigo PFL, começou a criticar o governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso: “A Bahia sabe o que quer, a Bahia não se vende. A Bahia se conquista com amor, coisa que o governo federal não está fazendo com a nossa terra. O governo federal dá proteção para os ladrões roubarem mais. Com os ladrões roubando mais, o povo está cada vez mais pobre. Sou um tambor que vibra contra os ladrões, sou um tambor que grita pela prisão dos corruptos.”¹⁴⁸ O então presidente Fernando Henrique Cardoso respondeu com um breve comentário: “O senador Antônio Carlos é igual a Requião (senador Roberto Requião, do PMDB do Paraná), um trombone isolado na orquestra.” A deixa foi dada.

O chargista Chico Caruso entrou atirando no *saloon*. Retratis-ta do cotidiano da política em jornais do país, Chico transformou a resposta de FHC em uma apologia ao trombone, usando Zé da Velha como mote. De quebra, com seu irmão Paulo Caruso, convidou Zé para se apresentar com seu Conjunto Nacional no Café do Teatro Arena, em Copacabana. A animação era geral: “Só posso agradecer ao Chico, por ter colocado o trombone na ordem do dia”, diz Zé da Velha, bem-humorado na sessão de fotos. “A mim não, ao presidente Fernando Henrique”, responde Chico, de bate-pronto.¹⁴⁹ Os parceiros de palco de Zé da Velha eram o cartunista Aroeira (saxofone), Redi (percussão), Voluzi Vidal (vocaís), George Vidal (guitarra), Adriano Busco (bateria) e os irmão Caruso no vocal. No repertório do *show*, pérolas como: “Bom dia, Iugoslávia”, “500 Anos de Corrupção”, “Melô da Vaca Louca”, “Mercotango”, “Bife a Cavalo” e “Bom É Ser Presidente” (Chico e Paulo Caruso).

148 FRANCISCO, Luiz. Palanque com ACM cai e fere ao menos 27 pessoas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 de março de 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u16791.shtml>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

149 ARAÚJO, Bernardo. Zé da Velha é o ‘trombone isolado’ dos irmãos Caruso. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de abril de 2001. Segundo Caderno, p. 2.

Ciranda de Lia

Subindo da Bahia de ACM em direção a Pernambuco, nossa dupla foi convidada pela mais famosa cirandeira brasileira, Lia de Itamaracá, a participar do seu segundo disco, *Eu Sou Lia*, de 2000 (Ciranda Record). A musicalidade de Lia é construída por sua capacidade de apreender a tradição oral, as muitas vozes que sopram em seus ouvidos com a memória do passado (segundo ela, “um dom de Deus e graça de Iemanjá”).

E qual é a escola de Zé da Velha e Silvério Pontes? O choro. Justamente um gênero que se molda nos improvisos e floreios realizados por instrumentistas que bebem na oralidade do estilo, sobretudo nas rodas que sintetizaram o encontro de gerações de músicos. A dupla descabela o trombone e o trompete no CD *Eu Sou Lia*. Silvério destaca a importância do encontro: “A Lia de Itamaracá é uma cirandeira de mão cheia. Tivemos um contato com ela bem bacana quando ela veio para o Rio fazer uns trabalhos. Ela acabou nos convidando para tocar em Pernambuco. Executamos a ciranda bem livre, fazendo uns contracantos diferentes com esse ritmo regional. Nós colocamos umas células de choro e de samba na música dela. Lia é uma compositora importante e uma pessoa queridíssima. Tocamos com ela nos *shows* e ficamos felizes por gravar um CD juntos.”¹⁵⁰

Zé e Silvério entraram nessa ciranda de Lia tocando “Mal de Amor” (Neres e Saúde) e “Meus Cabelos Brancos” (Baracho):

*Mas eu vivo na beira da praia
Ouvindo as pancadas do mar
Minha vida não é mais aquela
E agora eu vou é cirandar (...)*

Yamandu: violão e trompete

Ao pôr os pés no Rio, o passo-fundense Yamandu Costa logo se aproximou de Zé e Silvério e convidou-os para gravar em seu primeiro disco *Yamandú* (Acari, 2002), produzido por Maurício Carrilho. Silvério Pontes lembra aqui os primeiros encontros com

o violonista: “Yamandu era um jovem de vinte anos com estilo e linguagens bem diferentes. Um músico extraordinário. É nosso amigo até hoje de bate-papo, de tomar cerveja, e sempre lembra de nós em seus trabalhos.”¹⁵¹

Na música “Machucando”, de Adalberto de Souza, os violões de seis cordas de Maurício Carrilho e de sete de Yamandu sustentam os solos de Zé da Velha e Silvério Pontes. De quebra, Silvério e Zé ainda deram um baile no registro do choro “Flamengo” (Bonfíglio de Oliveira) - música indispensável em seus *shows*: “O Yamandu falou que a gente nunca toca da mesma forma. Somos tradicionais e modernos. Trazemos a velha escola para hoje, mas o nosso intuito não é tocar certinho, mas sim a alma das pessoas. Passei anos da minha vida tocando exatamente o que lia, depois tirei o papel da minha frente. Isso eu aprendi com o Zé”, relata Silvério.¹⁵²

Uma história que Silvério gosta sempre de lembrar é do presente que o violonista lhe deu. O pai de Yamandu, Algacir Costa, tocava trompete e violão e era líder do grupo “Os Fronteiriços”, onde Clary Costa, mãe de Yamandu, cantava. Com a morte do pai, Yamandu pediu ao amigo Silvério que ficasse com o trompete francês do velho. Mas Silvério, sempre preocupado em ajudar os outros, perguntou se não poderia dar o instrumento para um garoto talentoso que começava a carreira. O trompete acabou nas mãos do jovem Aquiles, de Cordeiro. Certo dia, Yamandu estava na Praça São Salvador, entre os bairros de Laranjeiras e Flamengo, no Rio, bebendo uma gelada, e ouviu um solo de trompete. Seus olhos lacrimejaram lembrando do pai. Aproximou-se da roda montada no centro da praça e viu Aquiles tocando o trompete francês do velho. Ligou imediatamente para Silvério: “Tchê, você tinha razão de dar o instrumento para o garoto; acabei de ouvi-lo e fiquei todo arrepiado”.¹⁵³

151 Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015

152 PIMENTEL, João. O grande trombone do choro. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2010. Matutina, Segundo Caderno, p. 2.

153 Entrevista aos autores no dia 4 de novembro de 2015.

Brasileirinho no sassarico

É disso que eu gosto. Fui feito para tocar no
meio do povo.¹⁵⁴

Zé da Velha

Saindo da Praça São Salvador, caminhamos até a Igreja da Penha. Desta vez com um grande elenco, o nosso duo entrou na roda para gravar na escadaria da Igreja da Penha, com seus 382 degraus, para o documentário *Brasileirinho*,¹⁵⁵ do diretor Mika Kaurismäki, rodado em 2005: “A tal diversidade do choro não é mera arbitração em *Brasileirinho*, que exhibe da roda mais tradicional – uma incrível aos pés da Igreja da Penha, protagonizada pelos irmãos (Beto e Henrique) Cazes, por Joel Nascimento, Zé da Velha e o flautista Cláudio Camunguelo, entre outras figuras intocáveis do choro atual – às diferentes vertentes do choro.”¹⁵⁶

Ao som de “Saudações”, de Otávio Dias Moreno, os “galãs da fita” Zé da Velha e Silvério deram seus depoimentos: “O choro é o jazz brasileiro. No jazz a pessoa toca, faz o solo e depois sai improvisando, no estilo americano. E o nosso estilo, que é no caso o choro, tocamos a primeira, a segunda, a terceira parte. E quando voltamos, voltamos no improviso. Uma coisa que você toca criando.”¹⁵⁷

Um ano depois de entrar em cartaz em *Brasileirinho*, a dupla gravou o CD *Sassaricando – e o Rio inventou a marchinha* (Biscoito Fino, 2006). Das 102 músicas do álbum duplo, eles registraram 81 (45 juntos). Um recorde! A bolacha, para quem não sabe, é a trilha sonora do musical de mesmo nome, escrito por Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral. O espetáculo dá o maior caldo até hoje.

154 PRUDENTE, Paulo Henrique. Olaria, a casa do mestre do choro. *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1999. Matutina, Jornais de Bairro, zona norte, p. 12.

155 Em 2007, a fita de Mika Kaurismäki virou bolacha (Rob Digital, 2007). Nossa dupla participou de sete das 16 faixas do disco. Destaque para “Um chorinho pra você”, do maestro Severiano Araújo. A linha média era formada por Carlinhos 7 Cordas (violão 7 Cordas), Daniela Spielmann (saxofone soprano), Laudir de Oliveira (percussão), Márcio Hulk (cavaquinho), Paulinho Black (bateria), Paulo Moura (clarineta), Silvério Pontes (trompete) e Zé da Velha (trombone).

156 SUKMAN, Hugo. Choro no mundo: filme de Mika Kaurismäki que passa em Berlim desafia o gênero carioca. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2005. Segundo Caderno, p. 1.

157 Depoimento de Zé da Velha e Silvério pontes in Mika Kaurismäki (dir.). *Brasileirinho* (doc.). Brasil, Finlândia e Suíça, cor, 90 minutos, em 16min50 a 18min, 2005.

As duplas

O Zé é autodidata que tem a música na veia. Toca pensando na harmonia, antecipa os caminhos. Acho que é o fato dele tocar violão, a técnica dele é de contraponto.

Silvério Pontes

Eu adoro fazer contracanto. No CD (*Ele & Eu*) você pode notar que eu acompanho o Silvério fazendo outras coisas. A Minha mania é essa.¹⁵⁸

Zé da Velha

O papel das duplas na música brasileira esteve geralmente relacionado ao canto. Falamos do ponto de vista midiático. Poucos foram os instrumentistas que tiveram destaque nesse campo.

Nos anos de 1930, uma profícua parceria deu-se entre os maiores cantores da época: Mário Reis e Francisco Alves. O samba andava meio em baixa. Era o momento da música nordestina, que, com seus conjuntos característicos, despertava no público urbano o interesse pelos cantos regionais e as vestimentas folclóricas. Francisco Alves, sempre com faro apurado para o mercado, convidou Mário para cantarem, sobretudo, os sambistas do bairro do Estácio, a fim de saírem da maré ruim que o samba atravessava. Surgiu daí uma sequência de sucessos, dos quais os compositores Bide, Marçal, Ismael Silva, Cartola, Noel Rosa eram os principais personagens.

O sucesso de Mário e Francisco abriu novos caminhos para a parceria vocal. Tornou-se um modismo cantar em duo ou até mesmo em trio. Castro Barbosa cantava com Jojoca, numa cópia “quase fiel” de Francisco Alves e Mário Reis. A “Pequena Notável”, Carmem Miranda fez duo com sua irmã Aurora. Zé da Zilda, compositor que passou para história como Zé com Fome, autor da pérola “Império do Samba”, cantou ao lado da sua mulher, Zilda, também conhecida como a Zilda do Zé.

Nos discos *Ele & Eu* (Kuarup, 2000) e *Samba Instrumental* (Niterói Discos, 2003), de Zé e Silvério, a participação de sam-

bistas convidados deu a tônica em algumas faixas. *Samba Instrumental*, por exemplo, contou com Luiz Melodia em “Escurinho” (Geraldo Pereira) e com Dona Ivone Lara em “Alguém me Avisou” (Dona Ivone Lara). Silvério Pontes reforça que o disco, gravado ao vivo (em 2002 e lançado em 2003) no Teatro Municipal de Niterói, “tinha como objetivo mostrar como os sambas antigos têm semelhanças melódicas com o choro. Os compositores incorporaram muito da riqueza de músicos como Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga. Quisemos provar que o samba é filho do choro e contamos com a parceria do Marcos Gomes e André Diniz à frente da Secretaria de Cultura de Niterói para lançar o trabalho”.¹⁵⁹

Apesar de recheado de sambas de Cartola, Paulinho da Viola, Geraldo Pereira e Nelson Cavaquinho, o CD *Ele & Eu* mantém do começo ao fim uma sonoridade predominantemente de choro: “Renovar sem fugir às origens – esta é a diretriz do mais novo trabalho da dupla [...] Zé e Silvério emprestam suíngue novo a antigos clássicos, como o choro ‘Flamengo’, de Bonfiglio de Oliveira (1894-1940) ou ‘A César o Que É de César’ (do mesmo autor), ambos com um balanço amaxixado irresistível, trazendo ecos de corta-jaca. Um ambiente quase jazz, meio samba-canção, vem à tona em ‘Voltei ao Meu Lugar’, do Maestro Carioca, que conta com trompete com surdina, piano de Francis Hime, violões de Rogério Souza, do grupo “Nó em Pingo D’Água”, e ganzá discreto de Celsinho Silva. No mesmo clima, a versão *cool* de ‘Cordas de Aço’ (Cartola) é mais um achado do disco, onde Silvério mostra que, além de choro, samba e gafieira, faz bonito no estilo Chet Baker, pegando fundo nos pianíssimos, nas dinâmicas e no fraseado longo e pungente. E aqui, mais uma vez, o violão de Rogério Souza faz toda a diferença. Disco de muitas nuances, o choro “pra valer” come solto no clássico “Carioquinha” (Waldir Azevedo), com Ronaldo do Bandolim (Época de Ouro, Trio Madeira Brasil) solando e aproveitando os contracantos de Zé da Velha”.¹⁶⁰

159 Entrevista aos autores em 2 de novembro de 2015.

160 Clique Music. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/ele-e-eu>. Acesso em: 23 março 2016.

Muito bem acompanhados

Pixinguinha morreu no lugar certo, numa igreja. Eu considero aquele homem um santo.¹⁶¹

Zé da Velha

A faixa-título “Ele & Eu” é uma homenagem à parceria de Pixinguinha e Benedito Lacerda, nos idos de 1940. Benedito se aproximou do sistematizador do choro e pai da orquestração brasileira, formando a mais famosa dupla de instrumentistas da história do gênero (e, possivelmente, da música popular).

Tudo começou porque Pixinguinha andava tendo uns probleminhas na execução de sua flauta. A última aparição do flautista em um estúdio de gravação fora em 1942, solando na Odeon os seus choros “Chorei” e “Cinco Companheiros”. Flautista desde pequeno, nunca houve uma explicação oficial dada por ele para largar a flauta pelo saxofone. Uns diziam que a bebida o fazia tremer demais para executar o instrumento, outros que sofria de sérios problemas dentários, perdendo a embocadura.

O fato é que o maior flautista da história do choro não deixaria por menos essa troca de instrumentos. O compositor Benedito Lacerda, assim como tantos outros músicos, resolveu ajudar o amigo. Disciplinado, com grande tino comercial, Benedito administrava sua carreira muito bem, e o seu regional era o mais conceituado do tempo: Canhoto no cavaquinho, Dino Sete Cordas, o violonista Meira, Gilson no pandeiro e Pedro da Conceição na percussão. O grupo acompanhou os principais cantores e cantoras da época. Benedito conversou com Pixinguinha e lhe fez uma proposta da China.

Com ótima relação no mercado musical, Benedito conseguiu o dinheiro para o amigo quitar as prestações atrasadas de sua casa, na rua Belarmino Barreto, em Olaria – Pixinguinha andava mal das pernas, com poucos convites para trabalhar –, e também um contrato para gravarem 25 músicas, mas acabaram saindo 34 músicas e 17 discos pela RCA Victor. O primeiro deu o ar da sua graça em 1945. A contrapartida? Todas as músicas

161 LUIZ, Milton. O palco do MAP recebe a menor *Big Band* do mundo. *O Tempo*. Belo Horizonte, 10 de outubro de 2001. Magazine, p. 5.

gravadas pela dupla, mesmo aquelas compostas anteriormente, seriam registradas como de autoria de ambos. Será que essa parceria valeu a pena para Pixinguinha? Antes de qualquer coisa, registre-se que a parceria com Benedito Lacerda o motivou a compor mais, fazer novos arranjos e dirigir orquestras. Flautista admirável, Benedito solava enquanto Pixinguinha fazia os contracantos (melodia secundária que dialoga com a principal) geniais no saxofone em peças como “O Gato e o Canário”, “Um a Zero”, “André de Sapato Novo”, “Vou Vivendo”, “Ingênuo”, “Pagão”, “Sofres Porque Queres” e tantas outras.

Os contrapontos que Pixinguinha fazia com Benedito eram fruto do seu aprendizado com o músico Irineu de Almeida (apelidado de Irineu Batina, devido a uma casaca que usava todo santo dia, fizesse chuva ou sol) da banda do Corpo dos Bombeiros, morador da casa do seu pai, a Pensão Viana. Na histórica gravação da Casa Edison, em 1911, na música “São João Debaixo D’água”, podem-se ouvir direitinho Pixinguinha na flauta e Irineu no oficleide, executando os contracantos que décadas depois seriam repetidos por Pixinguinha, na parceria com Benedito.¹⁶²

As apresentações e gravações de Zé da Velha e Silvério Pontes também são coalhadas de contrapontos. Zé afirma que, quando foi tocar com Pixinguinha e a Velha Guarda, nunca ouvira antes as suas gravações. Quando se conheceram, o próprio Pixinguinha perguntou onde o rapazola aprendera aqueles belos contracantos. Seu contracanto era intuitivo, o que não exclui a influência que o mestre passou a ter em sua trajetória. “Para mim”, diz Zé da Velha, “o som que se casa mais é o trompete e o trombone, isso é questão de gosto; eu solo e o Silvério faz os contracantos, ou o inverso. Tem hora que fazemos até um dueto”, salienta nosso trombonista.¹⁶³

Já Silvério ouvia em casa o pessoal da Velha Guarda e se familiarizou com a linguagem na discografia e nas rodas de choro que participou com o parceiro: “Zé tem uma linguagem própria de fazer contrapontos na música. Toca livre em cima de um tema. Ninguém toca desse jeito. Não há outra dupla de trombone e trompete tocando choro. Geralmente é flauta, clarinete e bando-

162 “São João Debaixo D’água” (Pixinguinha e Irineu Batina). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BrXW000tOyc>. Acesso em: 23 de março de 2016.

163 Entrevista aos autores em 15 de outubro de 2015.

lim. Nossa música lembra um pouco a de New Orleans, porque a sonoridade de bocal é diferente e o choro normalmente não é feito para estes instrumentos. Tocar música de Pixinguinha no trombone e no trompete é complicado.”¹⁶⁴

Em 2006, a dupla fez um tributo ao maior chorão de todos os tempos, no CD *Só Pixinguinha*, lançado pela Biscoito Fino. “Os Oito Batutas”, “Já te digo” e “Ingênuo”, o choro predileto de Pixinguinha, compõem parte da trilha do trabalho com aquele gostoso sotaque de gafieira, de ouvir para dançar, com luxuosos arranjos dos maestros Henrique Cazes e Jayme Vignole. E, claro, sempre acompanhado do trio Alessandro Cardoso (cavaquinho), Netinho Albuquerque (percussão) e Charles da Costa (violão).

A faixa “Carinhoso”, de Pixinguinha e João de Barro, uma obra-prima de nossa música, traz o sublime triálogo entre Silvério, Zé da Velha e o violão de Yamandu Costa. Hoje “Carinhoso” é considerado o choro mais conhecido, mas, quando Pixinguinha o compôs, em 1917, ele não despertou o mínimo interesse das gravadoras e do público. Alguns críticos afirmam que “Carinhoso” era um choro moderno, composto em duas partes, enquanto os choros tradicionais eram produzidos em três partes - a propalada forma rondó. Por isso, o silêncio das prateleiras foi o destino da composição do jovem de apenas vinte anos. O próprio Pixinguinha, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, em 1968, confirma: “Eu fiz o ‘Carinhoso’ em 1917. Naquele tempo, o pessoal nosso da música não admitia choro assim de duas partes, choro tinha que ter três partes. Então, eu fiz o ‘Carinhoso’ e encostei. Tocar o ‘Carinhoso’ naquele meio, eu não tocava... ninguém ia aceitar!”

“Carinhoso” é levado ao disco em 1928 pela Orquestra Típica Pixinguinha-Donga. Ainda sem letra, a música teria mais duas gravações instrumentais. Mesmo tocando em rádio e rodas de choro, em 1930 a melodia era desconhecida de boa parte do público. Em 1936, Darcy Vargas, mulher do então presidente Getúlio Vargas, convocou a grã-finagem carioca para participar de um espetáculo beneficente no Teatro Municipal. Entre as atrações do dia estava a jovem cantora e atriz Heloísa Helena, que, sem saber o

164 LUIZ, Milton. O palco do MAP recebe a menor *Big Band* do mundo. *O Tempo*. Belo Horizonte, 10 de outubro de 2001. Magazine, p. 5.

que apresentar, pediu a Braguinha (João de Barro) uma letra para o choro “Carinhoso”. A melodia até já recebera uma letra, feita por Benoit Certain, mas foi a de Braguinha que pareceu encaixar com perfeição na música de Pixinguinha. O resto é história muito propagada: o novato cantor Orlando Silva, em 1937, grava a música e ela vira uma das canções mais conhecidas no país, lançando Orlando ao estrelato.¹⁶⁵

Cameratas Radamésicas

Silvério tem 36 anos e nossa integração ao vivo é perfeita. Na verdade, somos um regional metido a besta.¹⁶⁶

Zé da Velha

Uma página importante a registrar nesses mais de 150 anos de choro é a proximidade de Radamés Gnattali com o gênero. Radamés era um maestro de formação clássica, mas ouvia desde cedo os “pianeiros” (pianistas populares) e tocava cavaquinho e violão. Seu espírito irrequieto e o dia a dia do seu trabalho nas rádios do Rio como arranjador fizeram de Radamés uma figura indispensável para a música brasileira.

Nos anos 1960, Radamés e sua irmã Aída fizeram uma série de gravações históricas nos estúdios da Rádio MEC, interpretando dez músicas de Ernesto Nazareth e duas suítes de Gnattali. Essas gravações ficaram perdidas por 32 anos; e, em 1992, acabaram registradas em CD pelos irmãos ao piano.

A pedido do bandolinista Joel Nascimento, o maestro Radamés compôs uma versão da suíte “Retratos” para o grupo de choro Camerata Carioca. A nova formação, com abordagem camerística, deu margem ao aproveitamento do potencial de cada ins-

165 O choro cantado é obra do poeta Catulo da Paixão Cearense. Catulo, no começo do século XX, colocou letra em alguns choros, como “A Flor Amorosa”, do flautista Joaquim Callado. Apesar do sucesso de alguns choros com letra, exemplo de “Lamento”, de Pixinguinha e Vinicius de Moraes, o mais comum é que as letras não encontrem com facilidade morada nas melodias. Para os mais puristas, e o choro é um gênero rodeado deles, choro é instrumental e ponto! Mas essa ideia vai por terra quando se ouve Ademilde Fonseca, a Rainha do Chorinho, cantando em alta velocidade.

166 NETO, Bráulio. O som das gafeiras promete esquentar o verão. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1998. Matutina, Segundo Caderno, p. 12.

trumento, diferenciando-se totalmente dos tradicionais regionais. Surgia a Camerata Carioca.

Essa abertura ao novo, pós Camerata Carioca, influenciou Silvério Pontes, Zé da Velha e uma geração de chorões, que aproveitaram o potencial de seus instrumentos em formações inusitadas para a história do gênero. As duplas são apenas uma formação desse universo de músicos essencialmente profissionais – digo, vivendo só de música, compondo, arranjando, tocando – das últimas décadas do século XX.

Existem exemplos aos borbotões de parcerias entre chorões levadas ao disco. Mas ou elas não tiveram a repercussão de Pixinguinha e Benedito ou não atingiram a longevidade e a produtividade de Zé da Velha e Silvério Pontes – os dois lançaram seis CDs, com mais de 80 músicas gravadas, sem contar as gravações de que participaram como convidados.

Novas pontes: Zé da Nova e Silvério Pinguela

Eu sou aposentado. Pela manhã eu fico em casa, pego o instrumento, estudo um pouquinho. Depois vou para o bar beber uma cervejinha, bater um papo. Depois tomo um banho, almoço, tiro uma soneca. E nos fins de semana eu saio por aí pra tocar, sem lugar certo. A minha vida é essa.¹⁶⁷
Zé da Velha

No encarte do sexto disco da dupla (*Ouro e Prata*, Des Arts, 2012), João Pimentel, pontua, sem delongas: “Enfim, poderia passar laudas e laudas a exaltar as virtudes da dupla, mas vou me ater ao que acho ser fundamental para eles estarem comemorando 25 anos de união, enquanto o Zé festeja seus 50 de carreira: a amizade! Amizade que supera as barreiras da idade, que faz com que as diferenças estéticas, musicais ou mesmo cotidianas se transformem em uma coisa só, em som. Cada nota, cada contraponto, cada sopro é um gesto de amor. E o disco *Ouro e Prata*, o sexto da dupla,

167 Revista *Backstage*, ed. n. 63, junho, 2000, p. 50.

não podia ter um nome mais adequado. É rico, é reluzente, tem peso e representa a nossa grande música(...)"¹⁶⁸

De fato, a parceria dos dois surgiu de forma espontânea, da construção da amizade transformada em som, “como almas afins”, nas palavras de Silvério. Zé tocou com diversos clarinetistas, saxofonistas, bandolinistas, mas a afinidade entre os dois e o som melodioso que tiram dos instrumentos se encaixam perfeitamente. Seus contracantos, as várias vozes que saem de suas apresentações, preenchendo os espaços como uma orquestra, levaram o músico Maurício Carrilho a atribuir à dupla a alcunha de “a menor *Big Band* do mundo”.

Silvério Pontes e Zé da Velha não tinham referência de parceria entre o trombone e o trompete na história do choro e, possivelmente, nem em toda a música popular. Por essas e outras Zé e Silvério, segundo o jornalista Tárik de Souza: “Ocupam um lugar singular na MPB, por terem associado a qualidade técnica a um desempenho de grande empatia com o público, especialmente numa era em que a música instrumental foi relegada a um plano secundário pela imediatista mídia de massa. Eles são carismáticos, mobilizam as plateias e ao mesmo tempo, mantêm o rigor estético de grandes virtuosos em seus instrumentos, num diálogo incessante e criativo.”¹⁶⁹

A partir de Zé e Silvério, várias duplas surgiram. Uma delas é Everson Moraes (trombone) e Aquiles Moraes (trompete), conhecidos, respectivamente, como “Zé da Nova” e “Silvério Pinguela”. Os irmãos tocam no grupo Os Matutos, de Cordeiro. Eles começaram a tocar em cima dos discos de Zé e Silvério, mais ou menos como Silvério fazia ao ouvir os choros do Zé da Velha e da turma do Pixinguinha. Assim, salienta Silvério, “como Everson e Aquiles, essa formação se espalhou pelo país, com gente de qualidade criando a partir dos nossos trabalhos”.¹⁷⁰

Se hoje em dia as duplas que fazem “sucesso” são as sertanejas, talvez por isso, os nossos instrumentistas passaram

168 O disco *Ouro e Prata* – dedicado aos amigos de sopro Paulo Moura, Barrosinho, Márcio Montarroyos e Radegundes – tem participações especiais de mestres de várias gerações como Domininhos, Carlos Malta, Paulo Sérgio Santos, Bebê Kramer, Marcelo Caldi, Leandro Saramago, Alexandre Maionese e Rafael Mallmith. E o time que vira e mexe toca com a dupla: Charles da Costa, Alessandro Cardozo e Netinho Albuquerque. Na cozinha, Rodrigo de Jesus e Jakaré. Tudo fera!

169 Entrevista de Tárik de Souza aos autores em 7 de outubro de 2016.

170 Entrevista aos autores no dia 15 de outubro de 2015.

um mau bocado na cidade de Marliéria, no interior de Minas Gerais.

Praça cheia aguardando o show. A expectativa do público era grande. No camarim, sempre bem-humorados, Zé e Silvério esperavam a entrevista da rádio local. De repente, entra um senhor de óculos escuros, bem arredondado, e senta na cadeira vaga:

- Eu sô o locutor da rádio daqui. O *público* tá muito feliz *co'a* vinda *docês* aqui. *Conta'qui pa nós*, o que *ocês* canta?

Silvério olhou para Zé e seguiu-se aquele minuto de constrangimento.

- Nós não cantamos, nós tocamos trombone e trompete - respondeu Silvério.

- Uai sô, como assim? *Pensem*o que *ocês* fosse *u'a* dupla de *cantô!* *dess'aí de sertanejo*...

Na hora do show, o trombone e o trompete fizeram a festa. A cidade tinha quatro mil habitantes e grande parte deles estava na praça curtindo os choros e os sambas instrumentais. Depois da apresentação, sob um calor dantesco, Zé e Silvério rumaram com os amigos para um velho armazém na localidade, para relaxar bebendo uma gelada. Lá pelas tantas, apareceu um fã eufórico:

- *Noss'inhora* gente, eu nunca vi um conjunto *igualaocês*, onde *ocês* arrumam tanto vento pra *soprá* *aquel'* trem lá, sô? Óia, o que mais gostei *docês* é que é um conjunto que não tem *cantô*, nossa mãe do céu, isso é *bão dimáis* da conta!

DISCOGRAFIA

Música / compositor(es)

Disco

Intérprete(s)

Participação especial

“A César o Que É de César” (Bonfiglio de Oliveira)

Zé da Velha e Silvério Pontes. *Ele & Eu* (Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Acariciando” (Abel Ferreira e Lourival Faissal)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafeira* (Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Ainda me Recordo” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)

Zé da Velha e Silvério Pontes. *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Alguém me Avisou” (Dona Ivone Lara)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental* (Niterói

Discos, 2003) Zé da Velha e Silvério Pontes

Dona Ivone Lara (voz)

“Alinhavando” (Silvério Pontes e Chico Nacarati)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata* (Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Alvorada” (Cartola, Carlos Cachaca e Hermínio Bello de Carvalho) Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Amigo Velho” (Hélio Nascimento e Cristóvão de Alencar)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Aos Pés da Cruz” (Marino Pinto e José Gonçalves)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes, Rildo Hora (gaita)

“Aquarela Brasileira” (Silas de Oliveira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Aurora” (Mário Lago e Roberto Roberti)Diversos Artistas, *Sassaricando: E o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Balzaquiana” (Nassará e Wilson Batista)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Barracão” (Oldemar Magalhães e Luiz Antônio)Trio Madeira Brasil e Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo* (Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Teresa Cristina (voz) e Zezé Gonzaga (voz)

“Boa Lembrança” (João Tomé)Diversos Artistas, *Piquenique - João Tomé*

(Independente, 2005)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bole Bole” (Jacob do Bandolim)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança - Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bole Bole” (Jacob do Bandolim)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bole Bole” (Jacob do Bandolim)

Diversos Artistas, *Ao Jacob, Seus Bandolins: Sua Música, Seus Intérpretes*
(Tributo a Jacob do Bandolim)
(Biscoito Fino, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bole Bole” (Jacob do Bandolim)

Trio Madeira Brasil e Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*
(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bons Tempos Vividos” (Luiz Grande, Barbeirinho do

Jacarezinho e Marcos Diniz)

Daniel Scisínio, *Nova Poesia*

(Niterói Discos, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Bossa nº 1” (Zé Menezes)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Brasileirinho” (Waldir Azevedo)

Diversos Artistas, *Uma História do Choro* (CD 2) (Deckdisc, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cabeleira do Zezé” (João Roberto Kelly e Roberto Faissal)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cadê Mimi?” (Braguinha e Alberto Ribeiro)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cadê Zazá?” (Ary Monteiro e Roberto Martins)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Camisa Nova” (Luiz Otávio)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Camunguelando” (Cláudio Camunguelo e Julio Costa)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Carinhoso” (Pixinguinha)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Carioquinha” (Waldir Azevedo)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Carioquinha” (Waldir Azevedo)

Diversos Artistas, *Sempre Waldir*

(Kuarup, 2002)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Casa Nova” (Pedroca)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cascatinha” (Pixinguinha)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cheguei” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Chiquita Bacana” (Alberto Ribeiro e Braguinha)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Chorei” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Chorinho de Gafieira” (Astor Silva)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Chorinho de Gafieira” (Astor Silva)

Diversos Artistas, *Uma História do Choro* (CD 2)

(Deckdisc, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Chorinho de Gafieira” (Astor Silva)

Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*

(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Paulo Moura (clarineta)

“Choro do Rio Muriaé” (Silvério Pontes)

Diversos Artistas, *Geografia Musical Brasileira: Espírito Santo / Rio de Janeiro*

(Rumos Itaú Cultural Música, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cidade Maravilhosa” (André Filho)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cinco Companheiros” (Pixinguinha)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Clube dos Barrigudos” (Cristóvão de Alencar e Haroldo Lobo)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cochichando” (Alberto Ribeiro, Braguinha e Pixinguinha)Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*

(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cochichando” (Alberto Ribeiro, Braguinha e Pixinguinha)Trio Madeira Brasil e Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*

(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cochichando” (Alberto Ribeiro, Braguinha e Pixinguinha)Nicolas Krassik, *Na Lapa* (Rob Digital, 2004)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Coitadinho do Papai” (Henrique Almeida e M. Garcez)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD 1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Compadre Bento” (Nei Lopes)Pedro Miranda, *Pimenteira*

(Independente, 2009)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Cordas de Aço” (Cartola)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Da Cor do Pecado” (Bororó)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Degraus da Vida” (Nelson Cavaquinho, César Brasil

e Antônio Braga)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Despedida de Mangueira” (Benedito Lacerda e Aldo Cabral)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Desprezado” (Pixinguinha)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Devagar com a Louça” (Luiz Reis e Haroldo Barbosa)

Casuarina, “10 anos de Lapa”

(Warner Music, 2013)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Marcos Sacramento (voz)

“Dia de Graça” (Candeia)Diversos Artistas, *Candeia: Chama Eterna*

(Perfil Musical, 1998)

Zé da Velha e Silvério Pontes

João de Aquino (violão)

“Diabo sem Rabo” (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Diplomata” (Pixinguinha)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Doce de Coco” (Jacob do Bandolim)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Doce Melodia” (Abel Ferreira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança - Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“É Agora, Crioula” (Getúlio Marinho)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Ele e Eu” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Ele Não Sabe o Que É o Amor” (Baracho)Lia de Itamaracá, *Eu Sou Lia*

(Rob Digital, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Esurinho” (Geraldo Pereira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Esurinho” (Geraldo Pereira)Diversos Artistas, *1º Compasso Samba & Choro*

(Biscoito Fino, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Luiz Melodia (voz)

“Esquerdinha na Gafieira” (Altamiro Carrilho)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Eu Hein?” (Felisberto Martins)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Eva” (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Falsa Baiana” (Geraldo Pereira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Fanzoca de Rádio” (Miguel Gustavo)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Feitio de Oração” (Noel Rosa e Vadico)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Flamengo” (Bonfiglio de Oliveira)Diversos Artistas, *Uma História do Choro* (CD 1)

(Deckdisc, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Flamengo” (Bonfiglio de Oliveira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Flor Amorosa” (Joaquim Callado)Diversos Artistas, *Uma História do Choro* (CD 1)

(Deckdisc, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Flor Amorosa” (Joaquim Callado)

Diversos Artistas, *Joaquim Callado* (CD2) – *Pai dos Chorões*

(Acari Records, 2002)

(Lata com 5 CDs e um livro biográfico escrito por André Diniz)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Flor do Abacate” (Álvaro Sandim “Santini”)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Folhas Secas” (Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Zé Paulo Becker (violão)

“Galho de Urtiga” (José Azevedo)

Grupo Orquídea, *Orquídea: Choro e Samba em Niterói*

(Niterói Discos, 1998)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Galho de Urtiga” (José Azevedo)

Diversos Artistas, *Geografia Musical Brasileira: Espírito Santo / Rio de Janeiro*

(Rumos Itaú Cultural Música, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Garota de Saint-Tropez” (Braguinha e Jota Júnior)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Gavião Calçudo” (Pixinguinha, Donga e Mário de Almeida) Zé da Velha e

Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Gavião Calçudo” (Pixinguinha, Donga e Mário de Almeida)

Diversos Artistas, *1º Compasso Samba & Choro*

(Biscoito Fino, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Gente Carioca” (Francis Hime)Francis Hime, *Choro Rasgado*

(Biscoito Fino, 2002)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Grau Dez” (Ary Barroso e Lamartine Babo)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Há Miles Que Vem Pra Bem” (Aldir Blanc e Zé Paulo Becker)Zé Paulo Becker, *Sob o Redentor*

(Independente, 2004)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Hino do Carnaval Brasileiro” (Lamartine Babo)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Homenagem a Tiradentes” (Mano Décio da

Viola, Estanislau Silva e Penteado)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira* (Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Ingênuo” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Já Te Digo” (Pixinguinha)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Joga a Chave Fora, Meu Amor” (J. Rui e João Roberto Kelly)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Lig-Lig-Lig-Lé” (Oswaldo Santiago e Paulo Barbosa)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Linda Flor Ya Yá” (Luiz Peixoto, Marques Porto, Henrique Vogeler e Candido Costa)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Linda Lourinha” (Braguinha)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Linda Morena” (Lamartine Babo)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio inventou a marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Louco” (Wilson Batista e Henrique Almeida)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Rildo Hora (gaita)

“Machucando” (Adalberto de Souza)

Humberto Araújo, *Choro Criolo*

(Fina Flor, 2004)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Machucando” (Adalberto de Souza)

Trio Madeira Brasil e Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*

(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Machucando” (Adalberto de Souza)

Yamandú Costa, *Yamandú*

(Eldorado, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Mal de Amor” (Saúde e Neres)Lia de Itamaracá, *Eu Sou Lia*

(Rob Digital, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Mamãe eu Quero” (Vicente Paiva e Jararaca)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Marangone” (João Tomé)Diversos Artistas, *Piquenique - João Tomé*

(Independente, 2005)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Marcha da Cueca” (Carlos Mendes, Livardo Alves e Sardinha)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Marcha do Cordão da Bola Preta” (Nelson Barbosa e

Vicente Paiva)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Marcha do Remador” (Antonio Almeida e Oldemar Magalhães)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Maria Sapatão” (Leleco Barbosa, Chacrinha,

João Roberto Kelly e Don Carlos)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Matuto” (Ernesto Nazareth)Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 anos depois - A alegria do improviso*

(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Matuto” (Ernesto Nazareth)Diversos Artistas, *1º Compasso Samba & Choro*

(Biscoito Fino, 2001)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Maxixe de Família” (Silvério Pontes e Chico Nacaratti)Diversos Artistas, *Chorando no Rio*

(Festival de Choro do MIS-RJ, 2001)

(CPC-UMES, 2002)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Menina Flor” (Maria Helena Toledo e Luiz Bonfá)Grupo Orquídea, *Orquídea: Choro e Samba em Niterói*

(Niterói Discos, 1998)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Menina Moça” (Luiz Antonio)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Meu Brotinho” (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Meus Cabelos Brancos” (Baracho)Lia de Itamaracá, *Eu Sou Lia*

(Rob Digital, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Mulata Iê-Iê-Iê” (João Roberto Kelly)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Músicos e Poetas” (Sivuca)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Dominguinhos (acordeom)

“Na Glória” (Raul de Barros, Ary dos Santos e Felipe Tedesco)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois - A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Na Própria Palma” (Bruno de Castro, Maurício Verde e Dona Ivone Lara)

Dona Ivone Lara, *Sempre a Cantar*

(Mza Music/Lusafrica, 2004)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Nó na Língua” (Silvério Pontes e Chico Nacarati)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“No Rancho Fundo” (Ary Barroso e Lamartine Babo)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Noites Cariocas” (Jacob do Bandolim)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois - A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Noites Cariocas” (Jacob do Bandolim)

Diversos Artistas, *Ao Jacob, Seus Bandolins: Sua Música, Seus Intérpretes*

(Tributo a Jacob do Bandolim)

(Biscoito Fino, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Noites Cariocas” (Jacob do Bandolim)

Diversos Artistas, *Ao Jacob, Seus Bandolins: Sua Música, Seus Intérpretes*

(Tributo a Jacob do Bandolim)

(Biscoito Fino, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Hamilton de Holanda (bandolim) e Maurício Carrilho (violão)

“Nós, Os Carecas” (Arlindo Marques Júnior e Roberto Roberti)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Notícia” (Alcides Caminha, Nelson Cavaquinho e Nourival Bahia)

Marcos Sacramento, *Memorável Samba*

(Biscoito Fino, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Nova Ilusão” (Pedro Caetano e Claudionor Cruz)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Ô Abre Alas” (Chiquinha Gonzaga)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“O Bom Filho à Casa Torna” (Bonfiglio de Oliveira)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“O Bom Filho à Casa Torna” (Bonfiglio de Oliveira)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*

(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“O Bom Filho à Casa Torna” (Bonfiglio de Oliveira)

Trio Madeira Brasil e Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*

(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Aquiles Moraes (trompete) e Everson Moraes (trombone)

“O Teu Cabelo Não Nega” (Lamartine Babo e Irmãos

Valença (João Victor e José Raul))

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Onde a Dor Não Tem Razão” (Paulinho da Viola e Élton Medeiros)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Os Meninos da Mangueira” (Rildo Hora e Sérgio Cabral)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Os Oito Batutas” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Paciente” (Pixinguinha)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Palpite de Gafieira” (Daniel Scisínio, Rodolfo

Dutra e Moyseis Marques)

Moyseis Marques, *Moyseis Marques*

(Deckdisc, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Palpite Infeliz” (Noel Rosa)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Paraquedista” (José Leocádio)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Paris” (Alberto Ribeiro e Alcyr Pires Vermelho)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pecado Capital” (Paulinho da Viola)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pelo Telefone” (Pixinguinha, Donga e Mário de Almeida)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental*

(Niterói Discos, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Piada de Salão” (Armando Cavalcanti e Klécio Caldas)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pierrot Apaixonado” (Heitor dos Prazeres e Noel Rosa)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pirata da Perna de Pau” (Braguinha)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pó de Mico” (Renato Araújo e Dora Lopes)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Por Que Choras?” (Bonfiglio de Oliveira)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Pra Machucar Meu Coração” (Ary Barroso)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança - Choros,*

Maxixes, Samba (Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Quero uma Cachopa” (Aldo Cabral e Pedro Almeida)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Revendo o Passado” (Freire Júnior)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros,*

Maxixes, Sambas (Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Roberta” (Mário Rossi, Roberto Roberti e Roberto Martins)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Rolo de Pastel” (Rutinaldo Silva e Klécio Caldas)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Rosa” (Pixinguinha)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Sambas*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Saída Pela Esquerda” (Rogério Caetano)

Rogério Caetano, *Pintando o Sete*

(Rob Digital, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Samba do Grande Amor” (Chico Buarque)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*

(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Samba no Pé” (Mário Sève)

Mário Sève, *Casa de Todo Mundo*

(Núcleo Contemporâneo, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sassaricando” (Oldemar Magalhães e Luiz Antônio)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Saudade de Guará” (Bonfiglio de Oliveira)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Se Você Jurar” (Ismael Silva, Nilton Bastos e Francisco Alves)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Samba*

(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sedutor” (Pixinguinha e Benedito Lacerda)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sem Compromisso” (Geraldo Pereira e Nelson Trigueiro)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*

(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sensível” (Pixinguinha)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Serpentina” (David Nasser e Haroldo Lobo)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Seu Cornélio” (Frazão e Marino Pinto)Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD 1)

(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sobe e Desce” (Waldir Azevedo)Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*

(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sonhando” (K-Ximbinho e Del Loro)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Samba*
(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Sonoroso” (K-Ximbinho e Del Loro)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*
(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Touradas Em Madri” (Alberto Ribeiro e Braguinha)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)
(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Trombone Atrevido” (Pixinguinha)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Pixinguinha*
(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Trombonista Romântico” (Carlos Lima do Espírito Santo)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*
(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Tudo Dança” (Bonfiglio de Oliveira)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Samba*
(Rob Digital, 1999)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Um a Zero” (Pixinguinha)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Um Chorinho Pra Você” (Severino Araújo)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Um Chorinho Pra Você” (Severino Araújo)

Diversos Artistas, *Brasileirinho: Grandes Encontros do Choro Contemporâneo*
(Rob Digital, 2007)

Zé da Velha e Silvério Pontes

Daniela Spielmann (saxofone soprano)

“Vai Ver Que É” (Carvalinho e Paulo Gracindo)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD2)
(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Valsa de uma Cidade” (Ismael Netto e Antônio Maria)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Só Gafieira*
(Kuarup, 1995)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Vê Se Gostas” (Waldir Azevedo e Otaviano Pitanga)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Tudo Dança – Choros, Maxixes, Samba*
(Rob Digital, 1999).

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Vê Se Gostas” (Waldir Azevedo e Otaviano Pitanga)

Diversos Artistas, *Noites Cariocas 15 Anos Depois – A Alegria do Improviso*
(Kuarup, 2003)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Velhas Pontes” (Zé da Velha e Silvério Pontes)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ouro e Prata*
(Des Arts, 2012)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Você, por Exemplo” (Noel Rosa e Francisco Alves)

Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD 1)
(Biscoito Fino, 2006)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Voltei ao Meu Lugar” (Ivan Paulo da Silva “Carioca”)

Zé da Velha e Silvério Pontes, *Ele & Eu*
(Kuarup, 2000)

Zé da Velha e Silvério Pontes

“Vou Deitar e Rolar” (Baden Powell e Paulo César Pinheiro) Zé da Velha e
 Silvério Pontes, *Tudo Dança - Choros, Maxixes, Sambas*
 (Rob Digital, 1999)
 Zé da Velha e Silvério Pontes

“Vou Deitar e Rolar” (Paulo César Pinheiro e Baden Powell)
 Zé da Velha e Silvério Pontes, *Samba Instrumental* (Niterói Discos, 2003)
 Zé da Velha e Silvério Pontes

“Zé Corneteiro” (Lalá Araújo)
 Diversos Artistas, *Sassaricando e o Rio Inventou a Marchinha* (CD1)
 (Biscoito Fino, 2006)
 Zé da Velha e Silvério Pontes

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999.
- BARBOSA, Jorge Luiz. O ordenamento territorial urbano na era da acumulação global. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- BARRETO, Lima. *Clara dos anjos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BONDUKIE, Nabil; KOURY, Ana Paula. *Os Pioneiros da habitação social*. Vol. 3. São Paulo: Editora Unesp/Edições SESC São Paulo, 2014.
- CABRAL, Sergio. *Pixinguinha: vida e obra*. São Paulo: Lumiar, 1997.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.
- CAZES, Henrique. *Choro do quintal ao municipal*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, V. I, 1949.
- DINIZ, André (org.). *Revista Boca Coletiva*. Rio de Janeiro: Al-Farabi, 2015.
- DINIZ, André. *Pixinguinha, o gênio e o tempo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- DINIZ, André. *O Rio de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2007.
- DINIZ, André; CUNHA, Diogo. *A república cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.
- DREYFUS, Dominique. *O violão vadio de Baden Powell*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FRAIHA, Sílvia et al. *Ramos, Olaria, Penha*. Rio de Janeiro: Fraiha, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2004.
- HENRIQUES, Porphirio. *A Terra da Promissão: história de Itaperuna*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., 1956.
- JESUS, Sérgio Luiz de. *Zé da Velha: vida e trajetória no choro*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- LEÃO, Joca de Souza. *Crônicas*. Recife: Cepe, 2013.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LOPES, Nei. 171: *Lapa-Irajá: Casos e enredos do samba*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 1999.

LOPES, Nei. *Dicionário da Hinterlândia carioca: antigos “subúrbios” de “zona rural”*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MELLO, Paulo Thiago; SEBADELHE, Zé Otávio. *Memória afetiva do botequim carioca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MOTTA, Nelson. *Som e fúria de Tim Maia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

OLIVEIRA, Márcio Piñon; FERNANDES, Nelson de Nóbrega (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Faperj/EdUFF, 2010.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro: reminiscência dos chorões antigos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais (crônicas de futebol)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

SEBADELHE, José Octavio; MELLO, Pedro Paulo Thiago de. *Memória Afetiva do Botequim Carioca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

SPIELMANN, Daniela. In: Reflexões sobre a construção dos discursos e dos sentidos sobre “gafieiras” no Rio de Janeiro. *Anais do IV SIMPON*, Simpósio Brasileiro de Pós-graduando em música, 2016.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Editora 34, 2005.

TINOCO, Brígido. *A vida de Nilo Peçanha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

VILHENA, Flavia. *Esses meninos e um pouco de choro*. Rio de Janeiro: CR2 Comunicação & Marketing, 2002.

HEMEROGRAFIA

ALENCAR, Emanuel. Voo para Europa: aos 47 anos trompetista Silvério Pontes prepara CD solo, que pretende lançar na Bélgica. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 5 de abril de 2008. *Jornais de Bairro*, Niterói, p. 1.

ALVES, Marcio Moreira e Teixeira Jorge Leão. Touradas em Barbacena. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1960. 2º caderno, p. 1.

ARAÚJO, Bernardo. Zé da Velha é o “trombone isolado” dos irmãos Caruso. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de abril de 2001, p.6.

ARAGÃO, Diana; FRIAS, Lena. Com sotaque de gíria. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1977. *Turismo*, p., 5.

AUTAN, Margarida. O choro volta à praça. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1977. Cultura, p. 35.

AUTAN, Margarida. Palcos, botecos e quintais estão em festa. *Jornal O Globo*, 25 de setembro de 1977. Matutina, Domingo, p. 3.

ÁVILA, Roberta. Zé da Velha e Silvério Pontes, ícones da música instrumental brasileira, fazem parte do DVD Casuarina. *Jornal Diário Catarinense*. Santa Catarina, 19 de abril de 2013. Cultura, p. 3.

BARROSO, Juarez. O Choro vem da Penha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1975. Caderno B, p. 5.

BELEZAS DA ADMINISTRAÇÃO DO SR. GOVERNADOR. *Jornal Correio de Aracaju*. Aracaju, 13 de agosto de 1949. P. 1.

BENEVIDES, Carolina. Samba, choro e maxixe. *Jornal Extra*. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2001. Sessão, p. 2.

CARNAVAL DE ONTEM E DE HOJE: na palavra de veterano folião carioca. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1956. p.12.

CABRAL, Sergio. Choro na Praça: muita coisa em poucas palavras. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1977. Matutina, Cultura, p. 38.

CHORANDOSEMPARAR 2008 HOMENAGEIA DOIS MESTRES DA MÚSICA BRASILEIRA. *Jornal Primeira Página*. São Carlos/SP, 14 de dezembro de 2008, p. 1.

COMPLETA UM ANO A BANDINHA DE OLARIA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1956, p. 11.

CONGRESSO INSTITUI O DIVÓRCIO: 226 VOTOS A 159. Nélson Carneiro quer lei "severa e justa". *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1977. País, p. 3.

DISCOLÂNDIA. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1999. Matutina, Segundo Caderno, p. 2.

EXTINÇÃO DO JOGO E CAMPANHA DE REPRESSÃO AOS COMUNISTAS. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1 maio de 1946, p. 7.

EXPOSIÇÃO MOSTRA AOS ALEMÃES ARTES E CURIOSIDADES DO BRASIL. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1970. Matutina, Turismo, p. 3.

FRANCISCO, Luiz. Palanque com ACM cai e fere ao menos 27 pessoas. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 de março de 2001, p.8.

FRIAS, Lena. As gafieiras de luxo: O samba tradicional, regado a champanhe francês. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1979. Matutina, Cultura, p. 19.

FRIAS, Lena. Joel: um bandolim faz com choro a nova festa da Penha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 de janeiro, 1977. Caderno B, p. 4.

GALVÃO, Eusébio. Mais um lugar para o choro. *Jornal O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2001. D indica, p. 6.

- GRANDE CONFLICTO. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1889, p. 1.
- HELENA, Ana. Na Penha Circular: Os chorões se divertem antes, durante e depois do carnaval. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1977. Matutina, Cultura, p. 43.
- JUNIOR, Carlos Bozzo. “Tudo Dança” no trombone de Zé da Velha. *Jornal Folha de São Paulo*, 29 de maio de 2000. Ilustrada, p. 6.
- LOURES, Alexandre. “Chorando Alto”: mescla estilo com Ed Motta. *Jornal Folha de São Paulo*. Ilustrada, 30 de outubro de 1998, p. 10.
- LUIZ, Milton. O palco do MAP recebe a menor *Big Band* do mundo. *O Tempo*. Belo Horizonte, 10 de outubro de 2001. Magazine, p. 5.
- MÁXIMO, João. O centenário do Choro nunca foi tão jovem. Bandolinista de Brasília ganha festival no qual palco e plateia juntam três gerações de músicos brasileiros. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2001. Matutina, Segundo Caderno, p. 10.
- MENDES, Antônio José. Um jeito de fugir das horas de *rush*. *Revista Domingo* (do *Jornal do Brasil*). Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1986, p. 21.
- NA GAFIEIRA EM CRISE NEM TODO AMBIENTE AINDA EXIGE RESPEITO. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1972. Matutina, Geral, p. 9.
- NETO, Bráulio. O som das gafieiras promete esquentar o verão. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1998. Matutina, Segundo Caderno, p. 12.
- NO BETO'S, O FIM DE SEMANA É MAIS GOSTOSO. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1990. Bairros, p. 5.
- NORTE FLUMINENSE APROVA O PACOTE CULTURAL. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de março de 1976. 1º caderno, p. 7.
- ORSINI, Elizabeth. O circuito do prazer. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1986. Caderno B, p. 1.
- PIMENTEL, João. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1999. Matutina, Segundo Caderno, Discolândia, p. 2.
- PIMENTEL, João. Camunguelo: flautista versador e andarilho do samba carioca começa a ser reconhecido para além das rodas. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 2001. Matutina, Segundo Caderno, p. 1.
- PIMENTEL, João. Choro dos chorões em busca do seu espaço. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2008. Segundo Caderno, p. 10.
- PIMENTEL, João. O grande trombone do choro. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2010. Matutina, Segundo Caderno, p. 2.
- POLICIAIS CRIAM NOVA SCUDERIE NO ENTERRO DE MARIEL. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1981. 1º Caderno, Policial, p. 17.
- PRUDENTE, Paulo Henrique. Olaria, a casa do mestre do choro. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1999.

RAFFAELLI, José Domingos. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1995. Matutina, Segundo Caderno, Discolândia, p. 5.

RAUL DE BARROS E TONINHO CAFÉ NA SALA FUNARTE: Subúrbio e tradição em clima de gafeira. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1979. Matutina, Cultura, p. 25.

REVISTA BACKSTAGE, Ed. n. 63, junho, 2000, p. 50.

RIBEIRO, Luciano. Reuniões de bambas em forma de CD. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1999. Matutina, Jornais de Bairro, Niterói, p. 24.

SAINT-CLAIR, Clóvis. Um boteco onde todos choram. Jornal *O Dia*. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1992. D final de semana, p. 16.

SUKMAN, Hugo. Choro no mundo: filme de Mika Kaurismäki que passa em Berlim desafia o gênero carioca. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2005, p. 8.

UM TROMBONE SUBURBANO NA NOITE CARIOCA. Jornal *Inverta*. Rio de Janeiro, agosto-setembro de 1992. Cultura, p. 10.

ZÉ DA VELHA E SEUS CHORÕES TOCAM DE GRAÇA EM OLARIA. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1999. Jornais de Bairro, Zona Norte, p. 14.

ZÉ DA VELHA, ABAFANDO COM O TROMBONE. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 junho de 1989. Matutina, Jornais de Bairro, p. 29.

ZÉ DA VELHA; UM TROMBONE PARA NINGUÉM BOTAR DEFEITO. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 8 de setembro 1985. Jornais de Bairro, p. 6.

INTERNET

Agenda Bafafá. Disponível em: <http://www.bafafa.com.br/yamandu-costa-meu-estilo-musical-e-a-musica-popular-latino-americana/>. Acesso em: 7 de abril de 2016.

ALVES, Silvan. Hoje O Bicho Vai Pegar. Disponível em: <http://silvanalves.com.br/site/02/2015/hoje-o-bicho-vai-pegar-anuncia-timbuca-que-ha-mais-de-40-anos-mantem-a-tradicao-das-touradas-na-regiao/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

Associação Brasileira de Trombonistas. Disponível em: <http://abtrombonistas.com.br/>. Acesso em: 2 de novembro de 2015.

Bangu. Net. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/noticias/jogos/1904/19041016.php>. Acesso em: 7 de abril de 2016.

Beth Carvalho. Disponível em: <http://bethcarvalho.com/mundo-melhor-1976/>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

Biscoito Fino. Disponível em: <http://www.biscoitofino.com.br/produto/so-pi-xinguinha/>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

Blog do Moa: Moacyr Luz. Disponível em: <http://youpode.com.br/blog/blogdo-moa/tag/claudio-camunguelo/>. Acesso em: 14 de junho de 2016.

Cidade Negra. Disponível em: <http://www.cidadenegra.com.br/#discografia>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Clique Music. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/ele-e-eu>. Acesso em: 23 de março de 2016.

Cordão da Bola Preta. Disponível em: <http://www.cordaodabolapreta.com/historia/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

Discos do Brasil. Disponível em: <http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/indice.htm>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

Ed Motta. Disponível em: http://edmotta.uol.com.br/pt/discos_conexaojaperi.php. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

Entrevista de Zeca Pagodinho. Disponível em: <http://osomdovinil.org/2013/12/19/zeca-pagodinho-zeca-pagodinho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

Estações Musicais da Leopoldina. Disponível em: <http://www.estacoesmusicais.org.br/portfolio/olaria/>. Acesso em: 2 de junho de 2016.

Guitarra brasileira. Disponível em: <http://guitarrabrasileira.com/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

Instituto Memória Musical Brasileira. Disponível em: <http://www.memoria-musical.com.br/bombeiros/>. Acesso em: 3 de novembro de 2015.

Instituto Paulo Moura. Disponível em: <http://www.institutopaulomoura.com.br/discos.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

Itaperuna On-line. Disponível em: http://www.itaperunaonline.com.br/Portal/modulos/livrosetextos/o_desenv_de_um_municipio_dulce/parte_3/03-cap-02-laje-do-muriae.htm. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

Kuarup. Disponível em: <http://www.kuarup.com.br/index.php/artista/ze-da-velha-e-silverio-pontes/>. Acesso em: 23 de março de 2016.

Luiz Melodia. Disponível em: <http://www.luizmelodia.com.br/#discografia>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.

Mapa para cultura RJ. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/igreja-nossa-senhora-da-piedade-2>. Acesso em: 2 de julho de 2016.

Programa *Hoje É Dia de Choro*. TV Manchete, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFLWysjZZpY>. Acesso em: 7 de abril de 2016.

SANCHES, Pedro Alexandre. Guilherme de Brito põe seu sorriso no caminho. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1504200019.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2016.

SIMAS, Luiz Antônio. Os bares nascem uma quarta-feira. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2015-08-19/luiz-antonio-simas-os-bares-nascem-numa-quarta-feira.html>. Acesso em: 2 de novembro de 2015.

Trombone Atrevido. Disponível em: <http://tromboneatrevido.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 de novembro de 2015.

Yamandu Costa. Disponível em: <http://yamandu.com.br/discografia/>. Acesso em: 1 de maio de 2016.

Zé da Velha e Silvério Pontes no Retratos Sonoros. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?list=PLFBPaIle2EiwpLs3ZChvVysefzger2_h9&-v=P17eSK67iow. Acesso em: 20 de setembro de 2015.

Zé da Velha e Silvério Pontes. Disponível em: <http://zedavelhaesilveriopontes.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 junho de 2015 e em 21 de março de 2016.

ENTREVISTAS AOS AUTORES

Zé da Velha e Silvério Pontes, em 2, 4 e 20 de novembro de 2015. Sergio Luiz de Jesus, em 20 de março de 2016.

Beth Carvalho em 29 de junho de 2016.

Renato Piau em 20 de janeiro de 2016.

Sérgio Cabral em 8 de setembro de 2016.

Mário do Aratanha, em 10 agosto de 2016.

Tarik de Souza, em 7 de outubro de 2016.

Maria Braga, em 2 de setembro de 2016.

FILMES

AKERMAN, Karen (dir.). *São Jorge de Camunguelo* (doc.). Brasil, cor, 20 minutos, 2004.

KAURISMÄKI, Mika (dir.). *Brasileirinho* (doc.). Brasil, Finlândia e Suíça, cor, 90 minutos, 2005.

BAROUH, Pierre (dir.). *Saravah* (doc.). Brasil/França, cor, 91 minutos, 1969.

AGRADECIMENTOS

Se existe uma coisa difícil de fazer em obra com tantas colaborações são os agradecimentos. Pedimos desculpas antecipadas pelas omissões, certamente perdoadas em breve com uma gelada em algum pé sujo da cidade. Faltam palavras para agradecer aos anfitriões da festa, Zé e Silvério, a oportunidade de biografar tamanha musicalidade, generosidade e amizade. Incontáveis foram as entrevistas – a primeira com direito a uma bacalhoadada no CADEG –, assim como incontáveis também foram as trocas de e-mails, telefonemas e zaps a qualquer hora do dia. Foi um privilégio.

À Isis Leite, pelas frequentes observações ao texto, nossos agradecimentos. Ao Paulo Ramos, produtor e *chef* de mão de cheia, um apaixonado pelo choro e, em particular, por Zé e Silvério, agradecemos o carinho – seus festivais em Minas Gerais mantêm acesa a chama do gênero. Outro mineiro também louco pelo choro é o cavaquinista Ausier, dono de um espaço agradabilíssimo dedicado ao gênero em Belo Horizonte, o *Pedacinho do Céu* – fundado há mais de 15 anos e palco de algumas entrevistas que fizemos. Uma delas com Marcos Flávio de Aguiar Freitas, o Marcos do Trombone, músico em vias de se tornar doutor, que cedeu gentilmente uma transcrição de como Zé e Silvério tocam em suas apresentações. Agradecemos a ele pela colaboração generosa.

A Daniele Spilmann, Mário de Aratanha, Renato Piau, Alexandre Maionese, Sergio de Jesus, Pedro Amorim, Sérgio Chiavazoli, Toni Garrido, Ed Motta, Luiz Melodia, Yamandu Costa, Maria Braga, nossos agradecimentos pelas entrevistas e apoio.

Agradecemos também ao trio onipresente, que faz Zé e Silvério muitas vezes virarem quinteto – Alessandro Cardozo, Netinho Albuquerque e Charles da Costa são amigos de longa data, de navegação de longo curso nas travessias da ponte Rio-Niterói.

Agradecemos o apoio cultural da Des Arts, do músico Carlos Mauro, da produtora Ana Lucia Charret Corrêia, além das contribuições de Lia Baron. Um agradecimento especial vai para ao maestro Henrique Cazes e para Marilia Figueiredo: obrigado pelo texto e pelas fotos tiradas, cedidas e creditadas.

Nosso muito obrigado a Nei Lopes, Tárík de Souza, Luiz Antonio Simas, Beth Carvalho e Sérgio Cabral. Somos grandes admiradores desse quinteto fantástico, de suas narrativas, seus conceitos e posicionamentos. Obrigado pelo carinho, pela deferência.

Este livro foi composto em Decour e Blanc e impresso em papel pólen bold
e Triplex pela gráfica Walprint Gráfica e Editora
em novembro de 2016.